

Carlos Alberto Borges da Silva

# RUPUNUNI

Dias de revolta

2ª edição - 2021.



**UERR**  
EDIÇÕES

Carlos Alberto Borges da Silva

# RUPUNUNI

## Dias de revolta

2ª edição - 2021.



Rupununi: Dias de revolta. Copyright © 2021 by Carlos Alberto Borges da Silva. Esta obra está licenciada sob a Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional CC BY.



Esta obra pode ser reproduzida, adaptada ou copiada, desde que mencionada a fonte/autoridade. A violação dos direitos dos autores é crime estabelecido pelas leis penais brasileiras (Lei N. 9.610/98 e Código Penal Brasileiro).

#### UERR Edições

Universidade Estadual de Roraima  
Rua 7 de Setembro, N. 231.  
Bairro Canarinho. CEP. 69306-530.  
Tel. (95) 2121-0944  
CNPJ: 08.240.695/0001-90  
contato@edicoes.uerr.edu.br

#### Conselho Editorial

Isabella Coutinho Costa  
Márcia Teixeira Falcão  
Mário Maciel de Lima Júnior  
Rafael Parente Ferreira Dias  
Rodrigo Leonardo Costa de Oliveira

#### Equipe Editorial

Carlos Eduardo Bezerra Rocha  
Cláudio Souza da Silva Júnior  
Josiane Gabriel Teixeira da Cruz

#### Projeto, diagramação e capa

Cláudio Souza Jr. (claudio@uerr.edu.br)

#### Foto da capa

Kanaku mountains and Macusi indians,  
Rupununi, by C. W. Anderson.

#### Revisão ortográfica

O autor.

#### Universidade Estadual de Roraima

Regys Odlare Lima de Freitas, Reitor.  
Cláudio Travassos Delicato, Vice-Reitor.  
Karine de Alcântara Figueiredo, Pró-Reitora de Ensino e Graduação.  
Vinícius Denardin Cardoso, Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação.  
André Faria Russo, Pró-Reitor de Extensão e Cultura.  
Alvim Bandeira Neto, Pró-Reitor de Planejamento e Administração.  
Ana Lídia de Souza Mendes, Pró-Reitora de Orçamento e Finanças.  
Glória Maria Souto Maior Costa Lima, Pró-Reitora de Gestão de Pessoas.

2ª edição: ebook (PDF), 2021.

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586r	Silva, Carlos Alberto Borges da. Rupununi: Dias de revolta./ Carlos Alberto Borges da Silva. – 2. ed.– Boa Vista, RR : UERR Edições, 2021.  144 p.  ISBN: 85-7372-615-3. ISBN: 978-65-89203-18-6 (PDF).  1. História 2. Etnologia 3. Nacionalidade 4. Revolta do Rupununi I. Silva, Carlos Alberto Borges da II. Título.
21-005	CDD – 988

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária  
Letícia Pacheco Silva – CRB 11/1135 – RR.

2ª edição, 2021



## Prefácio

Conheci o professor Carlos Borges nos corredores da Universidade Federal de Roraima quando do meu tempo de estudante de jornalismo. Na época eu ainda não havia me aventurado pelo caminho da literatura, o que só aconteceu mais tarde, depois de formado, quando trabalhava na assessoria de imprensa da prefeitura de Boa Vista no começo dos anos 2000. Foi em 2003 que comecei a esboçar meus primeiros escritos, que, 4 anos depois, se transformaram no meu primeiro livro. Hoje, em 2021, já conto com oito livros no currículo.

Dias atrás andava pelo centro de Boa Vista quando recebo um telefonema e, ao atender, do outro lado da linha era ninguém mais, ninguém menos que o professor Carlos Borges, que há muito tempo não via, não encontrava, e nem tinha notícias. Na hora fiquei surpreso, e feliz ao mesmo tempo, por ter notícias do meu amigo literato. Carlos, na ocasião, e para minha surpresa, me fez um pedido inusitado. Queria que eu fizesse o prefácio do seu livro Rupununi - Dias de Revolta, que estava lançando em formato de e-book, pedido que aceitei e que muito me honra.

O romance Rupununi - Dias de Revolta é um livro magistralmente escrito por Carlos Borges. Como fonte de inspiração usou as pesquisas usadas em sua tese de doutorado, segundo me confidenciou, e para concluir o livro foram mais 4 anos debruçados sobre a sua tese, mais pesquisas e entrevistas com pessoas que tiveram alguma participação no episódio, até que o livro ficou pronto.

A história do livro é baseada em fatos ocorridos na República da Guiana no final de 1968 e começo de 69, quando houve a chamada “Revolta do Rupununi” planejada por um grupo de fazendeiros da região, apoiados pela Venezuela. Através de um levante armado o grupo pretendia tornar independente a região sudoeste da Guiana do restante da recém criada nação, que se tornara independente em 1966, portanto apenas dois anos antes e que, anteriormente, pertencia como colônia à Inglaterra. Havia, na nova república, uma enorme disputa pelo poder e pelo comando do país entre grupos étnicos antagônicos (indoguianenses e afroguianenses) e era grande a insatisfação com o governo do primeiro-ministro da época, Forbes L.S. Burnham.

A história desse pequeno país localizado na costa atlântica norte da América do Sul e encravado entre o Suriname, a Venezuela e o Brasil, é pouco conhecida por nós brasileiros. Pouco divulgado na mídia, a vez que o país mais

chamou a atenção foi em 1978 quando o pastor americano Jim Jones, que fundara uma comunidade com o sugestivo nome de Jonestown, levou os seus adeptos e seguidores a ingerirem um refresco, uma mistura de cianeto de potássio e calmantes, o que ocasionou a morte de 904 pessoas, 304 dos quais menores. O massacre foi manchete no mundo todo. Ultimamente o país voltou às manchetes pela descoberta de uma grande reserva de petróleo em sua plataforma marítima, o que, segundo especialistas, vai alavancar a economia do país.

Sua colonização começou primeiramente pelos espanhóis, depois passou pelos holandeses com suas colônias de Berbice, Demerara e Essequibo. Em 1796 foi tomada pelos ingleses e oficialmente cedida em 1831, fazendo parte da Commonwealth e denominada de Guiana Inglesa. Conseguiu sua independência em 1966 e passou a chamar-se oficialmente República Cooperativista da Guiana, mas atualmente apenas República da Guiana.

No âmbito da economia, as autoridades da colônia na época encontravam dificuldades para encontrar trabalhadores braçais entre os índios nativos para as plantações do seu principal produto, a cana-de-açúcar, o que levou a substituí-los por escravos vindos da África. Mas, com a abolição da escravidão em 1837, a solução que a Inglaterra encontrou foi trazer trabalhadores indianos, uma vez que a Índia era, também, colônia inglesa na época. Negros e indianos formam os dois principais grupos étnicos do país. Mais tarde chegaram os chineses, árabes, portugueses e os brasileiros, principalmente na exploração dos garimpos de ouro e diamante. A língua oficial é o inglês, mas um dialeto crioulo é bastante difundido, além das línguas nativas dos emigrantes.

A Venezuela mantém uma disputa territorial fronteiriça com a Guiana há muito tempo, desde os tempos em que o alemão Robert Schomburgk chegou, em 1835, à então Colônia Britânica em viagens exploratórias, das quais originou um mapa apontando as fronteiras da Venezuela e Guiana Britânica, partindo de Moruca, cortando a tríplice confluência dos rios Mazaruni, Cuyuni e Essequibo, até a confluência do Rupununi. Schomburgk chegou a visitar também o Forte de São Joaquim, localizado nas confluências dos rios Uraricoera e Tacutu, em território brasileiro.

Depois de granjear respeito por seus feitos, em 1841 Schomburgk retornou à Guiana Britânica com a finalidade exclusiva de demarcar as fronteiras da Colônia com a Venezuela e o Brasil. O resultado dessas demarcações gerou os argumentos para as contestações dos limites de fronteiras com os vizinhos da Colônia. Por causa dessa demarcação que a

Venezuela reivindica até hoje cerca de 70% do território da Guiana, a oeste do rio Essequibo, área perdida em 1899 pelo acordo chamado de “Laudo de Paris”. Tanto é que essa região aparece no mapa da Venezuela como Zona en Reclamación. O Brasil também perdeu cerca de 19 mil km<sup>2</sup> na chamada Questão Pirara, em 1904, quando Joaquim Nabuco defendeu os interesses do Brasil, mas o mediador da questão, o rei Vitória Emanuel III, da Itália, deu o veredicto final favorável à Inglaterra, onde as terras sob influência do rio Rupununi e Maú foram divididas entre Brasil e Guiana Britânica.

Mas não quero aqui me alongar na questão histórica e nem me aprofundar numa análise literária. Não. Esse pequeno apêndice fez-se necessário apenas para que o leitor entenda melhor a dinâmica da narrativa contida no livro.

Quando li a primeira vez o romance de Carlos Borges imediatamente me apaixonei pela história do livro. Até comentei com um amigo cinéfilo, e com o próprio Borges, que o livro daria um ótimo filme de aventura, se roteirizado. Embora sendo uma obra de ficção, Borges consegue descrever tão bem os fatos, locais e acontecimentos, tornando a narrativa tão prazerosa, que, pra quem não tem nenhum conhecimento da região e desse fato histórico, poderá achar que todos os personagens são reais. O fato histórico em si é real, aconteceu de fato, mas os personagens, embora baseados em algumas pessoas que viveram, na realidade, a experiência da revolta, são fictícios. Borges conseguiu alinhavar tão bem o real com o fictício, que o leitor não saberia responder se são realmente personagens fictícios ou não. No decorrer da leitura os caros leitores poderão tomar conhecimento desse fato histórico, muito pouco divulgado e pesquisado, mas que teve uma profunda influência na vida política e social do novo país.

Rupununi – Dias de Revolta é um livro que prende a atenção do leitor do começo ao fim. Para quem aprecia esse tipo de romance, onde em suas páginas habitam personagens de personalidade forte; onde negros, índios e brancos convivem nem sempre harmoniosamente; onde paixões afloram e conflitos proliferam, concluo tratar-se de um dos melhores, senão o melhor, livro sobre o tema. Certamente existirão outros autores que já retrataram o mesmo tema, mas o livro do professor Carlos Borges entra para a literatura de Roraima e, talvez do Brasil, como uma preciosa joia literária. Desejo a todos uma boa leitura.

**Bruno Claudio Garmatz**

Escritor

# SUMÁRIO

## PRIMEIRA PARTE - MINHA JUVENTUDE

Reflexões, Paisagens do Rupununi, Lethem.....	7
Fazendas e fazendeiros.....	13
O comandante Tony Lewis.....	27
Ben Mill, Nizinski e Bernard.....	31
Meu reencontro com Charles D´Urban.....	40
A família Mill, eu e Jackeline.....	48
O padre Aldo Giovanini.....	57
Margareth, Arnold Mill e Ortega.....	63

## SEGUNDA PARTE - A REVOLTA

A reunião dos fazendeiros e a morte de Ben Mill.....	70
Ernest Gould.....	91
Treinamento em Santa Teresa. Recordações sobre Ben Mill.....	96
David e Brad.....	102
O início da revolta.....	106
O desfecho.....	115
O diligente Bernard.....	127
Um último olhar sobre o Distrito.....	138

# **PRIMEIRA PARTE - MINHA JUVENTUDE**

## **Reflexões Paisagens do Rupununi Lethem**

O conhecimento justo das coisas só se consegue na velhice, não que aos jovens isso seja impossível. Os velhos estão à frente dos jovens justamente porque têm histórias para contar. Mas os jovens - somente eles conseguem ver adiante, sonhar, ter esperanças e se internar nas profundezas da vida com as mais precipitadas emoções e insensatas ilusões. Mas na verdade, a idade adulta é um momento infável de desencanto para quase tudo, de desalento diante do fato que pouco ou quase nada pode ser feito para modificar o mundo. Fica a sensação de que é chegada a hora de se acalmar e deixar a vida seguir seu curso natural. Na idade adulta, vai-se vivendo, e as chances de qualquer novo evento ficam cada vez mais reduzidas, quase nulas – embora seja também verdade, que mesmo assim, alguns ainda conseguem tornar a vida muito excitante. Mas é verdade também que nessa fase da vida, cada experiência vivida pode ser refletida e até negada quando a vergonha dos fatos passados for maior que o heroísmo que se queira no presente.

Este é o caminho natural da existência impondo limites às nossas ações e levemente sussurrando nos nossos ouvidos que é o momento de parar e só olhar para trás. Nessa ocasião, a idade adulta suplanta a juventude, pois enquanto os jovens veem adiante e têm seus dias sempre cheios de expectativas, os adultos olham para trás para enxergar o passado e se divertir das coisas boas e más, aceitando os fracassos, orgulhando-se dos sucessos e fazendo troças dos momentos pitorescos, contados a poucos que com paciência ainda lhes prestam ouvidos.

Mas, sem dúvida, a juventude é um momento esplêndido, quando as emoções deslizam pela pele e aquecem o sangue; e é nela que se cometem as mais desprezíveis besteiras e se tem a oportunidade de viver cem mil vidas.

Eu poderia ter sido um desses jovens brilhantes, apegados a objetivos



muito bem definidos. Tive uma boa família e amigos leais, tudo como se a vida tivesse me dado sob encomenda um desses gênios de garrafa. Mas ela tinha-me reservado outro destino: tudo começou quando tive que viver uma impressionante história. Não pensem que foi uma simples história de amor de juventude, muito menos de fatos burlescos de um jovem solto no mundo, também não foi uma daquelas histórias heroicas; francamente, sempre fui cético sobre a existência de heróis, necessários apenas para desafortunados. Isso digo-vos: os heróis são, na verdade, uma espécie de lenitivo para a dor da existência; afinal é preciso acreditar em algo melhor para a vida ter sentido.

Mas o que quero contar, começou quando sem motivo algum decidi abandonar um promissor emprego e aventurar-me pelo mundo no afã de acalantar a alma buliçosa de minha juventude. Sem querer tapar o sol com a peneira, naquela época eu mesmo suspeitei que aquele meu ato fosse um capricho que o tempo iria pôr abaixo.

Era um dia qualquer do final do ano de 1967. Durante dias estive num navio deslizando sobre o mar azul do Caribe até Georgetown, capital da Guiana. Pouco importava o lugar, o essencial era desfrutar a deliciosa sensação de estar fazendo algo proveitoso. Georgetown era uma cidade que fora construída abaixo do nível do mar, com uma temperatura úmida durante quase todo o dia. Os prédios formavam um conjunto de casarões bem típicos ao gosto britânico em paragens tropicais. A população dividia-se em babéis étnicas e culturais: negros, hindus, chineses, portugueses, escoceses, ingleses, irlandeses e índios diversos, cada qual vivendo para si.

Fazia poucos anos que o país havia conseguido livrar-se do domínio Britânico. Mas antes, muitos anos atrás, em 1658, ainda sob controle holandês, a Guiana passou a ter seu destino ligado à produção de açúcar. Nos anos finais do século XVIII, os ingleses assumiram a administração da colônia e várias rebeliões escravas sucederam-se, quando em 1834, a escravidão foi definitivamente abolida na colônia. A partir de então iniciou-se a imigração de portugueses, indianos, chineses, irlandeses, escoceses para substituir a mão-de-obra escrava nas plantações de cana-de-açúcar. Bem depois, quando os ingleses foram embora, já em 1966, um otimismo excessivo dizia ser possível o convívio entre culturas tão diversas. Em poucos anos, o novo país se viu envolvido numa complexa disputa étnica que, além de iniciar uma crise irresolúvel no campo político, gerou uma diáspora que empurrou centenas de milhares de guianenses mundo afora. Os anos sessenta foram, sem dúvida, os mais turbulentos da história desse jovem

país. As feridas daquele período até hoje não estão totalmente cicatrizadas, e por ainda serem sentidas, tornei-me uma de suas vítimas.

Encontrava-me num desses armazéns portugueses - na época, comuns na capital - quando soube que havia um fazendeiro querendo empregar vaqueiros numa fazenda de criação de gado. Nunca na vida tinha trabalhado como vaqueiro; conhecia gado como conhecia mandarim. Não sei o porquê - talvez por uma dessas decisões bizarras, tão frequentes em jovens - ofereci-me para o trabalho com a intenção de apreciar o sabor da novidade. O fazendeiro chamava-se Ben Mill, que diziam ser homem respeitado no Distrito do Rupununi, localizado na parte sul do jovem país. Quando me aproximei, ele muito rapidamente dirigiu-me o olhar; um português de grande bigode e barriga volumosa fazia a intermediação entre mim e este senhor Ben Mill, num curioso vai e vem - parecia que o português estava habituado a conseguir trabalhadores para aquele homem. O tal Mill, ignorando minha presença, disse ao português que se eu quisesse trabalhar deveria estar bem cedo no aeroporto, logo no dia seguinte.

Subitamente, vi-me despedindo de tudo como um pássaro que sai do ninho da mãe para nunca mais voltar, sabendo ainda que tinha deixado para trás uma vida confortável e segura. Não me dei conta de quanto tempo fiquei sentado, olhando pela janela do avião que ganhava altura; pensei em nunca mais retornar ao conforto do ninho materno e àquela agitada cidade onde cresci. Minha garganta ficou seca, as mãos umedeceram e por muito tempo permaneci sentado, imóvel. Aqueles momentos seriam os últimos que ainda podia viver sob a deliciosa sedução da juventude. O avião embrenhou-se entre nuvens de algodão como ave de rapina, levando-me para outra vida que seria melhor se não a tivesse vivido.

Assim cheguei a Lethem, uma pequena vila do Distrito do Rupununi que, contudo, brilhava em todo seu esplendor. Anos antes, nos momentos finais do domínio britânico na Guiana, sobre as savanas verdes e vastas, o gado de solta sobejava fazendo fortunas. Aviões DC-3 partiam diariamente abarrotados de carne em direção a Georgetown; quando retornavam traziam novidades inglesas, secos, molhados e bebidas quentes tão ao gosto dos fazendeiros do vale do rio Branco, que com seus maneirismos lotavam o *Savanna's Hotel*, o mais destacado daquela pequena vila.

Eu nunca havia visto lugar tão bonito como aquele. O vilarejo encontra-se num santuário inviolável e agradável, protegido pelo rio Tacutú e por formações montanhosas semicirculares, como um templo destelhado,

aberto a um firmamento persistentemente safrico no verão e cercado pela lentura do igarapé Moco-moco. De um lado deste semicírculo, nos lavrados a perder de vista no lado brasileiro, viam-se apenas caminhos ermos de quando em quando utilizados por soldados do exército brasileiro em patrulhas de fiscalização de fronteira, e um lugarejo com três casas, chamado Bonfim. Nos invernos tempestuosos os igarapés se enchiam, ganhavam largura e volume de água, alagando caminhos que se tornam absolutamente intransitáveis.

Do outro lado do Tacutú, elevações íngremes modelam um amontoado granítico chamado Serra do Cuano-Cuano. A partir de Lethem não se pode, absolutamente, avistar toda a sua extensão, pois são ondas e ondas de picos alterosos a acomodar o grande maciço azulado. Quando as nuvens se abrem sobre esse titã adormecido, as águas escorrem por pedras desnudas, carregando rebotalhos que se acumulam em covoadas e dão vida a uma vegetação exuberante. O acesso penoso e a imponência vultosa daquele maciço, pelo que contavam velhos índios, deixam o lugar mais selvagem e obscuro, como um enigma indecifrável, cheio de maldições e azares. Os peões das fazendas, garimpeiros e índios que se aventuravam em barcos frágeis pelo ronco das corredeiras do Rupununi e seguiam em longas caminhadas carregando apenas farinha e coragem, contavam sobre tesouros deixados em alcantis, precipícios e anfractuosidades dispersos no grande monumento. Diziam ter ele uma força própria, narcótica, pronta a estimular obscuras paixões para atrair aventureiros que se arriscavam por suas entranhas a procura de diamante e ouro.

Ouvi de várias bocas, uma longínqua história de um jovem garimpeiro que ficou vagando dias seguidos, perdido entre penedos na pertinaz busca pelo ouro, sonhando estar numa lagoa de águas cintilantes. A fraqueza e a fome rondaram-lhe sinistras e ameaçadoras por vários dias; desorientado teria sido encontrado por índios que o socorreram e o curaram do penoso faticamento. Logo que se recuperou, como se enfeitiçado, associou-se a dois índios ébrios e mandriões, que se proveram de mantimentos, armas e ferramentas, para durante dois dias galgar as escarpas dos rochedos e embrenhar nas profundezas silenciosas da serra em busca da riqueza que avistara. No terceiro dia, à noitinha, três sinais luzentes foram vistos por índios, movimentando-se sinistramente sobre um lugar do ermo promontório de pedra; sobressaltados supuseram ser visagens em funestas rondas, e por um bom tempo permaneceram a admirar aquele augúrio

fatídico. Dias depois, num *tapiri*<sup>1</sup> ao pé daquela serra, um jovem garimpeiro amasiado com uma índia, disse ter visto luzes, e teria ficado em vigília com a esposa até brilhar a alvorada. Embevecidos, mantiveram-se estáticos e espantados à espera de algum acontecimento extraordinário; mas nada aconteceu. Contam que nunca mais os três hereges aventureiros foram encontrados, embora as luzes visageiras continuassem sendo vistas passeando entre alcantis. Acredita-se que os espectros são daqueles audaciosos que, sob fementidas promessas de riqueza fácil, foram vítimas da perfídia e encantamento nefasto da serra azulada, que por punição prendeu aquelas lastimosas almas e as impingiu guardar-lhes seus tesouros e segredos. Seria para pensar que, na forma de ponto de luzes, as três almas melancólicas e assombrosas quisessem mostrar o que pode acontecer com quem, por ambição, aventura-se nos mistérios e segredos do grande maciço.

Daquela natureza, mais ao norte, dos mesmos cimos anilados, sobressaem-se os últimos elos do hemicíclico, suavemente inclinados na direção de Normandia (lugarejo brasileiro próximo à fronteira, após o Maú, rio que nasce em outra serra, de nome Pacaraima, também cheia de anfractuosidades por onde vazavam em espetáculos solenes, majestosas cachoeiras).

Os lugares à volta de Lethem são planuras de savanas vastas, que se sobrelevam numa prolongação infinita de mares verdejantes, repletos de igarapés de águas claras e lagoas que vicejam a cada inverno e que se enchem de peixes para deleite de aves barulhentas que dão espanto à solidão selvática das savanas sem fim. Ao cruzar a serra e o rio Rupununi, as matas se avolumam e se adensam; tornam-se traiçoeiras e somente mateiros experientes e índios se aventuram por seus interiores.

Quando o dia nasce claro, geralmente pequenas massas de nuvens brancas abraçam picos azulados e proeminentes, que se erguem meio à floresta até a serra do Acarái. No seio às selvas, no inverno o Rupununi rompe vigoroso e escorre em fendas abertas entre arvoredos para encontrar as águas do Rewa e juntos desagüem ao rio Essequibo. No verão, a alva reluz coroas de areia deixadas pelo rio que perde força e ímpeto, e se retrai em insignificantes acúmulos de água, deixando órfãs suas principais crias: quantias e mais quantias de quelônios engalfinhados em penúria a espera de seus infaustos destinos. Quando o sol a pino eleva as nuvens, o frescor matutino dá lugar a uma calma de tardes abrasantes.

---

1 Casas provisórias cobertas de palhas.

A inclemência dos dias invernosos acinzentada e fumega em rastros tempestuosos o horizonte, deitando uma cortina de nuvens opacas sobre a floresta. Quando isso acontece e o dia termina, a floresta, os rios e os igarapés são um só manto negro de uma escuridão impenetrável. Em tão magnífica vastidão, à noite o silêncio reina soberano, a tempo afrontado por sibilos de pássaros noturnos e insetos estridulantes.

O inverno sempre se avizinha prenunciado por tufos de nuvens cinzentas e raios rutilos sobre as serras penumbradas. Durante quatro meses o céu se abre e chove a cântaros; as savanas se inundam e as águas furiosas rasgam a superfície da terra - antes seca - em águaças que se afinilam, adensam-se e escorrem impávidas por igarapés que se enchem a cada dia. O Tacutú se assoberba, ganha fôlego e se avoluma magnífico, nada lembrando seu leito seco, fendido em mosaicos grotescos sob o implacável sol do verão.

O igarapé Pirara nasce tímido em um vale do Cuano-Cuano; rola retraído por arvoredos ralos e serpenteia desafiando buritizais até se confundir com o grande rio Maú. No inverno sua nascente viça e se metamorfoseia em um lago de águas claras chamado Amuku - no passado lendas diziam ser ali o *El Dorado* -; e quando nas suas maiores cheias, chega a tocar suavemente as águas do rio Essequibo. Outrora o igarapé tremeluzia com o amarelo dos pirararas e o avermelhado dos pirarucus que alastravam sem rivais suas águas - aos holandeses e ingleses, o som da palavra indígena pirarara soava demasiado estranho, e quanto pronunciado era um dito espirituoso aos falantes latinos; foi assim que a palavra PIRARA tornou-se um escape para moderar um confuso som da úvula palatina, excessivamente enredado para os anglo-saxões.

Subindo o Tacutú, penetra-se em um igarapé de águas claras de nome Manari, que é uma extensão formada por curtos esporões e margens boscosas que se estendem desde o Cuano-Cuano; ao redor, abrem-se as planícies fundidas ao mistério de densas áreas encobertas pelas forragens verdes da savana.

Na outra extremidade de Lethem, a embocadura do Moco-moco delinea um porto entre arbustos ciliares. Dessa extremidade mais baixa, estende-se uma abertura de quinhentos metros de distância até o Savanna's Hotel e o aeroporto. A vila jaz sobre um teso, entremeada por arvoredos frutíferos, tocada pelas águas mornas do Moco-moco e Tacutú; à sua frente abrem-se as savanas a perder de vista, interceptadas sempre por caminhos de gado e estradas estreitas a ligar fazendas e retiros.

## Fazendas e fazendeiros

Lethem tinha um movimento comercial muito ativo. Um avião DC-3, diariamente despejava uma variedade de artigos de consumo, alimentos, máquinas e todos os luxos que os prósperos fazendeiros podiam comprar. A *Rupununi Developed Enterprise* (ou RDE, como era chamada) e a *Meeting Market* (MM), com suas fazendas, trouxeram prosperidade para alguns afortunados, que viviam em belas e confortáveis vivendas instaladas em lugares deleitosos do Distrito.

Os campos naturais e o clima agradável induziram o lucrativo negócio com o gado. Os índios em suas aldeias, nunca puderam intimidar fazendeiros ambiciosos por terras e boas pastagens para os rebanhos. Ano após ano, a RDE e demais fazendas foram prosperando e seus rebanhos se espalhando por todos os lugares onde viçavam os campos naturais. As fazendas eram conhecidas e os nomes dos fazendeiros lembrados até por indiozinhos de aldeias distantes. Havia as grandes fazendas Dadanaoa, da RDE, que eram formadas por fazendeiros de uma região conhecida como Dadanaoa, entre os rios Sauriwau e Baiewau. A fazenda *White House*, que pertencia à família Nizinski, conhecida por ser a rota de parada de aviões vindos de Georgetown trazendo mercadorias para Leck Nizinski, que as comercializa em todo o Distrito. Próximo à Normandia existia a fazenda *Three Brothers*, com belas pastagens e rebanho bem cuidado; os proprietários eram três irmãos brasileiros de Boa Vista. Próximo ao encontro das águas do Tacutú com o Maú ficava a fazenda *Big Bird*, cujo proprietário era também um brasileiro de nome Amâncio. Um pouco acima tinha a fazenda *Kingstown*, de Ernest Gould, localizada sobre um teso vermelho; toda a extensão da casa era rodeada por muitos pomares e hortas verdes irrigadas. Na estrada que faz a ligação de Lethem até a aldeia Anai, encontram-se as fazendas Manari, de Ramiro Nuñez; e um pouco a noroeste, a Miritizal, de Arnold Mill; e a *Saint Joseph*, de George Pritchard. A fazenda Pirara, de Ben Mill, era conhecida não só pela imponência de sua construção, mas também pelas confortáveis instalações internas e dependências para vaqueiros, serviçais e, sobretudo, pelo extenso aviário, pomares, hangar e oficinas. Mais ao sul estavam as fazendas da família MacMillan, que se eram mais modestas em suas construções, impressionavam pelas extensões de suas terras. Somavam-se a todas elas, pequenas propriedades pertencentes a índios e a alguns negros.

Tantas fazendas e prosperidade tinham uma explicação: o crescimento da RDE. As vantagens econômicas conseguidas com sua criação aumentaram extraordinariamente após a Segunda Guerra. As longas caminhadas com o gado, que iam de Kurupukai até Takama, quando embarcado em batelões que navegavam pelo Berbice até New Amsterdam, eram árduas e desgastantes para os vaqueiros e, sobretudo, para o gado. No ponto final de venda, os animais chegavam minguidos e magros. Anos após anos, cascos de vacuns pisotearam a vegetação baixa da floresta rasgando um caminho que ficou conhecido como a trilha do gado (*cattle track*). E fora Ben Mill - e disto ele se ufanara a vida toda - quem abrisse esse caminho. Porém, com a criação da RDE, o gado passou a ser abatido em Lethem e transportado até Georgetown em avião.

Mas a RDE somente se consolidou de fato quando major Williams estabeleceu, ainda antes da Segunda Guerra, uma linha de transporte aéreo de balata, cuja base era em Apoteri. A balata era extraída por índios num percurso entre as aldeias Parabarú, ao norte, e Shea, ao sul; após ser condensada em enormes bolas e armazenadas num lugar chamado Karinambo, era depois transportada num avião *Grumman* até Georgetown. Assim que a balata perdeu mercado nos Estados Unidos e Europa, o transporte de carne de gado tornou-se negócio promissor, tanto que no início dos anos 60 voavam seis aviões pequenos de propriedade do major; com a aquisição de um DC-3, ele fundaria *Guiana Airway* e fincaria as bases de um lucrativo negócio com duração de muitos anos.

Todas as manhãs o DC-3 violava a tranquilidade que protegia a existência de Lethem, e à tarde retornava a Georgetown. Nos frigoríficos da RDE eram abatidas diariamente cinquenta reses, grande parte vinda das fazendas Dadanaoa e da MM., e quando não, compradas de outros fazendeiros. O fornecimento pontual de cotas de carne, o pagamento à vista aos fazendeiros e o tratamento generoso dado aos empregados do frigorífico e aos peões, deram-lhe prestígio e reconhecimento. A mais remota aldeia, qualquer lugarejo recôndito, conhecia as companhias e as fazendas.

No escritório da RDE, uma dezena de índios em fila aguardava todo dia um contrato para trabalhar. As duras condições vividas no Brasil, instigavam-nos a procurá-la na busca de alguma ocupação. Os índios acostumaram-se a dizer que a companhia, além de tratá-los com respeito, zelava por suas vidas e famílias. Não se sabe se o que diziam era o que realmente sentiam, ou apenas argumentos para cair nas boas graças da companhia.

O gerente geral da RDE em Lethem gostava de se orgulhar da boa reputação da companhia. Franzindo as sobranceiras, amiúde dizia sempre que o ordeiro trabalho nas fazendas se devia aos seus irmãos índios: "os melhores peões do mundo". Com jaquetão de muitos bolsos, chapéu e botas de cano alto, ele tinha uns ares de caçador e não de um vaqueiro ou de um fazendeiro. Em tom espirituoso gostava de dizer que era um "atorado", um índio, uma forma encontrada para confirmar seu parentesco indígena, sendo ele filho de uma índia com um dos MacMillan. Verdade seja dita, difícil dizer quem naquele lugar não era mestiço.

Arthur MacMillan, ou simplesmente *Mac*, como era chamado, beirava os sessenta anos; comprida cabeleira grisalha, nariz repolego onde se assentam óculos grossos, barba rala, tez a um moreno queimado, assaz pouco comunicativo. No escritório ou quando nas aldeias tinha o hábito de exortar sua descendência indígena. Não obstante, dirigia a companhia com mãos-de-ferro e a poucos tinha alguma devoção ou gratidão quando o assunto era trabalho. Toda as manhãs, em tom ríspido e zangado ditava aos peões as ordens do dia - assim era como se referia às tarefas que atribuíu a cada um. Para os peões ele era um tipo de gente que só se suporta quando a propósito. Entrementes, os índios lhe dedicam profunda afeição e admiração; tratavam-no com um brando grandpa e o viam como a sombra de Theodor MacMillan, um lendário escocês morto alguns anos atrás. Contam ter sido esse encontrado por índios do Distrito quando acometido de intensas cólicas abdominais num vilarejo chamado Bartica, nas margens onde o rio Mazaruni e o Cuyuni deságuam no Essequibo. Mencionara-lhes que escolhera morrer no lugar onde o cientista alemão Robert Schomburgk, a serviço da rainha britânica, que dissera em 1842, em cartas, ser um dos lugares mais prazerosos do mundo. Quando chegou a Katunaribe escolheu o lugar de sua morte, sentou-se sobre uma pedra e ingeriu uma dose mortal de estricnina. Em galhofadas os índios brincavam: "... e o peste não morreu, sarou"; por fim, este MacMillan acabaria por esposar duas mulheres índias que lhe deram uma grande prole. Contam ter sido ele quem trouxera para as savanas o gado do rio Branco, encontrado perdido, sem dono, selvagem e ao léu do destino, testemunha do fracasso das grandes fazendas nacionais, o que é hoje o Estado de Roraima. Os MacMillan fizeram fortuna, e o gado suas vidas. Arthur MacMillan era o segundo de seus seis filhos; com a morte do irmão mais velho, a sina o fizera gerente geral da grande companhia.

Mas aqueles dias não eram os mais venturosos para a RDE. Naquele final de 1967, em todo o Distrito, a atmosfera política estava conturbada e



incerta. O People National Congress - PNC -, de Forbes Burnham, ameaçava romper a coalização de dois anos com a United Force – UF -, de Pedro de Aguiar, um descendente de portugueses. A frágil base política da UF, constituída por comerciantes portugueses, alguns brancos e fazendeiros, principalmente os do Distrito, não lhe possibilitava negociar outra coalizão se o PNC conseguisse a maioria dos votos nas eleições de dezembro. De fato, aconteceu: Burnham saiu vitorioso em dezembro de 1968; disputou com Cheddi Jagan, do People Progressive Party – PPP - e o vencera sob o calor de um pleito étnico. Todavia, desde 1966, mesmo governando junto com a UF, Burnham começou a por em prática um audacioso programa socialista, cujas principais iniciativas tinham por objetivo a nacionalização de empresas multinacionais - posto rigorosamente como agenda a partir de 1970 -, a taxação de fortunas e a elevação de impostos aos ricos. Sobretudo o aumento dos impostos aos ricos, geraria um impacto avassalador sobre os lucros da RDE e dos fazendeiros do Distrito. Se desembolsassem os novos valores de impostos a serem pagos ao governo, os negócios nas fazendas tornar-se-iam inviáveis.

Nos finais do ano de 1967, diante de uma UF enfraquecida, a tensão e as insatisfações se avolumaram em todo Distrito, sobretudo pelo fato de os fazendeiros saberem ser o governo de Burnham ideologicamente inclinado a uma variação do socialismo cubano, mesclado com a utopia política de alguns países africanos recém-independentes nos anos 60. Burnham passa a chamar esse coquetel ideológico de cooperativismo. Todas as medidas de Georgetown eram vistas como uma forma de pressão política para aniquilar as bases de apoio da UF, e também iniciativas para se livrar de indesejáveis fazendeiros, pretensamente brancos e politicamente conservadores.

Contra Burnham e seu PNC, os fazendeiros iriam desencadear um movimento armado para separar o Distrito do Rupununi do restante da Guiana. Porém, os índios, do mesmo modo, insatisfeitos com os fazendeiros em suas terras, iriam iniciar uma grande campanha para demarcação de reserva indígena única no Distrito. Os planos de uns e de outros seguiriam direções opostas e imprevisíveis, e desencadeariam dias de revolta e inquietação, mudando definitivamente a história do Distrito, e também minha vida.

Até então, mais de dois meses haviam se passado desde que saí pelo mundo; e envolver-me em um conflito armado, deixava-me com um forte desejo de seguir o ritmo juvenil de minha alma, de partir. Mas,

inexplicavelmente, embora tudo ali me fosse enfadonho, não queria desperdiçar meus dias em prosaicas aventuras turísticas em outras paisagens. Eu mesmo queria experiências mais densas, e naquela época minha juventude podia exigir-me isso.

No mesmo dia em que cheguei a Lethem, segui para a fazenda Pirara. Lá éramos cinco homens brancos na fazenda: eu e Ben Mill, um americano alto e cabeleira rala, beirando os setenta e cinco anos, nascido no Colorado e por quem deixei Georgetown para tentar ser vaqueiro, e seus três filhos. Na verdade, nós dois éramos os únicos brancos; seus filhos eram mestiços. Dali fui levado por Ben Mill até um dos currais da companhia, numa das fazendas Dadanaoa. Sob o sol abrasante do meio-dia, peões lidavam reses em um curral quadrangular. Duas paredes de paus retorcidos formavam um corredor ligando o curral a uma cobertura de palha de buriti. Mister Mill - assim chamavam a Ben Mill - encarou-me como se estivesse percebendo o que eu estava sentindo. Logo sua boca abriu um sorriso farto e falou calmamente que eu deveria aprender como se trabalhava na fazenda e como lidar com o gado. Assegurou que os vaqueiros eram importantes para a companhia e que as fazendas se tornaram essenciais para a Guiana. Parou de falar para olhar um índio com uma tocha na mão pondo fogo em moitas secas de capim perto do curral, o fogo espalhou-se rapidamente levantando um vapor pardacento. Ben Mill pôs a mão na sela, com dificuldade montou em seu cavalo e cavalgou na direção do lugar em que *Mac* se encontrava. Iniciaram um diálogo que eu pude ouvir muito bem: “aquele é o vaqueiro do qual te falei. Ensine-o e ele poderá nos ser útil”, disse como se ali eu não estivesse. *Mac* concordou num gesto com a cabeça, tentou vislumbrar minha figura meio à fumaça e indagou-lhe: “que tipo de pessoa é ele?”. “Não sei, descubra você mesmo”, Ben Mill respondeu, dando meia volta com o cavalo, retirando-se.

Depois de sentir o tom da conversa, decidi ir ao encontro de *Mac* com estudada paciência. Caminhei um pouco sob o sol sem a mínima preocupação com o calor, e encontrei-o longe de qualquer sombra; e ele, exalando suor, disse sem sequer fitar-me os olhos:

- Diabos, todos enlouqueceram... até esse tempo. E o que vamos fazer, entregar tudo para Burnham? Só louco... esses negros, agem como se fossem donos do mundo.

Então, acalmando-se de súbito, desconversou e seguiu a azáfama pelo curral sem me dirigir o olhar uma única vez. Fiquei zanzando de uma banda

para outra sem perdê-lo de vista. Cheguei até a pensar que jamais deveria ter pisado naquele lugar; e o descontentamento da juventude parecia começar a tomar conta de mim querendo empurrar-me para longe dali. Mas no fundo da alma eu queria aquele trabalho. De algum modo tinha que puxar conversa com o tal *Mac*, e quando este saiu em direção a uma pequena sala, algo como um escritório, pareceu-me ser o momento adequado.

Ben Mill, a quem muitos se referiam como sendo a reserva moral do Distrito, havia dito a *Mac* que a companhia iria me ensinar os segredos da lida com o gado, e somente depois assumiria a função de vaqueiro. Havia um acordo para fornecimento de gado para a companhia, e Ben Mill para isso criou a *Meeting Market*, uma espécie de cooperativa de fazendeiros que, entre outros afazeres, incumbia-se do abatimento das reses. Na verdade, eu seria aproveitado para um trabalho que exigia conhecimentos sobre gado, embora fosse preciso também aquela veemência típica de homem do campo, daí a necessidade do estágio na companhia. Só que até então, eu não havia mencionado nada de minha inocência sobre a vida em fazendas de gado, mas tive uma ligeira sensação, um tanto misteriosa, de que eu poderia ser importante ali. Para quem estava em busca de aventura, algo além daquela típica vida vazia a que estava acostumado, aquela era a oportunidade para definitivamente atravessar a linha que separa a vida vivida sob o calor da família e de amigos, daquela em que você depende unicamente de seus esforços para sobreviver. A vontade inconsequente de provar ser possível viver longe do doce encanto de uma vida confortável e previsível, fez com que me desfizesse daquela melancólica seriedade e, reprimindo o orgulho juvenil, decidir encarar *Mac*. Encontrei-o sentado, fazendo anotações num caderno grosso. O lugar era silencioso e abafado; as paredes estavam úmidas e um cheiro de mofo se espalhava pela sala. Uma gravura emoldurada de um escocês vestindo kilt na parede, contrastava-se com a simplicidade do ambiente. Um sofá de couro rústico tinha uma insígnia desenhada na altura do encosto da cabeça, e parecia ser um símbolo clânico escocês. Seus olhos azuis permaneceram consultando aquele caderno, e lentamente, limpando os óculos com uma estopa, dirigiu-me um olhar impaciente:

- Estava mesmo pensando que já era tempo de você aparecer, rapaz; sente-se.

Ele falou e continuou folheando o caderno, que bem poderia registrar a vida financeira da companhia. Afinal, o que haveria de mais importante nele?

- Eu sou o novo vaqueiro, senhor - disse sentando-me próximo da escrivaninha onde ele estava.

- É que o vi tão ocupado e não quis atrapalhar – escusei.

- Ah! - ele exclamou dirigindo-me o olhar.

- Já trabalhou em fazenda antes? Você não me parece um vaqueiro.

- Bem, na verdade...

Quando ia responder, um índio baixo e franzino, capataz de uma das fazendas Dadanaoa, avançou apressado escritório adentro.

Os fazendeiros do Distrito adquiriram um fanático temor pelos negros, a ponto de acreditar serem eles suas desgraças e ruínas. O desprezo de *Mac* por eles ganharia novos contornos a partir daquele dia: “contenha-se homem, que desespero é esse?”, disse *Mac*, sobressaltando-se. O índio sentou-se ligeiro e pareceu tentar arrancar as palavras da garganta: “é... hum...é... ela *grandpa*... eles...”. Atônito, o chapéu tremia em suas mãos, “fala criatura!”, interpelou *Mac*, levantando-se. Ele lívido, disse: “aquele Charles, *grandpa*, o pestilento quase me matou...”. “Hein? O quê?”, os olhos de *Mac* cintilaram, seu rosto enrubesceu furioso e arrependido, gritou: “aquele demônio!”.

*Mac* percebera a gravidade do assunto e se irritou com as frases obtusas ao qual o índio recorreu. Soube depois que aquele índio era filho de *Mac*, fruto daquelas típicas aventuras dos abastados do Distrito com índias das fazendas.

Rapidamente, *Mac* sentou-se desolado à cabeceira da mesa e, disfarçando sua ligeira irritação, disse: “aquilo é um animal!”, exclamou em tom de fúria. “Pelo amor de Deus, prossiga”. “Os soldados”, disse o índio com o olhar baixo, “chegaram feito uma turba enfurecida procurando o português, senhor”. “Que estúpidos!”, gritou *Mac*. “O português, patifes...”, resmungou uma praga. De pronto, levantou-se e permaneceu imóvel como se o assunto o tivesse abatido.

Soube que esse soldado que chamei de Charles, tinha por ele ódio mortal. Havia pouco tempo um índio foi até *Mac* para reclamar do roubo de oito reses, supostamente feito por um negro (na verdade os índios o consideravam *Mac* uma espécie de interlocutor para casos como este). O filho mais novo do índio descobriu o lugar em que as reses roubadas se encontravam e foi reclamá-las. Um negro alto, acostumado a trazer os

cabelos enrolados em longas madeixas, recusou-se a devolvê-las e o expulsou aos gritos. Mac foi prestar queixa à polícia, e Charles o recebeu dizendo: "e você vem reclamar isso comigo? Dê você outras para ele, vocês não têm tantas?" Mac encilhou um cavalo, carregou o revólver e saiu em direção à fazenda do suposto larápio. Chegando lá, com o revólver em punho, disse em tom firme ao primeiro que encontrou: "traga-me já as reses!". Em poucos instantes um menino apareceu tocando-as, que foram levadas por Mac. Quando informado dessa atitude, Charles teria ido intimidá-lo ameaçador: "nós somos a polícia aqui; o tempo de vocês acabou!". Mac o teria dado os ombros, incôscio de suas palavras. "Você ainda vai ouvir falar de mim, homem, juro que vai!", Charles teria gritado em fúria.

Toda a confusão que levou à súbita entrada do índio ao escritório, iniciou-se cinco dias antes da minha chegada, quando um diamantário português teve seu avião confiscado por não ter feito o pagamento dos impostos cobrados pelo novo governo de Georgetown. Não se sabe como, havia convencido o comandante da polícia - que doravante chamarei de Uberoi Jailan -, que o motor de seu avião Piper deveria diariamente ser ligado. Todas as manhãs, como um ritual, sob olhar vigilante de uma escolta, funcionava o motor da aeronave durante exatamente quinze minutos. Naquela manhã de céu azulado, acionou-o como sempre fazia, e tranquilamente taxiou a aeronave pelo aeroporto até o ponto de decolagem; de lá, debaixo do olhar atônito da escolta, ganhou os céus levando a valise de diamante que escondera sob o assento do piloto.

A notícia logo se espalhou, e a polícia humilhada pela ousadia do português saiu ao seu enalço pelas fazendas que supostamente poderiam abrigá-lo para reabastecer a aeronave. Foi assim que Charles e quatro ajudantes chegaram a uma das fazendas Dadanaoa e encontraram o índio que havia ido à casa procurar Mac. "Teriam me matado se ela não aparecesse", ponderou o índio cabisbaixo, "a morte às vezes... hum!... é preferível à vergonha... que Deus me perdoe, aqueles negros chegaram feitos uma turba enlouquecida; me pisotearam tanto que eu quase urinei minhas tripas, pareciam canaimé...", e prosseguiu sem levantar os olhos: "quando pude me sentar, Kati estava nas mãos deles, constrangeram-na a poder de ameaças", respirou, umedeceu os lábios e continuou: "aquele satanás teve a coragem de me intimidar, dizendo: você ainda não viu nada, caboclo! Eles ainda não saíram de lá, senhor, e...", não chegou a terminar o que ia dizer. Houve um grande silêncio na sala. Cofiando lentamente os

cabelos, Mac ficou inerte. Logo emitiu um gemido seco e socou a mesa: “senhor, eu não pude fazer nada, juro!”, ainda disse o índio. Mac sequer o ouviu, caminhou irritado e me disse sem estancar no rosto ares de indignação: “se quer aprender como é a vida por aqui, rapaz, venha comigo”.

Aquelas palavras soaram como uma intimação, um desafio jocoso: "se você é mesmo homem, e quer ver uma confusão, venha comigo", e para não perder o respeito diante dele, assenti com a cabeça e decidi acompanhá-lo, mesmo sabendo da insanidade daquele ato. Segui-o obstinado, e pela primeira vez percebi o quão difícil era o equilíbrio sobre um cavalo.

Quando chegamos a tal fazenda, depois de trinta minutos de cavalgada, tudo estava em silêncio na casa. Um Land Rover velho com a pintura desgastada denunciava a presença dos policiais. Mac apeou-se do cavalo; eu fiz o mesmo. Na varanda ele parou propositalmente, ansioso. Eu fiquei a olhá-lo de longe, quando houve arrastar de cadeiras na sala da casa, e Charles apareceu ladeado por dois ajudantes. Quando o viu, Mac puxou o revólver da cintura e o apontou na direção da cabeça de Charles, e disse pausadamente, enquanto seus olhos brilhavam ódio: “se você tocou nela, mato você, todos os que estiverem aqui, mato sua família e acabo com a raça de qualquer amigo seu, negro fedorento”. Os ajudantes se entreolharam, e Charles, avançando mais alguns passos, pôs-se diante de Mac e bradou numa gargalhada zombeteira: “você? Não brinque comigo. Acha mesmo que vou me interessar por sua caboclinha franzina? Tenho coisas mais nobres a fazer na vida, seu merda. Podia lhe dar um tiro nos miolos, mas sabe por que não vou fazer isso? Porque nós já vencemos”, bradou com voz firme, “quero-lhe vivo para testemunhar o próprio fracasso. Você a quer? Ela só sai daqui depois que você me entregar aquele português safado”, disse em tom de ira, fitando Mac nos olhos.

Durante todo o tempo permaneci pasmo. Incrédulo. Minhas pernas mal me sustentavam, tanto que tremiam. Certamente, o desfecho seria a morte de todos ali. Aqueles segundos pareceram-me uma eternidade. Com todas as forças que consegui arrancar de mim, desejei nunca ter estado ali, e numa súbita atitude, como que empurrado pelo instinto de conservação, avancei na direção de Mac e de Charles e disse-lhes, tentando ocultar meu medo:

- Calma, Mac, calma, por favor deixa-me falar com ele, eu suplico...

Mac fitou-me surpreso durante um segundo:

- Você deve estar louco - foi tudo o que disse, e sem dar às costas, afastou-se.

E eu, sem deprecar, com o dedo em riste, disse a Charles:

- Agora me ouça! - e Charles olhou-me fixamente, sem se mover, e com voz seca indagou peremptoriamente:

- O que você quer, rapaz, quem é você?

Durante longos minutos falei com ele, que me ouviu plácido como um menino. Verdade que eu falava aos pedaços, mastigando as palavras. Por algum motivo, minha imprudente fala deixara Charles estancado como se tivesse paralisado. De repente ele maneou a cabeça e rapidamente deu uma ordem a um dos auxiliares, que na maior brevidade retornou com a pequena Kati. Tomei-a pelo braço e sai apressado em direção ao cavalo. Ao passar por Mac, disse-lhe abruptamente, fitando-o de esguelha:

- Rápido, vamos sair daqui!

A tolice de tudo aquilo deixara Mac de olhos arregalados. Mas, resignado, montou em seu cavalo e me seguiu. Eu não conseguia falar; segui calado e ponderando sobre aquele meu ato tresloucado: "fora a Divina Providência, não há dúvida", Mac falou comigo mais tarde. "Ela o enviou, é assim que um homem prova seu valor". Contou-me que sua mãe lhe havia ensinado a ser bom juiz de caráter, e ele sabia julgar um homem decente. Eu havia mostrado ser um homem assim. "O que você disse a ele?". Nada respondi.

Kati era provavelmente uma das mais lindas e doces criaturas do mundo. Mac a tinha desde menina, e onde estivesse atraía a atenção com sua prodigiosa memória para cálculo. "Kati, diga ao moço aqui quanto é 89 vezes 89", perguntavam-lhe já certo da resposta. A adolescência não só lhe trouxera formosura e beleza, mas também o emprego de secretária da RDE.

Aquele meu modo de agir havia deixado Mac extremamente feliz. Com a sanidade restaurada, sentamo-nos numa das mesas do Savanna's Hotel, e ele gentilmente serviu-me uma dose de rum e me perguntou outra vez:

- Deus meu, o que você disse àquele homem?

- Inteligência, senhor; usei a inteligência, nada mais - respondi triunfal. Simplesmente disse: "escute aqui, você não me conhece, mas daqui para frente ouvirá falar muito de mim. Você saberá que sou a pior pessoa

do mundo. Fui trazido da África porque lá estava acostumado a acabar com tipo como você! Tenho seis homens esperando uma ordem minha para assar todos vocês e comer seus fígados! Brinque com qualquer um, mas nunca comigo”.

- Essa figura de linguagem despertou nele o sentido do cômico, acho. Quando ele grunhiu aos soldados para trazer Kati, percebi que vivi novamente. Eu próprio recuso-me a acreditar no que fiz. Por que ele agiu daquela maneira? Acredito que ele me tomou como garoto desajeitado, merecedor de piedade – eu disse.

- Certamente, com a ligeireza que montou naquele cavalo, você não queria esperar nem um segundo para saber o porquê, não é? - indagou em gargalhadas.

No hotel de dois andares pertencente a um dos irmãos de Mac; alguns vaqueiros conversavam do lado de fora e bebiam imensos, embriagavam-se; lá dentro uma luz dourava o lugar; numa mesa ao lado, alguns brasileiros comiam e conversavam sobre as últimas novidades compradas em Georgetown, enquanto duas mulheres acanhadas ouviam todo o colóquio com olhos deleitosos.

Mais tarde, caminhando do lado de fora, Mac e eu encontramos Ben Mill. Mac teve com ele uma longa conversa; ele era uma criatura agradável com aquele velho. Falaram em trabalhar juntos, em tentar salvar seus empreendimentos da voracidade de Burnham; falaram em cooperar, falaram em suscitar em toda gente, bem assim, a vontade de viver e de lutar contra aquele estado de impassibilidade ora reinante. O grupo de vaqueiros a nossa frente se dispersou, e o silêncio envolveu aquela vila pastoril. A lua banhava com uma cor prata nossos rostos, e nós éramos três figuras que começavam a se mover. Ben Mill, um pouco mais alto disse: “desanimar nunca! Temos que manter o entusiasmo... custe o que custar”. Mac somente sacudiu a cabeça afirmativamente.

Tudo estava quieto até que bem próximo uma mucura provocou muitos latidos de cães que anunciavam a descoberta da caça. A atmosfera que os dois deixaram exalar dizia que os fazendeiros estavam se preparando para uma reunião política na casa de Ben Mill. Foi esse o tom da conversa que se seguiu: “comece a falar com os tuxauas, o encontro no Pirara será daqui a alguns meses, você tem tempo para falar com todos”. Quando se voltava para se retirar, Ben Mill virou-se repentinamente e perguntou: “a propósito, e o rapaz?”. Ele ouvira falar sobre os acontecimentos com



Charles e queria saber mais. Mac garantiu-lhe que eu era de boa índole, e parecia ter vocação para a vida na fazenda: "talvez possa nos ser útil". Ben Mill apenas resmungou, enquanto com alguma dificuldade subiu em sua montaria: "preciso de um capataz, e acho que este jovem ainda será importante para nós. Peça-lhe que vá falar comigo amanhã", ordenou em tom solene, como se eu não estivesse ali.

Mas naquele momento eu não tinha por que me irritar. A experiência daquele dia havia-me dado a sensação de estar vivendo uma aventura magnífica, uma tragédia a dar alento à minha alma juvenil. A natureza humana, às vezes se nos revela estranha: não sei o porquê, passei a sentir uma espécie de bem-estar depois daquele ocorrido. De repente, flagrei-me contendo um sorriso de felicidade dentro de mim.

No dia seguinte, bem cedo, Mac e eu chegamos à fazenda Pirara. A casa era uma construção vistosa de proporções delicadas, situada num vasto campo às margens do igarapé pirara. Por perto, ao redor da vivenda, sombras deleitosas de velhas árvores, mangueiras, cajueiros, laranjeiras e gramais verdejantes davam um aspecto prazenteiro ao agradável lugar. Nos fundos, edifícios acessórios abrigavam oficinas de carpintaria e um hangar com dois aviões. Uma cerca de arame impedia a entrada de cabritos e outros animais ao amplo pomar; perto dali estendiam-se os currais e o aviário.

Era uma manhã calma de agosto, Ben Mill estava nos aguardando, sentado no copiar. Cumprimentou-nos e dirigiu a Mac um longo comentário que, confesso, não entendi por que falaram em atorado, como se aquela fosse a língua mais eficiente do mundo. Em seguida nos levou até a uma grande mesa de madeira, onde nos sentamos. Ele fitou-me com amistosidade, e depois que um rápido sorriso lhe passou pelos lábios, disse:

- Precisamos de um capataz, alguém que consiga fazer com que nossos compromissos com a companhia sejam mantidos rigorosamente em dia.

- O que tenho de fazer? - perguntei.

- Fazer-nos ganhar dinheiro – respondeu - aqui trabalhamos em equipe, se eu ganhar você ganhará; se eu perder, evidentemente você perderá.

Fiquei perplexo com aquela equação. Se meus pensamentos pudessem ser transformados em palavras, eu teria dito: "isso não é para mim!". Ganhar dinheiro? Francamente não era meu interesse, naquele momento, dedicar-

me a acumular dinheiro. Estava preste a dizer um não àquela conversa, quando ele me olhou misteriosamente e disse que conhecia minhas inquietações de juventude tão bem como conhecia as palmas de suas mãos. Nunca na minha vida deixei superstições ou previsões conduzirem ou orientarem minha vida, por isso o encarei com um sorriso de desdém, e mais com desprezo diante daquilo que para mim era a coisa mais irrelevante do mundo. Um estranho senso de exultação passou a inflar meus pensamentos. Ben Mill viu na seriedade de meu olhar que precisava acalmar a irritabilidade juvenil que eu começava a demonstrar. Então disse com um gesto cortês:

- Não, não fique aborrecido, pessoas como nós conseguem se reconhecer; a vida vai ensinar-lhe isso. Estou aqui hoje porque no passado nunca aceitei meu destino.

Ele começou a contar-me a história de sua vida. Sua chegada ao Pirara dera-se quando MacMillan ainda vivia em Katunaribe. Anos e anos antes partira do Colorado em busca de fortuna na Costa Rica, e lá permaneceu até a morte de seu companheiro de viagem por doença. Decidiu aventurar-se na Amazônia, talvez para trabalhar em garimpo, uma vez que quando nos Estados Unidos, seu pai irlandês (que morreu na mais absoluta miséria) o iniciara nos segredos da lavra. O fracasso de seus planos o fez empregar-se ao ambicioso projeto de construção de uma ferrovia meio à selva, a Ferrovia Madeira-Mamoré. Informado sobre abundância de pedras preciosas no rio Cotingo, empreendeu uma demorada viagem até chegar ao lugar. Durante anos revolveu o leito do rio à cata de ouro e diamante. Depois de conseguir acumular uma pequena fortuna, desceu o Maú até encontrar o Pirara, de onde nunca mais saiu.

Contou-me assim.

Pareceu mais uma confissão do que uma história. A verdade é que admirei o que ouvi, mas não era bem isso que eu aguardava; esperava claro, algo mais do que aquela lembrança incidental sobre fatos da vida de um fazendeiro. Afinal, a agitação constante e a vida movimentada sempre foram a quintessência para jovens como eu. Porém... bem... tudo o que eu esperava era algo mais intenso, talvez bem mais além do que simples histórias de fazendeiros. Ele pareceu adivinhar meus sentimentos; deu-me a impressão de conhecer minhas hesitações, que de tão visíveis revelavam-se no meu olhar petulante. Quando levantei os olhos para retrucar o meu entendimento sobre “pessoas como nós”, ele indagou:

- Preciso saber se você fica com o emprego ou não. Afinal, quer deixar

sua sagacidade falar por você?

Não consegui entender o que ele quis dizer com "minha sagacidade". Mas eu era como todo jovem, afeito a aceitar ideias de pessoas mais velhas. Respondi que ficaria com o emprego, não tinha nada mesmo a perder, embora, naquela hora estivesse vagando numa intensa incredulidade. Ben Mill apenas maneou a cabeça, mexeu suas sobrancelhas grossas e grisalhas, e prosseguiu, observando que aqueles dias eram difíceis para o Distrito, e que ele não era em absoluto um absorto político, mas o rumo atual das coisas estava transformando-o:

- Burnham quer nos fazer curvar, e nós não iremos aceitar isso - disse como se estivesse num palanque. Como mostrei ares de desinteresse, ele foi mais incisivo:

- Se você vai trabalhar conosco, precisará saber de tudo.

Pela primeira vez, Mac interveio na conversa:

- Vamos reagir contra Burnham com apoio da Venezuela, e pessoas poderão morrer, você precisa saber.

Essas palavras soaram como uma sentença; durante algum tempo não consegui falar nada. Ele continuou a olhar-me, e seu semblante dizia que eu precisava deixar bem claro que estava ciente de tudo. Eu não queria parecer um idiota, não poderia dizer simplesmente um "não", pois depois do que ouvi, não poderia demonstrar desinteresse. Naquele exato momento, uma chama de impaciência correu em minhas veias e começou a dar sentido àquilo que eu estava prestes a me envolver. De fato, na minha vida aquele era um acontecimento inesperado ao qual eu não sabia como reagir. Então, dirigi-lhe um sorriso amargo, e disse que estava certo. Mas deixei claro que eu não queria ser tomado por um garoto ingênuo e tampouco ser utilizado para qualquer evento para o qual eu não estivesse preparado. Enfim, havia tomado uma decisão. Eu nunca na vida tive muito gosto por movimentos políticos ou quaisquer ideologias: se alguém tinha que se envolver naquela briga, certamente não seria eu, apenas um errante por aqueles lavrados cheios de fazendeiros e índios. Em resumo, nada o que pensavam tinha significado para mim. Mas por algum motivo, eu parecia atrair tudo em minha volta. Dia-a-dia, como uma sombra silenciosa que cobre bunitais e igarapés, surpreendi-me sendo atraído por aquela história.

## O comandante Tony Lewis

A RDE nunca esteve envolvida em qualquer contenda com a polícia de Lethem, a não ser queixas informais a respeito de roubo de gado em suas fazendas. Tony Lewis aguardava Mac que entrou escrupulosamente e sentou-se na primeira cadeira que encontrou, enquanto manteve-me em pé, próximo à porta. Mac havia-me dito que como capataz, era bom conhecer cada homem do Distrito. Aquele seria o momento de conhecer o único negro com quem os fazendeiros mantinham uma atitude respeitosa:

- Sabe da minha grande estima e consideração por você, irmão - disse Tony Lewis olhando para Mac com deferência - bem sabeis que os soldados hoje não são como os de antes.

- Bons tempos aqueles - afirmou Mac pensativo, segurando o chapéu sobre os joelhos. Em seguida assumiu ar de fúria e disse:

- Esses de Georgetown são imprestáveis, ébrios, indolentes... mas... desgraça, as coisas estão mudando depressa, aqueles bastardos... - praguejou.

- Só me resta pedir perdão pelo que fizeram com a sua Kati - disse Lewis.

Assim reagiu Tony Lewis, outrora o comandante mais pacioso de todo Distrito; exórdio das perorações da única loja maçônica de Lethem, onde fora admitido por conta de seu bom caráter e espírito pacífico. Sua fisionomia dizia que aqueles eram os piores meses de seu trabalho. Quando a Guiana se tornou independente, ele acreditou ser possível um país de seis povos. Sargento Tony Lewis, chamado de Lewis apenas, um negro de hirsuta cabeleira branca e dentes alvos - amiúde chamado comandante Lewis -, era, por unanimidade, o mais descente de todos os homens do Distrito. Durante anos comandara uma polícia pacífica e civilizada. Depois da vitória de Burnham, um crescente temor a fazendeiros partidários da UF fizera com que mais policiais fossem enviados para o Distrito, estabelecendo postos em Anai, Shea e Kurupukai. Uberoi Jailan havia chegado para ser o comandante e administrador de todo o Distrito, e Lewis fora preterido de seu posto depois de uma vida toda dedicada ao trabalho; dali em diante passara a ser o desprezo do novo comandante.

Uma grande luminária banhava de luz a sala com quatro paredes desbotadas e sem nenhuma janela; um armário de armas vazio, uma bandeira

do novo país e um banco de madeira e uma cadeira eram a decoração do lugar de despacho onde Lewis passou a desempenhar seu ofício depois da chegada de Jailan. Então a porta se abriu, e entraram Ramiro Nuñez, um oleiro da Catalunha que estabelecera um próspero negócio de fabricação de tijolos na região; Peter Nizinski, filho do polonês Leck Nizinski, um dos maiores comerciantes de secos e molhados do Distrito; e o inglês Ernest Gould, uma espécie de dândi do lugar. Todos estavam ali porque Mac os convidara, e por terem em comum o fato de serem maçons, com exceção de Ernest Gould, que preferia viver seu ceticismo melancólico.

- É uma agradável surpresa vê-los aqui, amigos - disse Gould, estendendo-lhe a mão.

Lewis esboçou um meio sorriso e respondeu ao cumprimento conduzindo todos ao banco de madeira, onde se sentaram. Em seguida, olhando com grande seriedade, disse pausadamente que era seu interesse também encontrar uma solução aos desvarios de Jailan e Charles. Disse ainda que o tuxaua vesgo da Masuri, Ronald, lhe havia informado que Jailan passara uma tarde inteira contando-lhe dos prodígios do novo governo de Georgetown, pedindo-lhe colaboração:

- Aqueles índios certamente não se deixariam guiar pelas conversas vazias daquele coolie, disse.

- Conversas vazias, comandante? indagou Peter Nizinski, com rosto de surpresa.

Uma compreensível expressão de recordação assomou-lhe ao olhar quando fitou Lewis. No passado não fora diferente. Quando pequeno, ele próprio seguia o pai que em arengas convencia os índios a trocar aves, porcos, arcos, enfim tudo que pudesse ser vendido posteriormente, por suas quinquilharias inúteis. Convencera-se desde então que aos índios bastavam poucas palavras:

- Esses índios se vendem por pouco, podem acreditar - completou.

- Confio neles, irmão Nizinski! Ninguém os conhece melhor do que eu - disse Mac, fitando-o e arrancando dos demais murmúrios de aprovação - estamos aqui porque queremos saber o que será feito para nos proteger, continuou a dizer dirigindo-se a Lewis:

- Você sabe muito bem do que estou falando, Burnham está nos acuando como se fôssemos animais. Minha companhia mal consegue pagar os peões, e não estranharei se daqui a alguns dias eles se voltarem contra

nós.

- Esse filho da mãe ainda manda um monte de patifes para cá - disse Gould, referindo-se aos policiais da Guyana Defense Force – GDF. Do jeito que as coisas estão caminhando, não duvido que em breve nos tirem daqui - completou.

- Não, não, não! A loucura deles não é tanta assim - asseverou Lewis tentando acalmar a fúria da conversa.

- Vocês sabem que estou de mãos atadas, nada posso fazer a não ser ir a Georgetown falar com quem deve resolver nosso problema, explicando a real situação daqui.

- E pensa que vão te ouvir? Cá entre nós, você devia assumir o controle da polícia e depois ir a Georgetown, isso sim! - Nizinski admoestou.

- Por favor, ouçam-me, conheço todos vocês há muito tempo, muitos eu vi crescer, confiem em mim, sei o que vou fazer, acreditem - rogou Lewis com um olhar de súplica.

Mac ponderou:

- Mas que absurdo, isso é impossível, irmão. Esses lunáticos do PNC estão nos provocando. Querem nos acuar, e você nos pede paciência? Pois digo: nenhum tirano de Georgetown nos dirá como devemos tocar nossas vidas! - concluiu com ar convicto.

- Sei que não... sei que não - Lewis somente murmurou balançando a cabeça como se as circunstâncias o obrigassem a concordar com Mac - é, senhor MacMillan, as coisas estão mudando depressa demais, e tudo diz que vai ser pior - resmungou azedamente, provavelmente conjecturando sobre acontecimentos futuros que estavam prestes a tirar a tranquilidade campestre do Distrito.

Ao ouvir a voz dolorida de Lewis todos permaneceram em silêncio, perplexos e com os olhos parados. Sabe-se que o valor de uma palavra está na mesma proporção do caráter de quem a diz; e aquelas pareciam ser as últimas palavras daquele homem. Imaginei comigo: Lewis estava a envolver-se numa luta perigosa que poderia esfacelar suas convicções e crenças; luta cujo desfecho era imprevisível.

- As coisas hão de se ajeitar, irmãos! - disse resolutamente.

Mesmo essa declaração ele não a fez fitando-nos. Sua cabeça permaneceu imóvel; via-se seus olhos petrificados e cheios de frustrações. Dúvidas profundas açoitavam-lhes, certamente. Lewis permaneceu cabisbaixo como se tivesse sido abatido num campo de batalha. Todos se levantaram e saíram emburrados. Ele, toda sua figura, permaneceu sentado; só seus lábios se moveram num murmúrio quase seco:

- Até logo, irmãos.

Do lado de fora, o sol despedia-se em uma tarde quente e calma, interrompida apenas pelo ronco do motor do DC-3 que cumpria sua faina.

## Ben Mill, Nizinski e Bernard

Passados dois meses, já estava tempo demais naquele lugar a ponto de já poder entrever parte daquilo que aqueles fazendeiros faziam. Ben Mill tinha a ideia de que o destino o havia reservado certos caminhos, uma espécie de emanção divina. De certa forma acreditava que nascera para governar o destino das pessoas do Distrito. Mas isso não o tornou um homem temido; fez dele, sim, uma espécie de autoridade informal naquele lugar. Já o conhecia o suficiente para saber que ele se julgava acima de qualquer contingência.

Depois da saída dos britânicos e posterior governo de Burnham, em 1966, ele passou a ter que se defrontar com a realidade hostil do dogmatismo do PNC. Quando ficava sozinho, imagino que mergulhava num mar de pensamentos, talvez com reflexões que quisessem vencer incertezas, combinando no espírito ideias para fazer frente àquele momento político criado por Burnham; quiçá, talvez, com igual hostilidade até dobrá-lo e fazê-lo reconhecer o que julgava ser o mais correto para o Distrito. Mas um movimento armado a quebrar a paz e o tranquilo desenvolvimento do Distrito era um desejo que ele pouco acalentava. Fosse como fosse, a despeito de suas convicções ordeiras, não poderia contrariar a iniciativa dos filhos; afinal eles estavam à frente dos negócios, que estavam sendo cruelmente afetados pelas decisões políticas de Georgetown.

Na última tarde, caminhando de um lado para o outro sob mangueirais farfalhando ao vento, ele teve uma longa conversa comigo. Disse que a semelhança de caráter o fizera simpatizar-se por mim. Embora não lhe desse muita atenção, ele demonstrava ter por mim uma espécie de empatia que lhe garantia, talvez, um lenitivo para seu espírito angustiado; possivelmente muito além daqueles sentimentos pessoais dedicados aos próprios filhos. Não havia ninguém do lado de fora. Seu rosto tinha um ar cansado, a tez carregava uma tonalidade avermelhada, e a voz já ganhara o timbre lânguido da velhice. Aproximou-se e perguntou:

- Sabe o que está para acontecer aqui? Não poderei agir de outro modo - disse cabisbaixo, levantou a cabeça, olhou-me direto no rosto e retomou - iniciaremos um movimento militar. Meus filhos comandarão, meus meninos; dói a alma vê-los envolvidos em uma confusão armada. É um sentimento que já experimentei quando os vi sendo levados nos Estados Unidos para guerras que eu nunca acreditei - fiz um rápido gesto de



compaixão, e ele continuou - e Christian, ainda é um garoto, nunca quis saber dele sobre quando esteve nas selvas coreanas. Mas eu tinha uma causa: o amor pela humanidade e pela liberdade.

Ben Mill falou com voz potente e lenta, e com o dedo em riste parecia chamar os céus como testemunha. Disse-lhe apenas que havia ouvido alguns comentários por parte dos índios. Evitei, com meu silêncio, que algum evidente interesse de minha parte estimulasse a conversa. Mesmo assim ele, coçando a cabeça, ponderou pachorrento:

- Mas que adianta falar disso, o tempo é cruel com todos nós, tira nossos sonhos e nos endurece como pedra. Quis ver meus filhos crescerem livres e honestos... - fez uma pausa para refletir, olhou-me solenemente por algum tempo e disse:

- Ah! jovem rapaz, a velhice dilui nossas convicções; hoje estou incitando meus filhos a lutar por uma causa que não tem solidez, não tem consistência, não tem princípios... somente é uma rixa política de Burnham contra nós!

Calou-se de repente, fitou o céu, gesticulou a cabeça em sinal de afirmação, assomou um sorriso desdenhoso nos lábios, e insinuou peremptório:

- Não se trata de uma luta por liberdade e justiça, trata-se de um punhado de gatunos do PNC que em benefício próprio quer nossas terras. O PNC e o PPP nutrem o sonho de reorganizar a Guiana numa fórmula para salva-la do colonialismo, então, pense você – ele me olhou inquisidoramente - colocar a vida dos meus filhos contra esse tipo de gente é uma degradação do espírito tão... tão vulgar...

Eu estava com o pensamento longe. Hoje penso que ali permaneci porque havia algo de reconfortante naquela voz. Em terras distantes raramente suporia encontrar homem tão desprendido, com tamanho apego à família e cujos esforços pela liberdade implicavam profundo desprezo a qualquer forma de tirania. Ouvi a tudo como um pai ouve a história de um menino. Passei a sentir uma espécie de compaixão por ele, pois sua fé imaginativa era-me animadora e absolutamente convincente:

- Sei como é... – Eu disse – mas aqui é a Guiana que os guianenses fizeram. Muitos confiam em Burnham... – ele olhou-me na esperança que eu dissesse algo mais, e eu ponderei – ele não é um político excepcional, mas teve votos que dão legitimidade aos seus atos.

Disse por instinto? Quem poderá saber? Ele pareceu recompor-se, esboçou um sorriso e perguntou:

– Você receia ajudarnos? – eu nada disse - Investimos nossa vida aqui, pagamos por nossa prosperidade à Guiana e agora Burnham quer nos tirar tudo - então levantou o dedo e apontou-o em minha direção – acredite em nós, ele nos odeia, queremos apenas que a justiça seja feita ao nosso Distrito.

- Está bem, talvez tenha razão – eu disse para acalmá-lo – seja como for conte comigo.

Conhecia-me há pouco tempo e já abrira o coração diante de mim; acho que eu lhe inspirava confiança, o que abrandava seu desespero e inquietude.

A noite já havia começado a deitar seu manto escuro sobre tudo ao redor acentuando o brilho de estrelas que clareavam sobre os mangueirais. De longe, ouvia-se o Pirara que corria, insetos estridulantes e folhas secas que caíam. Deitei-me em uma rede atada negligentemente sob uma das mangueiras e pus-me a refletir: Ben Mill havia proporcionado uma visão loquaz de si mesmo, e uma vida inteira poderia ser depreendida daquela conversa, e em meio a isso, dúvidas e incertezas - essas inimigas íntimas da boa tranquilidade – perturbavam-me, agitando seu espírito.

A verdade é que aquela situação impunha ao desafortunado mister Mill o embate entre a vida equilibrada do passado e a inquietação do presente. O governo de Burnham pouco me interessava, assim como não me dizia nada qualquer assunto político. Sempre vivi uma vida de sobriedade e ponderação, e se estava ali era somente por um deleite juvenil. Mas nunca havia pensado em doer-me por um fazendeiro de um lugar esconso no fim do mundo, e agora tal consideração doía-me a alma e enchia meu peito de um desejo grande de ação.

Nisso minha sensibilidade não me traía, porque somente a ação, essa doce sedução da juventude, poderia suplantar aqueles meus momentos de piedade. Quando o jovem consegue sair da linha que separa a juventude da idade adulta, torna-se parcimonioso nas opiniões. É o que penso. Hoje acho que era o que estava acontecendo comigo. Mas o problema, e assim deve ser com todo jovem, é que a sensação de que nada extremamente importante tenha sido feito na vida, impulsiona o espírito para a arte do intercâmbio humano. Talvez fosse um intercâmbio, uma aliança que estava me impulsionando para o interior daquela história e para perto da vida de Ben Mill.

Passsei a noite ali. Vi em estesia contemplativa os primeiros raios de sol brilharem sobre o flanco azulado do Cuano-Cuano. No ar fresco daquela manhã tudo parecia estar brotando, como que se o mundo começasse ali. A quietude matutina daquele dia, límpida e serena, fora quebrada somente quando o sino soou alertando os peões e vaqueiros para o desjejum.

Em tempo tão exíguo, já desfrutava o grau máximo na opinião de Ben Mill acerca de meu valor como capataz. Para aquele fazendeiro, ter-me encontrado parecia ser uma causa legítima para se gabar. Não que a vaidade fosse um forte em suas apreciações, mas em um orgulho inocente havia adquirido a mania de ufanar umas qualidades minhas diante dos filhos: “este homem tem duas devoções: o trabalho e seu patrão”, exclamava sem que nenhum dos filhos conseguisse contrariar tal opinião, a menos que se tratasse do esquisito Brad, cuja fisionomia sempre sisuda, risadas apertadas e bruscas, apontava para um total descrédito em qualquer forma de estima entre duas pessoas. Brad era capaz de economizar risos até durante as pilherias nas ferras e campeadas; se ria era rápido, pesado e destituído de qualquer movimento no semblante. Apenas sua linda irmã, Jackeline - um anjo - conseguia conduzir tamanha misantropia dentro de limites aceitáveis para a família. Mesmo ela, dizia descorçoada: “é verdade! Difícil conviver com quem nunca consegue espairer o desgosto por tudo”. Ben Mill, entre sorrisos, exclamava com perfeita serenidade no rosto: “não, não há razão para contrariedades...”, uma evidente vontade de acalmar a manifestação infantil que provocara nos filhos com a afirmativa a meu respeito.

Logo no início da manhã, Leck Nizinski foi visto na entrada da varanda, com seu perfil magro, alto, poucos dentes na boca e cabeleira loura. A senhora Ângela Mill convidou-o para sentar-se, e uma índia de feições sorridentes apareceu com uma xícara de café. “Que novidades traz, polish?”, perguntou-lhe Ben Mill. O polonês passou a mão pela cabeleira e com um olhar de descontentamento, somente resmungou. Os negócios estavam difíceis; vender aos índios sem dinheiro já não era atrativo, e parece que andar de um lado para o outro por aquelas estradas tortuosas e pontes traiçoeiras sobre igarapés em um caminhão, azedaram-lhe o humor. Ele estava desanimado e havia vindo consultar a Ben Mill quanto à assistência para a venda de alguns gramas de ouro recebido como pagamento nas aldeias. Esperava poder desistir daquele ofício oneroso assim que a oportunidade permitisse; sonhava ser fazendeiro no Suriname, onde queria ter uma vida mais amena, com tempo inclusive para dedicar-se mais aos seus livros. Repetiu isso várias vezes, desanimado e com um estranho queixume

cheio de sons do idioma polonês, ditos de forma apressada como uma espécie de brado de guerra. Parecia esperar um conselho, um alento vindo de mister Mill como sugestão àquela situação imprevisível da vida de mascate. Nada conseguiu. Mesmo assim continuou digressionando sobre as dificuldades daqueles dias em tom emotivo, resmungando que os tempos estavam difíceis e incertos e que talvez não valesse mais a pena seguir naquele ramo de negócio. Seguiu falando sobre os perigos da viagem por aqueles interiores selvagens e inóspitos. Negros audaciosos estavam assaltando nas estradas, postando-se escondidos sob caimbezeiros para tocaiar comerciantes como ele. Dias atrás – contou -, quando atravessava o Rupununi em direção a Isherton vira parado depois do rio, quatro homens suspeitos conversando sobre sabe-se lá o quê. Dois eram brancos, no qual um deles o chapéu escondia o rosto; o terceiro era um índio que tinha na cabeça um cocar de penas de arara; o quarto era um homem de óculos e roupas muito limpas. O índio e os brancos partiram juntos em seus cavalos e desapareceram entre as árvores.

Foi assim que ele falou a meu respeito de forma suspeitosa: eu era o do chapéu. Ele contou: “ficamos parados, com o motor do caminhão ligado! Nenhum dos meus ajudantes quis descer para verificar quem eram aqueles homens”. Com movimentos agitados ele continuou eloquente: “o rio estava quase seco, com cuidado atravessei para o outro lado. O homem de chapéu ficou parado sobre o cavalo, observando-nos. Devagar, ele se afastou da estrada o suficiente para passar o carro. Pude ver seu rosto muito bem por debaixo da aba do chapéu. Ele me fitou sem me dirigir uma palavra sequer. Quando um de meus homens acenou-lhe, ele disparou com o cavalo em nossa direção. A camisa revoava mostrando um revólver na cintura; confesso que tremi de pavor. Seu rosto tinha sinais de uma seriedade estranha, mas a cor de sua pele era de um moreno queimado pelo sol. Fiquei com o carro ligado, sem nenhuma menção de sair em disparada, porque não queria receber um tiro por trás. Foi aí que ele deu uma volta em torno do caminhão e perguntou ao ajudante, aonde íamos. Disse-nos para ter cuidado logo à frente com uma ponte quebrada. Como se nada tivesse ocorrido, acenou-nos um adeus. Foi tudo o que fez, e seguimos viagem. “Um ajudante disse tratar-se de seu capataz”, disse. Lentamente, diminuindo o tom da voz, quase cochichando, ele se dirigia a Ben Mill sem me fitar, que seguia sem lhe dar importância: “você não tinha porque se assustar, Nizinski”, disse, mesmo assim ele insistiu naquela alocação desproporcionada a meu respeito: “conheço muito bem as pessoas daqui, mas não aquele sujeito. Ele tinha um

ar suspeito, por isso estou assustado, e sobre o que aqueles homens conversavam? Logo um índio e dois brancos? Podiam ser ladrões, homens assim, quando se associam, não fazem boas coisas. Você já viu índio e brancos que nunca ninguém avistou na vida conversarem tão próximos como aqueles? Eu nunca vi! Não sei, mas boa coisa não pode ser”. Ben Mill tomou-o pelo braço numa tentativa de reconfortá-lo e disse mansamente com ligeiro sorriso nos lábios: “se foi aquele meu capataz que você encontrou amigo polish, não há com que se preocupar. Tenho plena certeza de que ele não se envolve com ladrões ou madraços”. “Por que aquele índio usava cocar? Por que junto com aquele branco?”, Nizinski seguiu ainda indagando com olhos assustados. Com as mãos sobre seus ombros, Ben Mill tentou dispensar o assunto: “não sei, não sei, Nizinski, não há o que temer”. Mas, Nizinski estava visivelmente preocupado e a fumaça de seu cigarro exalava um cheiro de tabaco forte. Ben Mill quis encerrar a conversa: “reuniremos nosso pessoal aqui, Nizinski, decidiremos nossas vidas, nosso futuro no Distrito. É isso que nos interessa agora” - disse. Mas para aquele comerciante de nariz curvo, adunco como ave de rapina, qualquer confusão atrapalharia seus negócios: branco, índio, negro tanto fazia, vendia para qualquer um. Havia um pensamento ativo em seu cérebro imaginando quanto dinheiro deixaria de ganhar, caso se envolvesse nas disputas políticas do Distrito. Pelas savanas vinha viajando dentro de um Ford havia anos, contrabandeando uísque para Boa Vista, comercializando arroz, feijão e enlatados de aldeia em aldeia, arriscando-se sobre pontes improvisadas em igarapés e rios, sob sol e chuva, por entre buritizais, árvores grossas e sólidas como pedra, muitas vezes solitário entre as verdes matas das savanas. Havia dinheiro a ser arrancado daquele lugar, bastava negociar, trocar, emprestar, vender, cobrar e ele vinha brilhando como diamante no leito fundo dos rios. A visão mercantil pela qual ele enxergava as coisas, dificilmente aceitaria fazer parte de qualquer evento que pudesse comprometer-lhe os negócios. Depois de coçar a cabeça numa atitude negligente, como se tivesse arrancado ânimo do fundo da garganta em pedaços, hesitou, escusou-se com a razão de que os tempos eram outros: “está difícil trabalhar, Mill. Depois da saída dos ingleses, tudo piorou. Já não vendo como vendia antes. Burnham pouco está fazendo por nós. Bons tempos aqueles”, suspirou. “Bons tempos...”, repisou Ben Mill. “As coisas poderão mudar”, disse-lhe. “Ainda vou ver-lhe recobrando a tranquilidade de quando lhe conheci, Nizinski”. Ben Mill deu uma ligeira gargalhada ao ver o olhar de espanto em Nizinski, que a cada sílaba somente murmurava: “Sim, sim, sim”. “Isso não é nenhuma aventura, amigo, eu e seu filho já falamos muito a respeito

e espero que você também nos apoie”. “Como você acha que posso ajudar? Para quê esse movimento? Isso não é perigoso?” Nizinski seguia assustado: “as coisas estão ruins, é verdade, mas não tão ruins assim”, continuou mostrando-se acabrunhado. “Isso é política radical, fogo com fogo, ferro com ferro, disse Ben Mill com um matiz de ira nos olhos. “Veja você: anda assustado, queixando-se de tudo, reclamando. Quer que as coisas piorem até que não tenha controle sobre mais nada? Quer que entrem em sua casa e tomem tudo de você? Quer que levem o caminhão de seu trabalho?”, disse e fez uma leve pausa: “acho que não, Nizinski, ninguém quer isso. É chegada a hora de reagir, pense sobre essa nossa conversa; se você vier, saberei que estará conosco”, arrematou. O som das palavras do polonês, que saiu incôscio dos motivos que o trouxera até a casa de Ben Mill, misturou-se ao barulho do motor de seu caminhão. Meio a uma cortina de vapores escuros, que lentamente foi se dissipando ao sabor de uma aragem tímida e constante, fiquei ponderando sobre os pensamentos de Nizinski. Ele, certamente, estava endoidecendo. Mas eu não tinha a mínima vontade de contradizer tudo o que ele dissera a meu respeito, e tampouco Mill quis saber de mim, mais do que havia sido dito.

A bem da verdade, aquele falatório não me causou emoção, não produziu nenhuma diferença no bom andamento das coisas e nem em meus planos. A vida sentida de uma forma diferente, em um lugar diferente, enfim, a nova existência que se abriu diante de mim, impôs no meu espírito irrequieto, a isenção e a tranquilidade.

Nessa história insensata dos fazendeiros do Distrito, havia ouvido falar de Jean Bernard, um jovem índio de rosto cheio e sorriso largo, que parecia ter engolido a pílula dourada do socialismo latino com suas ilusões, seus conceitos de liberdade e sua utopia revolucionária, quando estivera estudando em Georgetown. Fora com ele que Nizinski me vira conversando. Bernard tornou-se obcecado pela história de seu povo, tanto que havia lido toda a literatura de viajantes, padres, aventureiros, pesquisadores, enfim todos os que escreveram sobre a Guiana. Todo esse conhecimento assumiu em sua mente a forma de um artrópode grudado em seu cérebro. Começou a falar sobre direitos ancestrais, indianidade, imemorialidade, confundindo isso tudo com liberdade, autodeterminação e tradicionalismo tribal. Padre Giovanini o tornou professor na Missão; era sempre visto num cavalo, cocar na cabeça e uma bolsa a tiracolo onde carregava um gravador. Os índios tratavam-no com deferência, e quando chegava às aldeias ganhara o hábito de chamar as velhas índias de tias; aos meninos sempre levava balas e guloseimas.

Jean Bernard deliciava-se ao lembrar que sua vida de caboclo terminara quando descobriu que, para ser um índio, bastava sentir-se e ser aceito como um deles. Na sua cabeça a equação era simples: uma identidade é formada pelo que é pensado, pela maneira de ser e pela forma como se é aceito, nada mais. Sendo em toda a vida repetidamente chamado de caboclo, algo como um meio estágio entre a vida na floresta e a civilização dos fazendeiros e seus estoicismos falsos, um sentimento de rebeldia o tomou, como se quisesse dizer: "bem, depois de ter vivido em Georgetown, dos quatorze aos vinte e dois anos, agora sei realmente quem sou: não sou caboclo", dizia isso como se fosse o triunfo do bem sobre os males do Distrito.

O fato de ter descoberto esse destino pela proteção e dinheiro dos fazendeiros, tornava seus sentimentos mais fortes ainda. Mostrava que os fazendeiros estavam apenas devolvendo-lhe a dignidade que lhe fora usurpada em tempos pretéritos, portanto não tinha obrigação nenhuma com eles. Com isso, queria exprimir sua fé no futuro de uma sociedade indígena autônoma, livre das amarras culturais e sociais impostas por aquela sociedade de criadores. Suas ideias se nutriam de fatos: a relação entre o índio e a terra. Quando ia de uma aldeia a outra, com sua agilidade mental convencia os tuxauas a respeito de suas ideias; sentia que estava produzindo eventos favoráveis em suas consciências, sabia que sua causa estava sendo aceita porque se tratava da sobrevivência de seus irmãos índios. Ou era isso, ou a possibilidade de morrer nas fazendas ou retiros como morre o gado, sem ser ninguém, a não ser farrapo daquilo que um dia já foram. Dessa maneira, falava com alacridade aquele que viria a ser um dos principais personagens do evento que mudaria a história do Distrito.

Até então, ninguém havia ouvido falar de descontentamento, rebeldia ou distúrbios provocados por índios. Estrondos de canhões, tiros, mortes e gritos não eram comuns naquele lugar. Em Lethem, os sons mais audíveis sempre foram os ruídos contínuos do DC-3, dos automóveis dos ricos e o mugido do gado.

Foi a ele que me dirigi na estrada dias atrás. Ele tinha uma energia de caráter que se revelava num comportamento sério e na voz calma.

- Tenho ouvido falar muito de você, Bernard - assim o chamei, e ele parou des preocupado.

- Você é o novo capataz dos Mill? - Perguntou parando seu cavalo.

Aproximei-me mais e disse-lhe:

– E você é o líder índio do Distrito.

- Você não parou só para me dizer isso, acredito! - Ele replicou com notável aborrecimento.

Nesse momento seus companheiros se aproximaram: um era escritor; o outro, um francês que estivera preso na colônia penal da Ilha do Diabo, tendo de lá fugido até chegar ao Distrito e ser abrigado pelo padre Giovanini.

- Com efeito, não – somente respondi.

- Neste caso, diga-me o que quer, estou pronto a ouvi-lo!

Falou e esperou com uma expectativa no olhar. Algo fez-me olhar-lhe com cerimônia. Mas naquele contexto, queria dizer apenas sobre o perigo que todos estavam correndo. Ele era líder de um movimento para a demarcação de uma reserva indígena no Distrito, e os fazendeiros certamente não estavam vendo tal iniciativa com bons olhos. Mas ser identificado como parte de algo a qual não se tem afeição alguma contraria a boa vontade para ajustar as coisas. Passei a ser visto como um guardião dos interesses dos Mill depois do incidente com Charles. Mas minha opinião foi só uma ilusão que rapidamente se esvaiu feito névoa. Analisei que não deveria avançar naquela conversa, senão para dizer que toda essa história se resumia numa única palavra: estupidez! É a estupidez que faz as pessoas pensarem que se você não está de um lado, é porque está do outro lado. Mas eu não tinha lado, por definição. Aquele pensamento perturbou meu cérebro, aloucou meus sentidos e nada consegui dizer. Um sinal evidente de que naquela conversa havia o que fosse de fatídico.

- Em outro momento, em outro momento - foi tudo o que consegui falar.

Eles esporearam seus cavalos e partiram a galope; foi quando vi o carro de Nizinski aparecer bem perto de onde eu estava.



## Meu reencontro com Charles D'Urban

Tantos dias vivendo na fazenda Pirara, alguns meses se passaram. Havia adquirido o hábito de quedar-me absorto nas noites frescas, refestelado na rede em meu quarto de dormir. Nunca cheguei a compreender por completo porque havia decidido abandonar tudo: família, amigos, emprego; mas a fazenda havia moldado um novo espírito em mim, impondo um estranho atavismo em meus atos; uma intrepidez a dar confiança e uma resoluta tranquilidade à minha consciência: nada era monótono, insípido ou vazio; a vida campestre havia redirecionado o sentido de minha existência. Finalmente me sentia feliz, sem aquela típica sensação de que algo estivesse faltando. Justamente eu, que antes imaginava não poder me adaptar em outro mundo a não ser naquele bulício da avenida onde antes vivia.

Nos finais de semana, havia-me habituado a ir a cavalo a Lethem para conversar no *Horn's Bar*, cujo proprietário era David Mill, um dos filhos de Ben Mill, que dizia evitar envolver-se com as coisas da fazenda, preferindo cuidar de seu bar à noite, e durante o dia zanzar de avião pelos garimpos, comprando ouro e vendendo mantimentos para garimpeiros. Ele era o único dos filhos de Mill a ter instrução superior, e, talvez por isso seus atos eram impregnados de sinais exteriores de refinamento: possuía um talento ímpar para falar outras línguas.

David tinha a memória imbuída com as lembranças de sua infância, e me deleitava ouvi-las. Adquiri por ele uma especial camaradagem, o que fazia com que lhe confidenciasse minha experiência na fazenda. Disse-lhe que seu pai me havia regalado um revólver com o seguinte argumento: "aqui andar armado é parte da boa etiqueta, mas mostrar a arma é indelicadeza!". Desde então passei a andar com o revólver na cintura sob a camisa, sobretudo depois do aborrecimento com o policial Charles. Mas em momento algum temia ser emboscado e morto, ou mesmo desafiado por qualquer desafeto. A vida estava se passando muito tranquila e nada tinha a temer. Mas o fato de andar armado fez com que eu fosse visto como uma aparição perigosa, um símbolo potente. Contei-lhe ainda que havia saído à procura de uma rês extraviada. Durante horas segui, com mais dois vaqueiros os poços d'água onde ela poderia estar. Em situações assim, os vaqueiros consideram a possibilidade de o animal ter sofrido uma queda e fraturada uma das patas, ter sido picado por algum ofídio, ou quando não,

roubado. Quando estava ajustando as esporas aproximaram-se três índios jovens que se apressaram a dizer: "senhor, não fomos nós, esse boi é muito burro, se perdeu do restante". Quis rir pela comicidade da situação, mas não queria perder o respeito diante deles, então fitei um deles e indaguei expressivamente: "o que você pensa, Douglas?". "Acho que é isso mesmo, senhor!". Narro este episódio por ser ele quem lançou o valor evocativo da arma: fora esse revólver, uma mera peça decorativa, que Nizinski vira sob minha camisa.

Visitava David com regularidade, por ser ele, talvez, a única pessoa naquele lugar com quem realmente valia a pena conversar. Revelei minhas intenções de ir falar com o policial Charles, sendo que queria ver aquele incidente ocorrido na fazenda terminado. Se o acontecimento fora a senha para eu entrar no mundo dos fazendeiros, para Charles fora uma declaração de guerra contra o sistema, contra a polícia. Para mim era difícil conviver com uma desordem a perturbar o bom andamento dos meus dias. David aconselhou fielmente a não colocar em prática minha ideia por ser perigosa, dizendo que eu não conhecia ainda a reação dos negros contra os brancos: "eles matam impiedosamente!", disse-me com seu inglês preciso, apontando seus óculos em minha direção como se fossem dois faróis. Embora pressentisse uma aura de bom senso vinda daquela voz, ponderei que afinal minha interferência na refrega entre Charles e Mac havia sido para salvar a ambos; portanto, minha atitude sendo razoável, não via por que me inquietar: "se é assim, mais ainda devo falar com ele. Não quero viver correndo o risco de receber um tiro a qualquer momento", eu disse. Minha alegação não lhe arrancou nenhuma resposta, contudo ele me deu uma olhada rápida e bateu em meus ombros, um tanto solene. Mais de duas horas haviam passado desde que eu chegara ao bar, quando então saí em direção ao escritório da polícia. David acenou-me ligeiramente, voltando-se aos seus afazeres. O silêncio noturno lançou algumas dúvidas sobre minha decisão, mas segui caminhando, imaginando que aqueles fazendeiros construíram um mundo em torno de si, protegido contra ameaças, perigos, medos raciais que traduziam a necessidade de manterem suas vidas longe do mundo dos negros.

Subi uma escada de madeira, que sutilmente revelou-se sob meus pés a modo. Abri a única porta a minha frente e encontrei um policial sentado por detrás de um balcão. Era impossível distinguir algum conforto na sala: apenas duas cadeiras velhas eram as únicas comodidades. Um lampião projetava um fulgor vermelho-pálido no qual o rosto do policial tinha uma

expressão tosca, e ele me olhou com ares de espanto. A maneira como me fitou, sério, fez com que lhe perguntasse:

- O sargento D'Urban?

O policial dirigiu-me um longo comentário em criollie, que nada compreendi. Mas presumo ter sido um comentário inamistoso, porque pouco mais de um segundo depois, Charles apareceu vindo pela lateral e pôs-se em minha frente. Ele, com sua estatura a sugerir um guerreiro Massai, logo disse irritado:

- Por que você está aqui? - ele ficou totalmente desconcertado, tanto que murmurou confusamente - é muita coragem... eu... acho que você está abusando da sorte.

Eu nada disse, mas era jovem demais para suportar o silêncio ou palavras rancorosamente concedidas por alguém. Charles adotou uma expressão cuidadosa, e depois de olhar-me pensativamente por um pouco tempo, sem sobressalto, fez um ligeiro sinal com a cabeça e convidou-me para acompanhá-lo. Entramos numa sala com grandes janelas de madeira por onde os ares da noite entravam livremente. Meus olhos alcançaram pela janela a vastidão noturna e viram um sinal luzente varando a escuridão nos céus - um avião, certamente vindo de longe, de algum garimpo. Como todos os outros, pousou suavemente na pista do aeroporto de Lethem, que na minha imaginação, naquele momento parecia mais um ninho de pássaro recebendo filhotes cansados. Voltei os olhos para D'Urban que se postou por detrás de uma escrivaninha escura e sentou-se, segurando no semblante sua arrogante dignidade. De um modo apressado, acomodei-me na primeira cadeira que vi, e fiz algum comentário sobre o calor infernal daquela noite. Quase não percebi a luz que vi no horizonte apagar-se completamente, enquanto um ralo véu de fumaça encobriu as estrelas que brilhavam do lado de fora da janela.

Muitos meses haviam se passado desde nosso imprevisível encontro na fazenda. Após minha imprevista chegada, Charles não manteve mais o rosto sério, fechado de minutos antes. Sua pele tinha a cor de um negro férreo, e um sorriso improvisado revelou dentes grandes e alvos em sua boca. De repente aquele sorriso desapareceu, quando ele me disse com enfado as primeiras palavras:

- Estamos aqui para um trabalho sério. Deveria ter ido à sua procura, porque você ainda deve explicações à polícia, afinal não se ameaça uma autoridade, é um desacato...

Cerrou levemente as pálpebras e continuou:

- Consegui saber sobre sua vida aqui, rapaz! Confesso, não fiquei nada surpreso. Aquela história sobre a África... Ah! Aquilo foi uma piada, e você sabe muito bem que libertei a moça por outros motivos, não por seu desoportuno gracejo juvenil, que muito me irritou – como eu nada respondi ele continuou - não estou aqui para perder tempo com briguinhas raciais e tampouco com a insolência de jovens como você.

Foi o seu comentário. Não tentei retrucar as palavras com quem era a segunda vez que falava na vida. Simplesmente disse, com aquela humildade que a sabedoria nos ensina a recorrer em momentos oportunos:

- Sei que devo desculpas à polícia, mas queria que compreendesse que a minha interferência foi para evitar uma tragédia. Bom, o senhor sabe da irritabilidade frenética de *Mac*! E...

Ele me interrompeu bruscamente:

- Conheço muito bem todos aqui, e sei com apenas uma olhadela atenta, classificar cada fazendeiro, cada vaqueiro, cada índio, cada negro deste lugar a ponto de poder dizer: este é um homem decente, aquele é um pulha. Minha opinião é que os fazendeiros pertencem a instituições abjetas para o programa de meu governo para este país, e digo mais: esse tal *Mac*, que o diabo o leve, é o ente mais vil e estúpido que conheço. E pela maneira como você está se envolvendo com eles, logo se tornará um deles, pode acreditar, rapaz! - Disse-me em voz alta.

Aquele comentário desafiador poderia despertar minha irascibilidade juvenil, mas ponderei e somente ouvi:

- Talvez você não tenha nada a ver com isso tudo - ele fez um gesto depreciativo e continuou - mas sei o quanto esses fazendeiros nos odeiam, odeiam os negros, odeiam Burnham, odeiam o PNC, odeiam a tudo que não faça parte de seu seletivo mundo – fez uma pausa e com rápido soco na mesa continuou - tenho ouvido conversas sobre reuniões de fazendeiros, mas não se iluda, aqui sabemos de tudo!

Sua voz se elevou um pouco:

- Um conselho posso dar a você, rapaz: não se envolva nas histórias desses fazendeiros provinciais. Isso pode matá-lo.

Eu mantive o rosto fechado, e toda a conversa pareceu entrar rapidamente em meus ouvidos de uma maneira irritante e desafiadora.

Mentalmente, vi-me dando as costas àquela história surreal, mas foi só um pensamento. Eu disse com muita firmeza:

- Estou aqui para trabalhar, somente. Não me interessa o que os fazendeiros pensam, imaginei que o senhor pudesse entender isso e... - Ele bateu outra vez com as mãos sobre a mesa e me interrompeu dizendo:

- Você pode fazer o que quiser, não me interessa. Mas fique sabendo que vamos fazer a ordem ser cumprida aqui, custe o que custar - ele falou irritado e eu quis aquela conversa:

- Que diabos o senhor está dizendo; vim aqui simplesmente para mostrar que estou à disposição da polícia para explicações. Isso é demais?

Ele se calou diante da veemência de minha resposta. Acho que ele esperava que eu implorasse perdão, mas eu não estava dando a demonstrações emocionais. Sai daquela sala imaginando que Charles era duro ao julgar as pessoas. Ele me tratou com desdém, não havia dúvida. Quis falar com ele por ter a convicção de não me envolver nos acontecimentos dos fazendeiros, e queria que soubesse realmente quem eu era. Mas pareceu que sua ideia sobre mim estava diretamente associada à vida dos criadores do Distrito.

Deixei o sargento Charles D'Urban com sua tolice emocional. Ele, além de estúpido e banal era um crente das políticas de Burnham, a quem os negros de Lethem tinham grande respeito, que quando passavam por ele esperavam sempre um aceno ou um aperto de mão. Em bem mais de um ano na região, ele se empenhou para acentuar uma atitude de intransigência com os fazendeiros até os limites em que sua influência e poder o consentiam. Agia com absoluta crença nos ideais do PNC e tinha plena convicção de que Burnham estava no caminho certo. Confundi-lo com a verdade revelou-se uma absoluta perda de tempo.

Soube que aos poucos amigos, ele tinha o hábito de jactar-se: "meu avô viveu sob o *Apprenticeship* e conheceu Damon<sup>2</sup>". Gostava amiúde de dizer perorações sobre a independência e a luta dos negros na Guiana nas reuniões do PNC; sua memória a respeito de heróis da libertação era prodigiosa: conhecia os detalhes, as proscricções e as condenações a líderes negros na colônia.

Ele e o comandante Uberoi Jailan eram sempre vistos juntos, falando

---

2 Lei que disciplinava a transição da escravidão para a liberdade na Guiana, entre o ato de emancipação em 1834 até 1838, quando foi revogada. Damon foi um herói da resistência à escravidão.

ao pé de ouvido, vigiando bandos de índios em frente ao escritório da companhia, ou então fazendo perguntas sobre algum vaqueiro desconhecido que se encontrasse vagando pelas ruas ou estradas. Tanto que antes de ganhar a rua, pude ver Jailan entrando na sala, quando Charles, certamente, estava colocando-o a par da conversa que tivera comigo. Num lugarejo como Lethem, as informações corriam como vento.

Em particular, nunca tive muito gosto para vasculhar ou mesmo interrogar de quem quer que fosse, assuntos sobre outras pessoas. No fundo, sentia como um passageiro naquele lugar; poderia ir embora a qualquer momento e deixar de lado aquelas vidas sem relevos. Porém, no mais profundo de meu ser, sentia um forte desejo de ver como os fatos iriam se desenvolver nos dias seguintes. Se for o certo de dizer, a verdade é que sentia uma daquelas curiosidades juvenis.

Lethem, campestre e adormecida, com suas savanas e ricas fazendas, podia perceber pela primeira vez duas forças contrapostas: o governo de Burnham, do PNC, representado ali nas figuras dos intransigentes Charles D'Urban e o comandante Jailan, e os fazendeiros, diligentes com o gado, companhias e a vida de prosperidade que fizeram.

Jailan não nutria grandes considerações pelos negros, sentimento - contam - que nascera da disputa pelo poder entre indianos e negros em Georgetown; sobretudo quando, em função dos desentendimentos raciais de 1963, o People's Progressive Party e o PNC se enfrentaram nas ruas numa disputa étnica violenta. Mas a devoção à causa revolucionária moldara nele um espírito tolerante, uma espécie de crença na revolução socialista na Guiana, em primeiro lugar e acima de tudo. O resto, como dizia, é quinilhar burguesa, nada mais.

Ele conhecera Charles num comício no Strabroek Market, quando este lhe abrira o coração em declarações explícitas de devoção à revolução prometida por Burnham. Nomeado comandante, solicitou a transferência de Charles, na época cabo da Guyana Defense Force, para o Distrito.

Jailan sabia que os efeitos do gado sobre a vida dos habitantes do Distrito tinham consequência impactante. Sinais exteriores de enriquecimento eram evidentes, tanto que quando os aviões passaram a ligar Lethem ao mundo, os prósperos fazendeiros puderam enviar seus filhos para estudar na Inglaterra e nos Estados Unidos. Pouco a pouco se viu os hábitos culturais e materiais da civilização moderna crescendo no comportamento dos que retornavam com as conveniências da vida das

metrópoles. Antes disso, jamais alguém ouvira falar em distúrbios armados no Distrito: a tranquilidade do lugar impunha uma calma sobre todas as pessoas.

Jailan sabia também que o dinheiro conseguido com o gado estava derramando sua influência sobre todos, alterando o caráter interior do Distrito. Ele acreditava que esse caminho, certamente iria levá-los para uma direção distante daquilo que era pensado pelo PNC para a Guiana. As informações que tivera sobre as conversas reservadas entre fazendeiros o deixaram em alerta, e deveras preocupado. Em seu cavalo, diariamente percorria em passo de estrada a observar o lugar e as pessoas, todavia alheio às intenções dos fazendeiros e das de Ortega, um enigmático cubano a serviço da Venezuela no Distrito, que dele falarei mais adiante.

Jailan era a linha de defesa do novo regime contra donos de terras e dinheiro. Todavia, as informações chegavam-lhe incompletas e duvidosas, desligando-o totalmente da intimidade dos fazendeiros. Mas ele, na sua vetusta sabedoria revolucionária, certamente presumia o que algo iria acontecer. Durante anos havia colaborado para a solidificação do PPP, mas Cheddi Jagan parecia-lhe demasiado burocrático para ser um líder popular. Quando conheceu Forbes Burnham, e este lhe abriu o coração em declarações sólidas sobre quais projetos tinha para a Guiana, Jailan - um entusiasta da greve geral de 1964, quando mais de cento e setenta pessoas morreram, fazendo com que tropas britânicas intervissem para debelar a massa obstinada de grevistas – encantou-se e decidiu doravante trabalhar com aquele que julgava ser orador implacável e o mais brilhante líder popular da nova Guiana.

As mangas da camisa eram sempre compridas e abotoadas nos punhos, um chapéu panamá não lhe saía da cabeça, as botas davam-lhe um ar vaqueiro, no ademais era o próprio tipo coolie: cabelos lisos escuros, rosto fino e lábios escuros, onde dificilmente via-se um sorriso. Sua estatura alta e corpo esguio tinham aquela típica cor indiana que nunca se tisa sob o sol.

Sua ira contra os fazendeiros denotava que eles não faziam parte das ações administrativas do PNC. Aqueles latifundiários provinciais, diante dos quais os índios estavam acostumados a tremer, causavam-lhe mal-estar, uma náusea explicável só sentida por estoicos que entregam suas vidas à ilusão da revolução socialista, e vivem uma vida de renúncia que lhes intumescce a alma de prazer e satisfação.

Deixei a noite cair sobre mim, segui para a fazenda Pirara dirigindo o mini-mook de David. Quando passei em frente ao Manari Hotel, uma luminosidade amarelada escapava por uma janela soberba. Meus olhos avistaram a silhuetas de três pessoas sentadas, conversando. Falavam trivialidades certamente, ou também, como as imprecações de Charles e Jailan, soltavam ódios profundamente represados contra Burnham, contra os negros; quem podia saber.



## A família Mill, eu e Jackeline

Verdade seja dita: naquela altura já conhecia todos os vaqueiros índios das fazendas, tanto que sabia chamar a cada um pelo nome e podia distingui-los dentro de uma massa de rostos e cabelos iguais. Conhecia suas qualidades e defeitos, tanto que quando dizia algumas frases em atorado, arrancava-lhes sorrisos tímidos.

Diariamente, antes que os primeiros raios do sol clareassem as savanas, azafamava os vaqueiros que saíam ao campo. A cada dois meses aconteciam as campeadas, eu contava e recontava o gado, conferia tudo e sempre fazia um relatório do trabalho.

O meu estado de espírito já estava ajustado à rotina daquele lugar. Sabia identificar os humores e as fraquezas dos filhos de Ben Mill: Christian era impulsivo, suas constantes tentativas de agradar ao pai, deixavam a ideia de uma imaturidade, de um tipo de caráter corriqueiro nos filhos caçulas de abastados. Quando se alistou para a Guerra da Coréia, mastigava histórias duvidosas em cartas para o pai, contando feitos da frente de batalha, mortes e traumas com os quais tinha diariamente que conviver meio às selvas. Brad, com seu tipo sisudo, que nunca acreditou que um homem como seu irmão pudesse ser herói de guerra, pôs-se a investigar os feitos contados por ele durante uma viagem que fez à América. Quando soube que seu irmão passara toda a guerra servindo oficiais no restaurante de uma fragata de apoio a forças-tarefa, riu, dizendo: "não disse que aquele não tem coragem de atirar sequer numa mosca?". A pedido de Jackeline, nunca quis tirar a aura heroica que o irmão inventara sobre si para o pai, mas gostava de comentar o fato a amigos durante as rodadas de cachaça e rum. Mas Brad era uma figura solitária, descrente na humanidade e em tudo o que fora construído pelo homem. Para ele a sociedade deveria ser dominada pelos mais fortes: "uma forma de acabar com futilidades políticas perpetradas por fracos, por escravos da virtude". Acreditava que a guerra revitalizava a sociedade; dizia que somente nela os homens conseguem manter uma frágil solidariedade: "porque tais coisas, como fraternidade, solidariedade e amor ao próximo, só são possíveis quando a miséria da guerra ou qualquer catástrofe paira sobre as pessoas", falava. Do mesmo modo, tinha um destemor por quase tudo. Durante as campeadas e ferras costumava saltar de um cavalo em velocidade sobre os chifres da rês tida como a mais selvagem, e durante longos minutos esforçava-se para curvar o pescoço da novilha até que ela, pulando em

desvarios, rolasse dominada pelo chão. Quando se embriagava seu destemor redobrava: era capaz de desafiar a sorte atravessando o Tacutú a nado nas épocas de cheia, e quase sempre se jactava de suas habilidades com o gado e das aventuras por rios dos confins do Distrito, intumescidos de jacarés, candirus e arraias. Mas eu o tinha como um desvairado, tanto que raras vezes dirigia-lhe a palavra. Arnold era o filho mais próximo de Ben Mill, a quem mostrava dedicar maior afeição. Quando conheceu Margareth, ele lhe disse: "case com qualquer dessas índias, mas aquela oriental não é mulher para você!". A forma como ela gostava de controlar a vida do marido, arrancavam-lhe desapontamentos. Nunca comentou seus sentimentos a respeito do casal, mas a maneira como a tratava demonstrava nunca ter aceitado o casamento. Para ele, ver o filho que esteve na frente de batalha durante o Dia D, ser controlado por aquela chinesa doía-lhe a alma. A recordação das cartas que recebia do filho na época da guerra, narrando detalhes de seu dia a dia nas batalhas, vivificava seu espírito e fazia sentir-se orgulhoso. Muitas vezes, comentou comigo seu desejo de estar lá, sentindo o cheiro de pólvora, ouvindo o sibilo de balas e os bramidos de canhão, tal era seu encanto pela história vivida pelo filho. Mesmo passados mais de vinte anos, aqueles momentos Mill nunca esquecerá. Para ele, o filho ainda era seu herói, embora Arnold não tivesse vocação para mais nada: nunca se interessou pela vida da fazenda, ao cavalo preferia seu mini-mook. Provavelmente, o pai, percebendo a vida inanimada do filho, quis dar-lhe estímulo, um alento para abrilhantar sua alma prosternada, inventando qualidades políticas que nunca tivera, tornando-o um quadro pálido da UF.

De todas as pessoas na fazenda, Jackeline era a única por quem consegui nutrir alguma consideração. Seus traços delicados, palavras mansas e gestos suaves cativaram-me de um modo especial. No mais, suas sobranceiras bem delineadas e o sorriso que adejava nos lábios quando passava por mim, davam-lhe ares celestiais. No corpo pequeno vestia calças jeans decoradas e camisetas sempre brancas - algumas com gravuras de Elvis Presley -, seus olhos azuis tinham um fulgor brilhante que nunca se dissipava. Foi ela quem me chamou um dia para dizer seus planos e sonhos, quando me disse: "vou ser enfermeira, acho ser uma forma de ajudar pessoas". O arrulhar de seu coração e a maneira distinta de falar, duraram até quando a senhora Ângela Mill chegou por uma porta já iluminada e chamou-a: "os sonhos dessa menina vão longe, e está na hora de dormir. Esse rapaz despertará cedo amanhã".

Ben Mill tinha por ela profunda afeição e queria vê-la estudando numa

boa universidade fora da Guiana, a despeito de ser sua única filha e do apego que lhe tinha. Iria viajar dentro de poucos dias, e o fato de ficar distante da família nada lhe agradava, porém não ousava contrariar o pai. Tudo indicava que sua viagem tinha direta relação com os dias turbulentos vividos no Distrito.

Já Joseph Mill, com seus vinte e poucos anos, era filho de uma das aventuras de Arnold com uma índia, acontecida antes de sua ida para a guerra. Desde pequeno fora criado pela senhora Ângela Mill, mas tornou-se uma dessas crianças de comportamento difícil e incorrigível. Quando na adolescência, a avó queria fazer dele um homem e o enviou para estudar na Florida, imaginando poder desenvolver seu caráter e inteligência numa escola de disciplina rigorosa. Porém, instalado num lugar distante das vistas da avó, não estudou um único dia. Passava o tempo em namoricos com garotas mexicanas e em bares se embriagando. A avó viu-se na necessidade de trazê-lo de volta com o argumento de que, deles ele não receberia nem um centavo mais. De volta à fazenda passou a trabalhar no matadouro, porém jamais esqueceu seus momentos de recreação na América, tanto que na fazenda não dava paz às índias; todas as tardes, deliciava-se embriagando nos bares de Lethem, de onde muitas vezes retornava somente no dia seguinte.

Mas Ângela Mill estava acima de todos eles. Quando via Ben Mill ziguezagueando sem rumo, admoestava-o: "aquiete-se, homem!". Geralmente, Mill dirigia-lhe ligeiro olhar e fazia-lhe ouvidos moucos. Certamente, ninguém o conhecia tão bem quanto ela. Soube, caro leitor, que na época áurea do garimpo, um negro chamado Phil Marc havia estabelecido uma área de extração de ouro no rio Rewa sem seu consentimento. Ben Mill teria sido uma espécie de gerente dos garimpos na região; qualquer barranco a ser aberto necessitava sua anuência. Não que houvesse alguma nomeação oficial para este mister, simplesmente era o maior conhecedor de garimpos que se ouvira falar: sabia como encontrar ouro e para quem vende-lo. Numa tarde fora ter com Phil Marc: "aqui existem regras, e você vai aprender a cumpri-las". Repetidamente, teria golpeado com o cabo de seu revólver a cabeça do tal Marc, até vê-lo desmontar-se sobre os joelhos, totalmente dominado. Apontando o revólver para sua cabeça, deu-lhe um documento para que assinasse e disse: "daqui a três minutos, uma de duas coisas estará nesse papel, sua assinatura ou seus miolos". A sensibilidade daquela mulher não deixou o evento despercebido. À noitinha ouvira-o entrar na casa dizendo o nome de um dos filhos num cicio. A tensão de sua postura, depois

soube, revelou-lhe que algo sucedera. Quando Mill disse que havia ido falar com o tal Marc, o espírito manso, a singela devoção ao marido e a incerteza em relação ao futuro dos filhos fizeram com que ela, num gesto de profunda inquietação, caísse ajoelhada aos seus pés e implorasse para que deixasse o garimpo. Ben Mill levantou-a e saiu calado rumo ao quarto. No dia seguinte, sob o olhar curioso da mulher e espanto dos filhos, chegou de tardezinha tocando uma boiada. Apeou-se do cavalo e pôs-se diante da esposa: "doravante serei criador de gado!" Mais tarde viria a se tornar um dos maiores criadores de gado do Distrito; fora ele com seus peões índios quem abriu uma trilha, com léguas e léguas de distância, no meio à mata para a passagem do gado até Georgetown.

Durante anos, Ben Mill, através da MM., estivera regularmente abatendo reses para a RDE. Em toda área do Distrito sabia-se que a RDE e a Meet Market haviam trazido progresso e desenvolvimento à região. Lethem passara a ter hospital, escola e um eficiente sistema de transporte aéreo, graças às duas companhias. Todo o distrito devia seu vigor econômico, precipuamente ao gado nas fazendas. Por anos as savanas permaneceram protegidas contra a cobiça empresarial; mesmo os brasileiros tardaram a ocupá-la antes da solução do litígio em favor da Grã-Bretanha. Os padres italianos, com seus ideais religiosos, sempre viram as companhias com desconfiança. Durante muito tempo catequizaram os índios, estimulando o tribalismo nas aldeias como forma de mantê-los protegidos da cobiça sobre suas terras; ação que curiosamente fez surgir índios hábeis em dizer preces e orações em latim. Não obstante, logo que as companhias entraram em atividade, toda a população índia se deliciou com as novidades vindas de fora, trazidas pelo DC-3. Mantê-los na missão, sobretudo dentro de uma rígida disciplina eclesiástica, tornou-se uma tarefa inglória aos padres, tanto que nos primeiros anos de funcionamento das companhias, a missão praticamente se esvaziara.

Ben Mill era um homem respeitado, muitos o procuravam quando necessitavam de alguma ajuda. Dificilmente alguém mencionava algum desapontamento nas relações com ele. Simplesmente, era um tipo de pessoa que nunca recusou ajuda a quem quer que fosse. Jamais teve o hábito de prometer; sempre dizia, diante de uma solicitação: "já tomei as providências" ou "tudo já está arranjado". Mas estas palavras, ele as proclamava a qualquer pessoa, mesmo as estranhas, aquelas que jamais avistara durante toda a vida. Era de conhecimento tácito que procurá-lo era sinônimo de promessa de amizade e lealdade. Resolver problemas, era-lhe uma atribuição exclusiva.

Todos sabiam disso, tanto rico quanto pobre, negros ou índios. Porém, uma ajuda qualquer dada por ele era uma promessa de dívida para toda a vida. Foi dessa maneira que sua autoridade se espalhou por todo o Distrito.

Naquele dia, exatamente aos vinte e seis de maio, quando se comemorava o segundo ano de independência da Guiana, ele estava em Lethem. Jailan o instara a dar exemplo de civilidade ao Distrito. Ben Mill encontrou-se pela primeira vez com esse administrador, que solícito o procurou na fazenda Pirara para que apoiasse tal iniciativa: “se é para o bem da Guiana, estaremos lá”, disse como se fosse um desaforo a Jailan, porventura falando também pelos outros fazendeiros e, quem sabe, por todos do Distrito.

Muitos ficaram surpresos com a colaboração de Ben Mill para a realização do ato cívico de Jailan; eu mesmo custei a compreender. Mas ele era demasiadamente sutil e engenhoso; queria dar, quiçá, uma demonstração de intensa vitalidade, mostrar o vigor das fazendas e das companhias. Imagino que fora com o propósito único de dizer indiretamente a Jailan, que os fazendeiros são mais poderosos do que imaginava a sua obstinada consciência revolucionária.

Ben Mill saudava a todos os convidados; conhecia cada um pelo nome, e quando os encontrava dirigia-lhes acenos ou aperto de mão. Muitos indígenas encheram as ruas, levantando uma nuvem de poeira com o arrastar de sapatos e pés descalços; tropéis de cavalos se confundiam com o ronco dos motores dos carros de fazendeiros, que traziam rostos redondos e olhos negros deleitosos de belas jovens. Todos se reuniram perto do Savanna’s Hotel para ouvir Jailan discursar, o representante oficial de Georgetown em Lethem, que chegou caminhando, acompanhado por Charles. Depois de subir num púlpito improvisado, passou os olhos sobre a multidão como se conseguisse distinguir cada rosto naquele mar de cabeças. À sua direita, Charles, trajado com uma roupa militar de gala, transpirava, e de tempo em tempo enxugava com um lenço seu rosto férreo. À altura do peito, várias medalhas cintilavam em fileiras na farda, dando à sua figura um aspecto hilariante.

Uma pequena multidão esperava paciente que falasse o grande comandante de Burnham no Distrito. Muitos fazendeiros, certamente em seus pensamentos secretos, desejavam que uma desdita do inferno abatesse as duas figuras. Começou o discurso berrando a palavra companheiros, que deve ter se calado no fundo do ouvido de Ben Mill, como um insulto. Em

seguida começou a falar sobre cooperativismo, luta de classes, socialismo, lealdade à Guiana, confiança em Burnham, dos ideais do PNC..., porém, todos estavam mais interessados no movimento que ele fazia com as mãos, do que com seu discurso. Na ponta dos pés, Jailan gesticulava com os punhos cerrados, levantando-os resolutos para cima. Às vezes, quando falava de Burnham, colava a mão no peito, sinalizava, apontava o dedo indicador para os céus como que se invocasse alguma nuvem como testemunha; quando dizia a palavra cooperação, deixava uma das mãos cair sobre os ombros de Charles. Chamava os índios, os negros e os fazendeiros de irmãos, conclamava toda a população a aceitar os ideais da política de Burnham, do PNC. Alguns negros postados próximos dele, de vez em vez gritavam vivas que se perdiam rapidamente. Mas Jailan estava decidido, batia no peito e dobrava o corpo na direção do povo, como se quisesse falar ao ouvido de cada um, num esforço máximo, extra-humano de sua arguição. Finalmente, com um dos braços levantados pomposamente, berrou: “viva a liberdade! viva a Guiana! viva o Distrito do Rupununi!”. Na sua vistosa emaciação, seus dentes claros ficaram à mostra num sorriso que se recusava a sair de seu rosto. A palavra “viva” soou forte na sua forte e imbatível fé no socialismo sonhado pelo PNC, de Burnham. A multidão aplaudiu e gritou; o clamor das vozes e os aplausos propagaram-se até os confins da vila. Em seguida, ainda com um sorriso de satisfação no canto dos lábios, Jailan desceu seguido por Charles, e meio à multidão caminhou triunfal. Uns poucos gritaram seu nome, o que ele respondia com aceno de satisfação. Resoluto, seguiu até o lugar onde se encontrava Ben Mill e disse, peremptório: “bonita festa, mister Mill! Nosso país precisa ser glorificado, as futuras gerações, nossos filhos, terão orgulho deste lugar!”. Ele falou rápido, esticando a bochecha e sacudindo o dedo em riste. Ben Mill somente maneou a cabeça, esboçando um meio sorriso.

Fiquei imaginando que ele sorria mais para acalmar a vaidade em Jailan, que indicava ser dificilmente satisfeita. Aquele fazendeiro sabia que a imprudência só pode ser vencida pela prudência. Por isso ficou parado, de braços cruzados, observando o orgulho de Jailan transbordando através de seus gestos. Disse-lhe uma ou duas frases, que ele mal ouviu: um tuxaua o arrastara, praticamente, para falar com um grupo de índios que o recebeu entre risinhos.

Ben Mill sabia que os fazendeiros ouviriam com repulsa o discurso de Jailan, prometendo transformar pobres em ricos, índios em fazendeiros, negros em homens prósperos. Por isso, deixou - e até ajudou - sua vaidade

voar livre e solta, pois sabia que ela induziria os fazendeiros a enfrentar a política de Burnham, a apoiar seus planos para a revolta. Não se podia negar que seu raciocínio era bem sensato. Ben Mill tinha talento para provocar reações em cada pessoa do Distrito, e sabia fazer isso muito bem. Depois, caminhou devagar espiando um ou outro grupo de pessoas até o Savanna's Hotel. Logo, sentou-se tranquilamente e pediu uma dose de rum. Mac aproximou-se, exasperado: “sujeito estúpido!”, murmurou entre os dentes, demonstrando nervosismo: “essa conversa sobre liberdade, lealdade... esse... é... é um bandido a serviço de Georgetown”. Mais duas pessoas se aproximaram, e ele continuou: “Jailan, Georgetown, Burnham, nenhum canalha me tirará daqui, de minha casa”. Ben Mill, calmamente, sorveu a bebida, olhou para Mac e exclamou: “tenha calma, reflita melhor, nós somos inteligentes e equilibrados. A prioridade é nos concentrarmos na preparação de nosso encontro, precisamos agir juntos, é o que devemos fazer”. Ben Mill sabia que Burnham trazia consigo a degradação dos liames que davam consistência à vida daqueles fazendeiros; Burnham jamais vira os campos, a terra, a opulência, e por isso nada sabia, nada conhecia sobre seus preciosismos; se conhecesse teria visto as fazendas construindo vidas com seu vigor, perceberia como elas dominaram tudo na região. Com visão profética, Ben Mill sabia que somente juntos poderiam enfrentar a destruição política do país após a independência.

A manhã estava adiantada. Grupos de pessoas, índios e vaqueiros concentravam-se no armazém do chinês, pai de Margareth, onde bebiam, cantavam e dançavam. Os fazendeiros deleitavam-se com os confortos do Savanna's Hotel. Outros, com outras convicções, como eu, tranquilizavam-se no Horn's Bar, onde estavam também Jackeline e Kati desfrutando do passeio. Jackeline tinha uma juventude vigorosa que a cada dia tornava mais imperiosa a beleza de seu rosto; também a maneira como trajava, destacava e dava forma ao seu corpo esguio. A maneira como ajeitava os cabelos com a mão, como se fosse tique, dava um toque malicioso aos gestos e movimento de seu corpo. Ela fitou-me com olhos encantados e envolveu-me com a mirada límpida de seus olhos azuis. Àquela altura eu tinha os olhos pregados nela. O desejo cresceu dentro de mim e de repente ela aproximou-se, e com um risinho de satisfação sentou-se ao meu lado. Sorrimos um para o outro e o frescor de seu olhar rasgou meu coração. Ela olhou no fundo de meus olhos e perguntou como se conseguisse ouvir o clamor apaixonado em minha alma:

- Diga-me uma coisa, você gosta de mim?

Ela continuou a me fitar com olhar terno e com um sorriso cúmplice nos lábios, que se dissolvia no traçado suave de seu rosto. Tinha, de fato, uma sinceridade na maneira como diretamente me olhava.

- Mais do que pode imaginar, do que posso dizer, e... - Isto eu disse aos pedaços, mastigando as palavras; tímido.

Ela sorriu mais abertamente e continuou a me olhar contemplativa. A suavidade de seu perfume me envolveu produzindo sobre mim um feitiço excitante. Logo, levantou-se e sem qualquer vergonha, beijou-me nos lábios, muito rapidamente, mas o suficiente para eu poder sentir perfeitamente seu hálito puro. O sorriso que adejou enquanto me olhava, fez com que parecesse deliciosamente jovem diante de mim. Sem mais uma palavra, saiu apressada junto com Kati.

Do lado de fora, o povo movimenta-se. Caminhei algum tempo distante dos acontecimentos terrenos, pensando em Jackeline, na maneira como ela me surpreendeu. Era alguma hora do início da tarde, não me lembro bem. No armazém do chinês uma massa de gente, com muitos homens e mulheres se acotovelando, dançava ao ritmo de uma sanfona tocada por um homem que, de tempo em tempo, revelava uma proeminente dentadura de ouro que sobressaía em seu rosto fino. Joseph e Brad se esbaldavam dançando e bebendo. Quase não notei um índio, vaqueiro da fazenda Pirara, arrastando-me pela mão aos gritos: “rápido, venha ver”. Uma gritaria fizera o sanfoneiro parar a música. Um homem, um índio, havia agarrado Joseph pela cintura, lançando-o ao chão; e numa fração de segundos estava socando seu rosto, xingando-o com uma voz entre os dentes: “desgraçado, você deve respeitar a mulher dos outros “. Joseph tentava se levantar, mas o índio segurava seu pescoço e o comprimia com as mãos, tanto que as unhas chegaram a varar-lhe a carne. Via-se o rosto inchado de Joseph, de tanta bebedeira, ganhar uma tonalidade arroxeada, intensificada por uma cortina de sangue que brotava da margem superior de seu olho direito. O que se seguiu deixou a todos com olhares pasmos. Brad, com o rosto fumegando ódio, cabelos eriçados, puxou o índio de cima de Joseph, afastando-o dos outros com seus braços curtos e musculosos, até a rua. Feito um jarro cheio de ódio se estilhaçando e numa selvagem expressão de fúria, começou a socá-lo com seus punhos pesados, com tamanha força que era possível ouvir estalidos de ossos se quebrando. Ninguém interveio; todos permaneceram em silêncio, entreolhando-se perplexos e atemorizados, imaginando que Brad fosse matar o índio com violência.



Entrementes, mais por instinto, aproximei-me de Brad e segurei sua mão no justo tempo em que ela ia explodir pesada, mais uma vez, sobre o rosto do índio que já não oferecia resistência alguma. Ele repentinamente soltou sua vítima, quando sua outra mão se contraiu sobre meu ombro e seus dedos crisparam com força, pronta a quebrar-me o braço sem piedade: “não se meta!” - disse e olhou-me com rancor selvagem, empurrando-me para longe de si. Contudo, minha intervenção baixou a tensão de sua fúria e logo ele saiu gritando pragas, arrastando o sobrinho enquanto o índio foi socorrido como se juntassem seus cacós. Ao fim de um cabo, todos voltaram à música e à dança.

Mas Ben Mill não mostrou preocupação alguma com o gesto do filho. Nada fez. O dinheiro, o poder conquistado com a abertura de garimpos, com a venda de ouro e a presença de milhares de reses nas fazendas e campos da companhia tinham uma penetrabilidade que se personificava nas reações de seus filhos. Imaginavam que o poder dado pelo dinheiro lhes era irreduzível. Ele sabia que a violência de Brad fora simplesmente mais uma das sombras exteriores da força do dinheiro. Contra isso, Ben Mill cultivou o hábito de ficar mudo como se estivesse preso aos grilhões de uma angústia fixada pelo destino.

Sempre acreditei que seu silêncio em torno dos gestos de Brad tinha matiz de significado que se revelava através de seu desprezo por todas as formas de violência gratuita, “uma irremediável sandice”, como dizia. A título de conciliação consigo mesmo, seus compromissos eram com a sua consciência, não com os atos dos filhos.

## O padre Aldo Giovanini

Éramos oito à mesa. Ben Mill, como de costume, sentava-se à cabeceira; a senhora Mill ao seu lado. Era um dia de domingo e, no lado de fora, dezenas de pessoas aguardavam, com crianças que corriam em algazarra pelos mangueirais. Os homens índios vestiam ternos de fazenda barata, porém impecavelmente limpos; as mulheres saias coloridas, de tempo em tempo puxadas por algum indiozinho em correria. Todos estavam ali aguardando as bênçãos do padre Aldo Giovanini que viera da missão Santo Inácio dizer missa na capela dos Mill, como fazia uma vez a cada mês para uma massa de índios vindos das mais distantes aldeias.

O padre Giovanini sentou-se ao lado da senhora Mill. Sua figura era estranha e bizarra: alta estatura, acentuada magreza, torso pendido para frente, rosto azulado e ossudo com uma cicatriz profunda abaixo do olho direito (uma recordação da época em que tentou converter uma tribo pagã em Moçambique). Também, a maneira de fitar seus interlocutores, como se quisesse arrancar segredos do fundo de suas almas, seu jeito sempre taciturno, cuja face raramente via um sorriso, sugeriam-lhe alguma coisa suspeita, fora do comum. Brad, com seu humor cáustico, dizia que aquele padre tinha sido expulso de Moçambique pelos portugueses, por sua posição a favor da FRELIMO, e que na verdade, debaixo de suas sotainas pretas abrigava-se um terrorista que durante muito tempo traficava armas para a África. Mas Ben Mill, com seu rigor cristão jamais prestou ouvidos aos aranzéis do filho: "padre é padre, um servo a serviço de Deus na terra". Ele mesmo escreveu uma carta ao bispo em Georgetown pedindo urgentemente a vinda do padre Giovanini para a missão: "havia crianças morrendo pagãs e centenas de almas que jamais ouviram uma única sílaba das palavras de Deus". Temendo perder almas para os protestantes que já haviam construído uma missão para atrair índios arredios no sul do Distrito, cauteloso, o bispo enviou o padre Giovanini.

Com suas mãos compridas e nodosas, cumprimentou cada um à mesa com um ligeiro aperto de mão, com exceção de Brad que mal lhe dirigiu o olhar: "assisti ao sermão de vossa reverência, padre", disse-lhe a senhora Ângela Mill, "foi um sermão muito especial, porque os índios estão mesmo se distanciando de seus costumes. O senhor sabe que até rede tenho que ensiná-los a fazer?", ela continuou. O padre abriu seus olhos fundos e quase bradou: "é um absurdo!", a voz chamou a atenção de todos à mesa, "nossos

índios estão se tornando beberrões, vivem sem a menor retidão no espírito, e sabem por quê?”, perguntou sem fazer o menor movimento com a cabeça, “porque perderam suas tradições, não caçam mais, não plantam mais, não pescam mais; quando querem carne, vocês dão-lhes algumas reses, e assim vivem, entre garrafas de bebida e ócio; ócio e vício!”, ele falou mais alto essas últimas palavras. Logo, diminuiu a imperatividade da voz e concluiu ululante, “suas cabeças estão se tornando oficina do diabo, vivem pelas fazendas mendigando, trabalhando por migalhas”. Todos à mesa permaneceram em silêncio diante do eco provocativo da voz desdenhosa do padre. Brad levantou-se e saiu, sem dizer uma palavra. Os outros, Arnold, Joseph e Christian permaneceram sentados, desconfortáveis e paralisados como se tivessem sido fulminados por um raio.

Muitos sabiam do fanático rigor eclesiástico do padre. Ben Mill, sempre zeloso nas suas convicções, acreditava que no Distrito não havia lugar para desvios da fé católica. Tampouco podia aceitar pastores com suas devoções duvidosas, andando em liberdade entre os índios. Era preciso um padre, um servo de Deus para catequizar tantas almas pagãs. Os padres que o antecederam na missão falavam de heroicas investidas de Giovanini em nome dos dogmas da igreja pelos interiores da África, batizando tribos inteiras e levando o nome de sua igreja a lugares recônditos e selvagens. Contam que quando em Moçambique, ele tinha o hábito de se mimetizar aos nativos, vestir-se, enfeitar-se como faziam as tribos, andava nu se preciso fosse. Dizem ter ele saído de Maputo acompanhado por um chefe tribal convertido, com o propósito de levar as boas novas a um grupo de prosélitos que vivia nas proximidades do monte Binga. Quando retornou, era um completo esqueleto, tão mirrado que seus superiores mal o reconheceram. O chefe tribal faleceu durante o longo percurso, acometido por uma estranha doença. Quanto ao padre, nunca se soube se chegou a cumprir o objetivo a que se propusera. Em toda sua vida eclesiástica jamais comentou uma sílaba sobre o assunto. Se essa história não passou de mais um arroubo lendário atribuído àquele padre, ninguém em tempo nenhum veio a saber. O que todos sabiam era de seu zelo fanático pelo que ele chamava de "causa indígena". Quando a companhia decidiu aumentar o rebanho e contratar mais vaqueiros índios, o padre se arrufou inteiro e entrou no escritório de Mac nervoso, quando em seu caminhar podia-se ouvir perfeitamente o ruído de sua sotaina batendo em suas botas: "o que vocês estão fazendo é um absurdo, tomaram-lhes a terra e agora querem torná-los escravos em suas fazendas?" Disse com voz seca, socando a mesa com suas mãos ossudas e

trigueiras. Assim era o ardor do padre Giovanini a serviço da religião. A persistência, os desvelos ardentes aos índios, arrancavam comentários irados de muitos fazendeiros. Em conversas reservadas, insinuavam contratar pistoleiros de garimpo para dar-lhe cabo, embora nunca foram capazes de ato tão ousado.

Quando o padre Giovanini soube da vitória de Burnham em 1966, mostrou – talvez, pela primeira vez –, um sorriso de satisfação no rosto. Acreditou que finalmente se fosse fazer justiça naquele lugar de fazendeiros, ricos à custa da terra e do trabalho índio. Assim que Jailan chegou a Lethem, o padre foi animado encontrá-lo. Esperava ouvir de sua boca alguma novidade que pudesse mudar a vida no Distrito. Tudo o que recebeu foi um tratamento fleumático e frio, e nenhuma esperança. Desse dia em diante, suas opiniões sobre Burnham mudaram completamente. Passou a tornar pública a ideia de que se os índios quisessem sair de sua secular servidão, teriam que agir com suas próprias forças. Deveriam organizar-se, unir-se para lutar em dois flancos: contra fazendeiros e contra Burnham.

Após o almoço, ele ficou durante algum tempo conversando com a senhora Ângela Mill, que lhe cobrava desobrigas em aldeias distantes. O padre Giovanini a tudo ouvia, sem dizer uma única palavra, a não ser balançar os ombros de tempo em tempo. Seus olhos fitavam o vazio, perdidos, incôncios e calados, daquele jeito que nada se pensa, nada se imagina. Havia algo de tenebroso em seu silêncio, uma coisa inexplicável, uma obstinação a obliterar-lhe os votos eclesiásticos, algo que em seu íntimo dizia o quão difícil era estar entre pessoas tão presas às suas volubilidades e vaidades.

Verdade que toda sua figura e suas convicções extremadas, somadas a sotaina escura, davam-lhe um aspecto ameaçador e sombroso. De repente, uma pálida luz assomou-lhe o rosto exânime, e com os olhos redondos fixou na direção de Ben Mill que a tudo ouvia sentado numa cadeira de balanço, para dizer com sua costumeira voz seca: “Mister Mill, como anda o nosso Distrito?”. Com um assentimento com a cabeça, Ben Mill respondeu: “pouco a dizer, padre; sinto-me velho demais para ter opinião”, e continuou quase murmurando: “só espero sobreviver ao desfecho do que se avizinha, rezo muito para que Deus coloque luz na cabeça dos nossos governantes”. “Tempos difíceis, pessoas ímpias! Quiçá usem a razão!”, comentou o padre à meia voz, sem mover os olhos. Depois de uma ligeira pausa acrescentou, mostrando-se mais equânime: “agora... estive pensando”, continuou a falar levantando-se e aumentando o tom da voz: “tenho de proteger meus índios,

meu pobre povo. Se tudo se voltar contra vocês, que Deus não permita, é minha obrigação religiosa salvá-los”. “Como o senhor pretende fazer isso, padre?”, indagou Ben Mill, levantando-se, circunspeto. “Não é nenhuma mágica, filho, Deus ilumina nossas sendas”, respondeu-lhe. “Explique-se melhor, padre?”, requestou Ben Mill, “vou a partir de agora empenhar-me para que se demarque uma grande reserva indígena no Distrito, uma área única que cubra todas as terras habitadas por índios; um lugar só deles”. Disse como se estivesse discursando sua experiência em assuntos indígenas: “posso falar com Roma, com a ONU, posso sair pelo mundo e falar com todos aqueles que lutam pela liberdade e pela autodeterminação dos povos. Até alunos de escola primária vão fazer gincana para conseguir dinheiro para a nossa causa, de tão nobre que é”, continuou a falar com uma luz de fanatismo no olhar: “em Santo Inácio”, prosseguiu com voz mais pausada: “tenho duas madres, santas mulheres idealistas, que trabalham preparando lideranças índias, mostrando-lhes suas verdadeiras histórias”, disse cada sílaba vagorosamente, como se estivesse dizendo um sermão dominical. “Com o perdão de Deus, mas o senhor deve ter enlouquecido, padre”, requestou Ben Mil, com a voz abafada, aproximando-se mais um passo do padre: “não é possível que a discórdia seja estimulada por um servo de Deus. Vivo nessa região há muitos anos, casei-me com uma índia e agora aparece o senhor para me dizer como deve ser o destino deles?”, disse e girou os calcanhares, sentando-se novamente, “além do mais, só me tiram daqui depois de morto; tanto Burnham como agora sua reserva indígena”, acrescentou com uma expressão de ira no rosto e, em seguida, praticamente gritou sem nenhuma solenidade: “você não é um político, mas um padre! Precisamos de um homem de Deus! Para a política já temos Burnham e não precisamos de um outro”.

O lugar foi tomado por um profundo silêncio. O sacerdote sacudiu os ombros e começou a andar de um lado para o outro. Ben Mill fora tomado por um arrebatamento intenso e suas mãos tremiam pela emoção. Padre Giovanini movimentou a mão num gesto acusatório e disse com uma voz contida: “bem, é verdade, nada está definitivamente decidido. Pode ser loucura, mas a maior insanidade está naqueles que nos deixam com este ceticismo na boca; vai chegar a hora em que teremos de escolher em qual lado ficaremos”. “E o senhor, padre, pretende ficar de qual lado?”, retorquiu Ben Mill ainda sob a tensão da conversa. Padre Giovanini mal o ouviu. Vagorosamente deu de ombros, resmungou, ajustou a sotaina e apenas dardejou-lhe as chispas de seu olhar soturno e saiu em direção ao seu carro.

Pensativo, Ben Mill comprimiu as celhas com pachorra, talvez pensando que o fanatismo estivesse deixando o padre descuidoso de suas funções eclesiásticas, a meio caminho entre um ativista político e um religioso de convicções revolucionárias. Mas somente ele poderia compreender a delicadeza dos sentimentos que perturbavam a consciência do pároco, que durante anos gozara da estima do Distrito. Em muitas madrugadas era visto montado em cavalo, guiando-se apenas pela réstia de luz de uma lanterna velha, indo batizar crianças em aldeias distantes, dar extrema-unção a miseráveis abandonados pela vida em garimpos e corruptelas sujas. Mas tudo parecia ter mudado, talvez fosse a complexidade daqueles dias de tormenta que estava alterando sua razão. Tratava-se de uma concepção decorrente do desespero, da insegurança em relação ao futuro, da enormidade da catástrofe preste a se abater sobre a cabeça de todos. Verdade que o padre Giovanini em outros tempos seria incapaz de qualquer radicalismo; quanto mais batizava, confessava, absolvía e casava, mais se via a bondade e generosidade crescerem nele. Certamente, estava vivendo uma crise de sentimentos, uma confusão a perturbar sua alma carrancuda. O padre sempre fora suscetível em sua vida, pelo menos durante os anos no Distrito havia tido uma retidão de caráter que levava os próprios índios a dar seu nome aos filhos. Eram tantos Albert Giovanini, John Giovanini, Charles Giovanini, Alfred Giovanini que os olhos dele se enchiam de prazer quando perguntava na pia batismal: qual o nome da criança? “Walter Giovanini, meu padre”. O padre que nunca sorria, esticava o flanco direito dos lábios e simplesmente murmurava: “isso é bom”.

A casa esvaziou-se aos poucos. Eu deveria ter ficado comovido com a situação que o padre impôs a Ben Mill, mas eu passei a vê-lo como uma vítima contumaz daqueles dias difíceis. Circunspeto, ele voltou os olhos para mim de um modo desamparado, depois fitou a parede e olhou para o diploma da maçonaria; levantou-se, passou as mãos sobre as palavras liberdade, igualdade e fraternidade e falou sussurrando: "devo estar enlouquecendo também, só pode ser".

Segui em direção ao curral; a aflição a que Ben Mill fora submetido naquela manhã, havia-me deixado impressionado. Aquele fora o primeiro incidente em que o vi ser desafiado. Um ligeiro senso de piedade passou pela minha cabeça. Quando estava abrindo a porteira, Arnold Mill gritava em minha direção:

- Capataz, espere!

Ele estava ofegante, e seu rosto corara com a rapidez da corrida:

- Preciso lhe falar - disse. Explicou que havia encontrado David que lhe falou sobre minha conversa com Charles. Em princípio me surpreendi com a maneira direta com que ele me interpelou, mas, definitivamente não experimentei nenhuma alteração em meu estado de espírito.

- Não, não pense que estou aqui para te admoestar. Não, não é isso. Estou aqui somente para te dar mais uma informação - desculpou-se com uma espécie de olhar encômio - conheço seu ponto de vista sobre o que pretendemos aqui no Distrito, e talvez você queira saber mais; tenho um amigo que quero lhe apresentar - essa última frase ele falou com voz triunfal. Logo assumiu um rápido silêncio na esperança de que eu dissesse alguma coisa, como eu nada disse, ele continuou:

- Você poderia ir à minha fazenda ainda hoje? - sacudi os ombros de uma forma relutante, afinal, por que deveria ir? Mesmo assim respondi estendendo-lhe a mão:

- Ora, por que não? Estarei lá! - ele pareceu satisfeito e em seu rosto assomou-se um sorriso patético. Num piscar de olhos afastou-se na direção de seu carro.

## Margareth, Arnold Mill e Ortega

A senhora Margareth Mill era mulher para não apreciar as atitudes ridiculamente sentimentais do marido. Seus sentimentos pessoais eram elevados e suas convicções naturalmente ambiciosas. Ela conhecia, sobremaneira as reações emocionais do marido e podia percebê-las em seus gestos mais triviais. Desde que se casara e passara a viver naquela casa de paredes grossas, persistentemente sopradas pelo vento, aprendera a viver uma espécie de indolente dignidade. Ela era frágil, de rosto suave, seus olhos orientais revelavam aquelas mulheres admiráveis que resistem à fadiga e à monotonia com um heroísmo extraordinariamente singular.

Arnold mantinha contatos com os venezuelanos, com o cubano Juan Ortega e com os fazendeiros do Distrito. Os venezuelanos viam-no como uma espécie de autoridade, um líder político que poderia servir aos objetivos de, finalmente, recuperar a *zona en reclamación*. O cubano Juan Ortega tinha profundo interesse em tudo o que acontecia na região e andava com liberdade por todas as fazendas, discursando sobre o direito histórico da *Venezuela* sobre a região do rio Essequibo. Na casa de Arnold Mill, gostava de passar as tardes, deleitando-se com a paisagem circundante. A senhora Margareth Mill tinha por ele especial apreço e passava longas horas ouvindo suas histórias de *Sierra Maestra*: "Ortega, conta outra história daqueles tempos", e o cubano, orgulhoso coçava a cabeça e dizia: "*bueno*, aqueles foram os melhores anos de minha vida!", e Margareth Mill sempre o ouvia silenciosa e admirada.

Para os Mill, Ortega jactava-se ter lutado lado a lado com Che Guevara, "o revolucionário mais digno depois de Trotski", dizia. "Saí de Cuba porque nunca concordei com os rumos dado à revolução por Fidel", falava ululante. "Fidel se tornou um stalinista, um vassalo de Moscou; traiu a revolução, matou Cinfuegos", dizia. Havia conseguido emprego no governo venezuelano de quem mencionava ser apenas um colaborador. Na verdade, a facilidade com que conseguia falar com o presidente daquele país, indicava uma intimidade e propósitos comuns em relação aos objetivos da *Venezuela* a respeito da *zona en reclamación*. A insegurança que passou a assolar os criadores e as companhias no Distrito, começou a lhe interessar profundamente. De tempo em tempo, pousava o avião no Boqueirão da Lua, e depois de uma longa caminhada, atravessava o rio Maú para encontrar Arnold Mill, que sempre ia buscá-lo em um automóvel.



Ortega tinha maneiras finas e voz grave, tão escrupuloso no vestir que encantava a senhora Margareth Mill. Todas as manhãs, ela o cumprimentava com um largo sorriso nos lábios: "*buen día, señor Ortega*". "*Buenos días, señora Mill!*", sempre lhe respondia Ortega num cicio amável.

Arnold tinha o hábito de acordar de manhãzinha todos os dias para cuidar dos animais. Entrava pela casa por volta das sete horas, quando se sentava na varanda e, invariavelmente, punha-se a fumar charuto cubano que Ortega regalava-lhe. Nascido na Guiana, magro e alto, um queixo bem proporcionado, cabelo escuro e rosto fino, sanguíneo, Arnold herdara a feições da mãe e a altura do pai. Era o mais velho dos filhos de Ben Mill, e quando jovem havia feito parte do exército dos Estados Unidos - os Mill gostavam de se gabar de suas experiências militares nos campos de batalha na 2ª Guerra e nas selvas coreanas. Suas recordações do desembarque em Normandia eram vivas, e sempre contadas em rodas de amigos que se reuniam para beber uísque na confortável sala de sua casa. Ortega tinha-lhe especial apreço e esperava que ele viesse a ser um líder político do Distrito. Quando os fazendeiros e a companhia deram os primeiros sinais de insatisfação em relação à política de Burnham, Ortega começou a sugerir-lhes uma resposta armada contra Burnham. Seu propósito, sem dúvida, era recuperar para a Venezuela a *zona en reclamación*, região guianense reivindicada pela Venezuela desde o século passado. Naquela noite, eu o ouvira em mais uma de suas investidas doutrinárias: “sem querer me agastar com tanta petulância, mas acho que vocês têm que parar com essas intenções torcidas, precipitadas, esses ódios secretos contra o governo de Georgetown. Para que serve, então, *la plata* se não é para ter poder? Querem entregar tudo ao ilusionista Burnham? Creo que no!”. Com sua apaziguadora simplicidade, Arnold perguntou: “mas o que você pensa que podemos fazer?”. Ortega mal o esperou terminar de falar e respondeu: “antecipar a rebelião, *mi hermano!* Vamos pegar Burnham de surpresa!”. E quis ser mais convincente: “você pensa que ele não fará maioria nas próximas eleições? Se vencer, *mi amigo*, então será o fim”. Ortega respondeu quase aos brados; seus olhos flamejavam euforia: “aquele *desgraciado* deve vencer as eleições de dezembro e certamente não formará outra coalizão com UF. *Entonces*, o que será de todos aqui?”, continuou falando: “esta é uma oportunidade que *no se pierde!* Podemos ir além do que pretende *mister* Mill! Os índios têm simpatias por vocês, a companhia dá emprego a muitos deles, portanto são boa base de apoio para criar uma República!”. Olhando diretamente para Arnold, arrematou ululante: “*si imaginan? La República del Rupununi?* Um país em que

o gado será a fortuna! *Si imaginan?* Basta você concordar, Arnold, que *mañana por la mañana* levo a ideia ao presidente, em Caracas”. “Claro! Qualquer coisa é melhor que a situação a que Georgetown está nos impingindo, meu querido”, interveio mansamente a senhora Mill, que a tudo ouvia impressionada e obsequiosa em dirimir as indecisões do marido. Arnold ouviu calado toda a preleção, sem um único movimento no semblante. Tinha conhecido Ortega havia dois anos quando esteve na Venezuela com a esposa, em férias na ilha Margarita. Três meses depois, Ortega foi visitá-los respondendo a um convite feito na ocasião. Tornou-se amigo da família e dos Mill. Ben Mill tinha-lhe estima e gostava de ouvir suas histórias de *Sierra Maestra* durante o chá da tarde. Sempre solícito, Ortega respondia-lhe aos pedidos para dizer histórias já contadas: “conta sobre aquela ocasião que os soldados de Fulgencio te emboscaram”. “Fala sobre...”. Na verdade, os Mill, na intimidade, consideravam-no um homem por demais obscuro: ele jamais comentou a respeito do trabalho que fazia para o presidente da Venezuela, e raramente fazia a mais leve revelação sobre sua vida particular. Mas em momento algum, tal comportamento obstará a boa reputação que gozava entre os Mill.

A possibilidade de mudar o atual curso dos acontecimentos no Distrito, através de uma revolta armada para criar um país, animou Margareth profundamente. Seus lábios permaneceram entreabertos, como se quisesse fazer alguma interpelação. Aquela mulher de feições miúdas, mãos pequenas e rosto sedutor, que quando falava a voz parecia exalar uma fragrância de absoluta franqueza, era sem dúvida uma mulher experimentada e viva. Acima de todas as coisas, era diligente com seu orgulho, gostando de pôr-se à frente das situações, e geralmente suas decisões eram de uma praticidade que jamais se enlanguescia. Naquele momento, sua expressão era de total simpatia pelas ideias de Ortega: “isso mesmo, por que não responder a Burnham com a mesma moeda, ele precisa saber quem somos, e seu pai irá compreender querido, tenho certeza”. Depois de pronunciar essas palavras com indescritível segurança íntima, olhou para Arnold e disse com os olhos luzentes como diamante negro: “querido, o que temos a perder? Cedo ou tarde Burnham vai acabar nos expulsando daqui. Podemos mostrar que temos orgulho e que o destino do Distrito é nosso, não dele”. Franzindo a sobrancelha e esboçando um sorriso de aprovação, Arnold berrou brandindo os pulsos: “viva a República do Rupununi!”. Ortega abriu um longo sorriso, e disse com os olhos cheios de luz: “este é um momento *memorable!*”. “*Muy bien*”, continuou, recobrando-se do entusiasmo: “falo em

nome do governo de Venezuela. Devemos sondar a disposição das pessoas sobre o que tratamos aqui. Vamos nos encontrar na casa do *señor* Mill como ele planeja e veremos como executar esses propósitos de imediato. Por que esperar mais? O importante é a discricção; quanto menos pessoas souberem, melhor. Se o assunto cair nos ouvidos de algum dos negros tudo estará perdido. Todavia, antes disso vou a Caracas falar com presidente. Até o meu retorno mantenham segredo de nossos propósitos. Não podemos correr riscos; isso vai mudar a vida de todos aqui. Esse lugar, com certeza, nunca mais será o mesmo! E...”, prosseguiu como se falasse para uma multidão: “*no hace falta decir, puede haber muertes, esto no es una revolución, es un torbellino! un estalido!* É poder respirar ao sair da água. Entendem a situação? No futuro nossos filhos terão orgulho do que faremos aqui”.

Assim falou Ortega, o obscuro cubano a serviço do governo venezuelano, que era um homem minucioso no falar e no agir. Seu perfil imponente lembrava um desses heróis de história em quadrinhos, e sua insaciável imaginação era sedutora e inebriante, tanto que quando falava conseguia fazer seus interlocutores sentirem-se convencidos. Sabia-se que antes de *Sierra Maestra* ele havia incautamente perdido uma pequena fortuna nos cassinos de Havana. Esse lapso de conduta obrigou-o a trabalhar nas ruas de Miami como taxista; inconveniência que lhe permitiu fazer contatos valiosos no mercado de armas, e quando aderiu à revolução cubana, seus serviços foram solicitados para intermediar compra de armas para a guerrilha.

Ouvi a tudo aquilo, e para isso tinha sido convidado a estar naquela casa. Os planos tinham um conteúdo sinistro, e todos estavam se agarrando a eles como a única salvação do Distrito. A verdade é que a desordem gera situações assim: estranhas, torna a tudo insensato e entorpece a razão; todos estavam eufóricos, mas era uma euforia assustadora.

O tempo passou e Ortega retornou: “tenho a melhor notícia *del mundo!*”, disse, deixando-se cair na cadeira posta na varanda. Margareth Mill veio encontrá-lo solícita, servindo-lhe uma bebida: “ah! *don* Ortega. Então nos *hable*, por favor! Não me mate de curiosidade!”. Arnold aproximou-se e levantou os braços para abraçá-lo: “que novidade nos traz?”, perguntou. Ortega nada revelou de seus planos. Levantou-se e caminhou para fora, em seguida retornou enquanto o casal permaneceu sentado dando sinais de impaciência. “Sim! Falei com o presidente, claro. Mas o que tenho a dizer só relatarei no momento apropriado”. “*Si, señor!*”, continuou: “as coisas vão começar a mudar por aqui. Seremos lembrados pela história, *hermanos!*”.

Olhou-nos sacudindo a cabeça em sinal de afirmação. Então, sentou-se sobre o anteparo da varanda e fitou à senhora Margareth Mill e disse sacudindo o dedo indicador em sua direção: “tenho um bom plano para a senhora!”. “Oh! Don Ortega. O senhor é muito lisonjeiro”, ela respondeu sorrindo e estendendo-lhe a mão. “Você parece muito entusiasmado, Ortega. Tomara que a notícia que tem a nos dar seja tão boa quanto o seu entusiasmo”, interveio Arnold com um largo sorriso. Ortega ficou em silêncio durante alguns instantes, segurando um sorriso no canto dos lábios, tentando conter sua animada felicidade. A história, caro leitor, tem seus ardis e suas surpresas; aquele momento deveria ser memorável, e as emoções em horas assim geralmente escapam ao controle. Ortega tinha uma grande pretensão e aspirava a ela: queria ser lembrado, queria tornar-se um herói nacional na Venezuela. Tudo se revelava em seus gestos, era difícil prever os limites de sua ambição. Tudo o fascinava, e às vezes parecia que o fascínio aflorava sua genialidade numa extraordinária vividez na voz. Então sacudiu a cabeça, e disse com gravidade: “não é entusiasmo, é a história, *señor* Arnold Mill! Estou aqui para vos dizer que doravante farão parte da história desta *tierra*!”. Disse como se a semente do entusiasmo já desse fruto, e continuou: “começaremos a falar com aqueles que são de sua confiança e também com mister Mill, sua anuência e *presencia* pode convencer os outros a aderir à *nuestra causa*”. “Por que você não deixa papai em paz, Ortega?” interveio Arnold entre sorrisos, “você ainda o mata com suas histórias”. Margareth assentiu com a cabeça e levantou-se, espreguiçando: “só espero que você não nos leve a morte também, *don* Ortega”. A voz sonolenta de Margareth quase não foi ouvida por Ortega, que seguiu em direção aos aposentos carregando uma pesada mala, provocando gracejos tímidos numa indiazinha pela maneira de seu caminhar. Fora da casa as estrelas cintilavam na abóbada celeste, a lua cheia dava um clarão alegre sobre o lugar. Os índios já haviam ligado o gerador de luz, e uma índia de rosto comprido chamou a todos para o jantar.

Depois de ter sido instigado por Ortega, Arnold pareceu ter sido possuído por um espírito sutil agindo diretamente em seu cérebro: tornou-se terrivelmente obsesionado pelo o que seria a República do Rupununi. Andando de um lado para o outro, passou a falar apressado: o novo governo poderia atrair brasileiros, convidá-los-ia a povoar com gado as savanas verdes do Sul, habitadas até então unicamente por índios selvagens; chamaria americanos e canadenses para os negócios com o minério, mesmo os ingleses receberiam de bom alvitre o recém fundado país, se lhes fossem

bem explicadas as intenções da nova República. Sendo demasiado emocional, Arnold exagerava seus sonhos. Ele era uma criatura extravagantemente sentimental, e a novidade trazida por Ortega começava a lhe perturbar o juízo.

Desde a primeira visita àquela casa, tornei-me parceiro de rodadas de pôquer todas as quintas-feiras com o casal. Passei a conhecê-lo: nem de longe ele tinha a fineza e inteligência dos grandes estadistas para sensibilizar-se com os problemas do Distrito. Um sentimento, certamente, bem diferente do de Margareth Mill, que vira tudo desde o começo, quando a companhia era uma empresa insignificante e o gado manchas isoladas nas savanas. Viera jovem, acompanhando seu pai para estabelecer comércio em Lethem. Porém, os ares campestres a entediava, e pouco havia que recordasse a vida agitada que levava em Georgetown. Para afugentar o tédio, Margareth Mill aprendeu a cavalgar; às vezes perto do final da tarde, tomava um cavalo e embrenhava-se nas savanas retornando apenas à noitinha. Foi numa dessas ocasiões que conhecera Arnold Mill. Seus feitos durante a guerra na Europa a impressionaram muito, e em pouco tempo se casaram. Ela mesma sempre ponderou em ter uma existência menos enfadonha, e Arnold prometeu-lhe um dia levá-la para longe dali, para Miami ou Nova Iorque. Para ela, a vida na fazenda Miritizal era chata e monótona; os finais de semana na casa dos Mill, exageradamente insuportáveis. Porém, ela a tudo reprimia, vivia sua dor contida em si mesma. Mesmo a paisagem circundante era-lhe densa e inodora, muito diferente do que havia sonhado para si e do que costumava ler nas fotonovelas italianas. Somente as visitas de Ortega e seu jeito falastrão - parecem - conseguiram afastar seu tédio.

A verdade é que Margareth e Arnold Mill já viviam juntos tempo demais para sentirem o ardor da paixão de quando eram jovens. Tudo dizia que ela já estava enfasiada de sua presença e seu jeito hesitante. A chegada de Ortega mudava sua vida, suas perorações davam-lhe alento, entusiasmo e seus olhos brilhavam. No mínimo desejava poder dizer-lhe seus sentimentos, mas faltava-lhe coragem e ânimo, temia a vergonha de encará-lo, de fitá-lo nos olhos e revelar o que sentia. Mas ela sabia também que uma mulher deve ter orgulho, deve saber controlar suas paixões até o ponto de não as suportar mais.

Dias antes, estávamos numa partida de pôquer, quando Ortega roçou-lhe levemente sua perna sob a mesa. Os dois se entreolharam com cumplicidade, seu rosto se enrubescou enquanto Arnold mantinha os olhos fincados nas cartas. Ela esquivou-se repentinamente, foi visível, mas ela

mesma quis confirmar o gesto insinuoso de Ortega, que lhe respondeu, outra vez, roçando-lhe suavemente a perna na altura de seus calcanhares. Percebeu-se que ela moveu seus joelhos acariciando-o também. Via-se que ela estava trêmula da cabeça aos pés. Parece que o sucesso de sua iniciativa lhe dera a certeza do que pensava: Ortega a desejava. Naquela noite deve ter sonhado como todos apaixonados, deve ter ficado acordada vendo os ponteiros do relógio devorarem cada minuto das horas. Talvez tivesse ido mais longe e quisesse ser um pássaro e voar para perto dele para lhe dizer tudo o que sentia. Talvez quisesse tê-lo apertando-a em seu peito e dizer coisas que toda mulher gosta de dizer quando está apaixonada. Quando ficaram a sós no dia seguinte, ela o olhou com olhos lânguidos, e durante longos segundos trocaram olhares cúmplices. Arnold, na sua quietude habitual, em momento algum percebera a afeição que crescia entre os dois: interessava-lhe tão somente a República do Rupununi. Ortega parecia estimulado em tudo: falava mais que nunca, tratava Arnold com atenção e de tempo em tempo desviava o olhar na direção de Margareth.

Era uma manhã fresca e serena, ela despertou linda, havia feito uma sombra delicada nos seus olhos redondos, e uma cor púrpura enfeitava seus lábios, dando uma expressão sedutora ao seu rosto fino. Havia uma luz nos seus cabelos soltos sobre os ombros e seu corpo pequeno encheu-se de uma beleza deslumbrante, e Ortega não se conteve: “*pero bueno*, mas o que temos aqui! *La mariposa sale de su capullo* e voa lindamente sob o sol desta *mañana*”. Ela pareceu enrubescer-se: “e o senhor sempre galanteador, não é, *don* Ortega?” respondeu, “hoje vamos esquecer suas revoluções, *don* Ortega, Arnold vai à fazenda Pirara e eu queria lhe mostrar as belas paisagens da República do Rupununi”, falou e sorriu extasiada.

Seu jeito franco revelava um requinte na alma, uma dignidade que poucas mulheres ousam assumir. A felicidade em seus olhos tinha uma cor brilhante. Ela devia ter encontrado um meio para satisfazer seu coração ao lado de Ortega. Arnold comportava-se alheio, e eu não queria deixar meu olhar perscrutador denunciar o que havia visto naqueles sorrisos e amabilidades. Arnold armou-se de seu chapéu e disse: “vamos!”. Foi o que fiz.

## SEGUNDA PARTE - A REVOLTA

### A reunião dos fazendeiros e a morte de Ben Mill

O sol calcinante clareava sobre toda a extensão dos imensos campos amarelados sobre várzeas e cômoros; as fazendas com suas cercas brancas pareciam pequenas ilhas de buritizais que se misturavam ao oceano de capim, agrupados impávidos sob a claridade que começava a rarear. Os raios dourados do sol longe davam uma cor férrea aos picos alterosos, calcinados, adustos e na cor ouro. Era uma tarde estranhamente parada, que parecia ter polvilhado a floresta e os campos com a poeira de um ouro pálido. Mesmo o gado, quando visto de longe eram pontos de um dourado de ígnea radiância.

O céu estava quase limpo; somente tímidas nuvens brancas, volutas, apareciam à distância. Lethem e tudo à sua volta assumiam a cor de um castanho amarelado com ligeiras tiras esverdeadas, refletidas nos cajueiros e mangueirais espalhados em quintais e ruelas. Os caminhos, as estradas estreitas e sulcadas pelo peso do gado, semelhavam a serpentes gigantes e compridas em movimentos ondulatórios continuados. As reses pareciam ilhas embranquecidas, deslocando-se naquele mar amarelado. Alguns vaqueiros as seguiam vigilantes e silentes, montados em cavalos cabisbaixos pelo cansaço.

Também o rio Rupununi escorria pequeno por uma mata rala; o verão rigoroso em suas cabeceiras o fez naqueles dias assumir proporções tímidas, e por isso em vários pontos era possível atravessá-lo sem molhar os pés. As águas sem ímpeto, empoçavam formando grandes lagos verdes, prendendo peixes vários que lutavam tenazmente para fugir do cruel destino que a natureza lhes reservara.

Naqueles dias, Masuri era uma aldeia com vinte casas feitas em barro prensado e cobertas com palhas de buriti. Era costume, logo ao alvorecer algumas famílias saírem à procura de peixes nos poços do Rupununi, quando os homens enchiam seus jamachins com dezenas de quilos de tudo o que podiam utilizar durante o dia; as mulheres levavam filhos escanchados sobre os quadris, e somente paravam quando encontravam algum poço com

peixes, tartarugas ou tracajás. Costumavam passar dias ali, acampados até quando novas necessidades os obrigavam ao retorno à aldeia.

Mas aqueles de nós levados ao Musuri naqueles dias viam um lugar quase deserto, com vários cães magros e alguns cavalos andando livremente. Desde que a companhia começara a operar comercialmente, vendendo carne de gado para Georgetown, ela impusera sobre a vida nas aldeias seus efeitos, inclusive sobre o mais remoto lugarejo. Cada campo verde, cada margem de rio ou igarapé tinha a presença do gado da RDE. Em todas as paragens podiam-se ver reses marcadas a ferro na altura das ancas: RDE, em letras bem visíveis. A partir de então, as mudanças deram uma nova fisionomia ao distrito: estradas foram abertas e fazendas luxuosas foram construídas por aqueles que passaram a lucrar com a criação de gado. Aldeias como Masuri, pouco-a-pouco foram sendo devoradas pela influência da companhia.

Os índios jamais tinham ouvido falar, até então, em aviões, carros, bebidas inebriantes e demais confortos que o dinheiro podia comprar. Formavam na verdade uma grande comunidade, que embora comportassem diferenças dialetais e culturais, nunca chegaram a se distinguir tão intensamente entre si. A verdade é que depois que os holandeses deixaram o domínio da região para os ingleses, os índios do Distrito tiveram sua tranquilidade violada somente pelos garimpos nos rios e missionários interessados em convertê-los em nome do Senhor. A companhia arrancou-os das aldeias e os atraiu para as fazendas, ensinando-os a cavalejar para transformá-los em vaqueiros. Nomes ingleses passaram a ser dados a bebês índios: um George, um Bernard, um MacMillan, um Mill, como se tais nomes dessem alma à criancinha, cujo destino era crescer sob a cultura da companhia.

Logo de manhã, bem cedo, vestindo calças curtas verdes e camisas brancas, iam descalços em seus cavalos até a escola onde aprendiam os valores e a língua da nova civilização. Quando cresciam, as meninas sonhavam serem descobertas por qualquer varão ilustre da região e levada para casamento; por isso sempre se apresentavam enfeitadas com cheiro de sabão inglês e roupas limpas. Quando o príncipe não chegava, casavam-se com um índio vaqueiro na esperança de serem levadas para uma fazenda qualquer onde pudessem desfrutar um pouco do conforto moderno trazido pela companhia. Os homens, quando adquiriam o mínimo de habilidade para lidar com o gado, empregavam-se nas fazendas ou na companhia; para a aldeia só retornavam de tempo em tempo. Por isso, mimetizavam-se cada vez mais à vida dos criadores, sistema que muito prestou ao sucesso das



fazendas e da criação de gado. Para os fazendeiros esse arranjo parecia perfeito: casavam-se com as mulheres índias bonitas, e pelo sistema matrilinear indígena, os filhos tornavam-se parentes seus nas aldeias. Eram tantos primos, tias e irmãos que se tinha a impressão de existir uma grande família ocupando todo o Distrito. Quando se tinha um índio na fazenda, ele não era apenas um vaqueiro, mas um aliado, um parente. Mas os índios viam esse sistema desumano pairar sobre suas cabeças como um vício. Sentiam-se excluídos das relações de afetividade, dos espaços íntimos dessa grande família: não desfrutavam das recreações dos meninos da fazenda, não passeavam pela capital, não empreendiam viagens prazerosas às cidades americanas e europeias, por fim descobriam que não era um deles, mas somente um índio servil e frívolo sob o peso da companhia, que sem se dar conta, estava gerando sua própria contradição. Alguns jovens índios, levados pelo altruísmo das esposas de fazendeiros e pela benesse do padre Giovanini, eram enviados para estudar em Georgetown. Quando retornavam estavam com a consciência e a convicção totalmente mudadas. Alguns se tornavam verdadeiros dândis, com roupas e sapatos limpos, cabelos cortados à escovinha, ignoravam os parentes das aldeias e viviam como filhos de fazendeiros ricos. Nos finais de semana costumavam ir às festas religiosas em Bonfim com o propósito de encontrar alguma brasileira para casamento. Outros, cheios de novas ideias e conceitos sobre indianidade, tornavam-se professores nas aldeias e viviam a exortar os índios contra aquela sociedade de criadores mestiços.

Era contra Burnham e contra tais propósitos que todos estariam reunidos na fazenda Pirara. Para Ben Mill, Arnold que vinha pela estrada, veloz, parecia um besouro minúsculo e distante. Em um carro levantando poeira vermelha, ele veio seguindo o traçado sinuoso da estrada, de tempo em tempo sumindo, aparecendo depois nos tesos para finalmente despontar por detrás do hangar e da garagem dos tratores e dos carros. Surgindo próximo da sombra onde estava seu pai, Arnold aproximou-se. O pai sorriu-lhe e disse que havia muitos detalhes a serem combinados. Arnold sentou-se ao seu lado e ficaram ali até o sol alaranjado da tarde começar a aparecer diante dos olhos. Logo se recolheram para preparar a acolhida aos fazendeiros que iriam chegar para a reunião.

A hora em que todos deviam chegar fora marcada para às dezoito horas. Ben Mill estava pronto meia hora antes - uma de suas qualidades era manter os compromissos rigorosamente dentro dos horários combinados. Os primeiros a chegarem foram Ortega e Margareth Mill; o próximo foi Ernest Gould.

Ele era um homem forte, aparentando pouco mais de cinquenta anos, elegantemente trajado, alto, bigode espesso e pontudo, a pele absurdamente vermelha e queimada pelo sol; não parecia ser daquele lugar. Estabelecera-se na região vindo da Jamaica, com a concessão de uma ampla área próxima à boca do Pirara. Começou com alguns peões índios o negócio com frutas e hortaliças. Nunca foi muito dado ao trabalho; gostava de vistoriar sua propriedade diariamente, mas sem nunca se prescindir do chapéu panamá, lenço no pescoço e uma bengala feita de cupiuba sob encomenda a um artesão de Boa Vista. Não tinha o hábito de comentar sobre seu passado, mas gostava de falar sobre a Jamaica com uma felicidade nos lábios. Seu bisavô, que havia sido um dos administradores coloniais naquele país, fora fuzilado durante uma rebelião de escravos e tivera o corpo arrastado em praça pública pela massa revoltosa. Com tais antecedentes familiares, abandonou o lugar em que nascera e fora viver uma vida mais amena no Distrito. Era conhecido por suas convicções pacíficas, que para muitos era uma forma de camuflar uma covardia frente a tudo que desafiasse sua coragem. Na verdade, Gould tinha um caráter obscuro para os homens rudes do Distrito; para muitos, ele não passava de um dândi frívolo e medroso. Quando entrou na sala, onde uma grande mesa estava arrumada, entre sorrisos abraçou Ben Mill e sentou-se próximo de Margareth Mill e Ortega. Gould fez uma cara de alegria para Ortega, e disse-lhe lacônico: "*Viva la revolución! Viva Sierra Maestra!*", o que em Ortega rebentou uma gargalhada de satisfação.

Mais fazendeiros e tuxauas foram chegando. Todos estavam familiarizados uns com os outros e se conheciam há muito tempo. Estavam acostumados a se encontrar em Lethem durante vaquejadas, casamentos ou cuidando de interesses da companhia ou da MM.; por isso se tratavam com cortesia e amabilidade. Em seguida chegou Leck Nizinski acompanhado por seu filho Peter. Nizinski saíra da Polônia um pouco antes da invasão alemã, parece que seu cérebro astucioso conseguira prever o que iria acontecer nos dias vindouros à sua saída. Havia pensado em viver no sul do Brasil, onde tinha alguns familiares, mas tinha decidido nunca mais sentir frio em sua vida depois de ter sofrido seguidamente nos rigorosos invernos europeus vivendo numa casa humilde no subúrbio de Varsóvia, sem aquecimento e sem nada que pudesse abrandar-lhe o frio. Seu jeito humilde, desdentado, escondia uma mente prodigiosa para as humanidades, conhecia as escolas filosóficas germânicas e era um devotado ao romantismo alemão. Quando ia a Georgetown atrás de mercadorias, dedicava um dia inteiro à procura de

livros e revistas que pudessem ser comprados. Em casa tinha uma pequena biblioteca, e a mulher enciumava-se com o zelo que demonstrava aos livros. Um dos filhos parecia ter herdado os caprichos intelectuais do pai: Walter Nizinski tinha conseguido uma bolsa doutoral integral em Cambridge, onde desenvolveu pesquisas na área de biologia molecular, e estava sintetizando em laboratório um anticoncepcional utilizado pelos atorados. Nizinski era um homem afável, que ganhou dinheiro trocando e vendendo alimentos, roupas e utensílios domésticos aos índios, e em todo o Distrito. Dentro de um caminhão *Ford* percorria todos os caminhos que levassem às fazendas e aldeias. Casou-se com Deborah MacMillan, irmã mais nova de Ângela MacMillan. Nizinski trouxera seu filho Peter, o único dedicado à vida campestre da fazenda. Ele tinha uma voz fina, com um sotaque acentuado. Quando entrou, apertou a mão de Ben Mill e disse: “a minha vinda aqui se deve a insistência de meu filho e à estima que alimento pelo senhor”, Ben Mill abraçou-o, sentiu que Nizinski havia decidido apoiá-lo.

Ao mesmo tempo chegaram os tuxauas Orlando e Ronald. O primeiro veio da Masuri, e o outro da aldeia Sauriwau, lugar onde a companhia tinha uma grande quantia de gado sob cuidados de índios. Os dois tuxauas eram ainda jovens e trajavam roupas surradas. Orlando era primo da mulher de Ben Mill; Arnold o recebeu chamando-o de tio; puxou-o pela mão e o levou até a cozinha onde estava Ângela Mill. Ali conversaram alguns minutos e retornaram para a sala. Ronald, baixo e vesgo, era um dos vaqueiros de confiança de *Mac*, e praticamente um informante seu. Quando Bernard e o padre Giovanini andaram pelas aldeias advertindo índios que novos tempos iriam começar depois da demarcação da grande reserva, saiu apressado avisar *Mac* dos acontecimentos que presenciara. Sua lealdade a *Mac* era a lealdade para com a companhia, que o recompensava dando-lhe a sorte<sup>3</sup>, tanto que já havia constituído rebanho significativamente numeroso, tornando-se pequeno fazendeiro.

Quase ao mesmo tempo chegou o catalão Ramiro Nuñez, este arrancava dos outros um tratamento fleumático. Os colegas tinham-no pouca estima, evitando dizer próximo dele assuntos particulares ou sobre negócios. Nuñez chegara da Catalunha para viver em Caracas, mas suas habilidades como oleiro não foram muito bem recompensadas por lá, viajou para Georgetown e de lá descobriu o Distrito. O que não podia ser tolerado pelos outros fazendeiros era a vida ébria que Nuñez insistia em levar nos

---

3 Prática comum em todo o Vale do Rio Branco, quando o vaqueiro tinha direito à quarta cria.

bares de Lethem. Suas duas filhas, não suportando a vida de miséria que o pai lhes proporcionava, emigraram para o Canadá. De lá enviavam frequentemente pequenas somas de dinheiro à mãe, das quais Nuñez se apropriava para reduzi-las a pó nas noitadas em bares de Boa Vista. Era alto, cabelos escuros, magro, rosto enrugado, pouco dado a banho e mal trajado. Para os outros, aquele tipo falastrão não era digno de piedade; se não fosse pela interferência de Ben Mill, não estaria ali.

A fazenda *Big Bird* era representada por um homem idoso, rosto carrancudo, cabeleira grisalha e aspecto sombrio, chamado Amâncio. Era filho de um brasileiro que foi o primeiro a situar fazenda próximo do encontro do Maú com o Tacutú. Quando começou o negócio com gado no Distrito, comprou uma propriedade de um negro chamado Sahlins, tornando-se criador e um dos sócios da MM. No passado, quando Ben Mill ainda não havia estabelecido a ordem nos garimpos, Amâncio ganhava dinheiro com pistolagem, vendendo seus serviços para quem tivesse recursos para pagá-lo. Dizem que tinha o hábito de marcar no braço com uma cicatriz, cada pessoa que dava cabo, e que por isso sempre trajava camisa de manga comprida. A verdade é que ele pertencia a uma espécie rara de pessoa, tendo um destemor por quase tudo, não temendo homem nenhum, nem Deus, nem o diabo, como tampouco nunca manifestou afeição alguma por alguém; aos homens preferia os animais, tanto é que dois cães magros, que carregavam sobre si uma nuvem de mosquitos, eram sua companhia para onde ia.

Junto com Amâncio, chegaram mais três brasileiros, irmãos da fazenda *Three Brothers*, localizada nas proximidades de Normandia, considerada uma das mais belas propriedades da região. Brigas políticas pelo poder em Boa Vista indispueram duas famílias que decidiram acertar suas diferenças à bala. Os três assassinaram num bar, dois adversários à tiros. O pai decidiu retirá-los do lugar para evitar um massacre contra a família. Ben Mill solicitou à amigos seus em Georgetown, a cessão de uma grande área, totalmente inabitada, para esses brasileiros. Os três, com ajuda e dinheiro do pai, logo transformaram em campos cheios de gado, o que antes era lavrado ressequido. Brad Mill ficava irritado com a imponência e o desleixo que os três irmãos não economizavam demonstrar: eram homens rudes, malvestidos, corpulentos, pescoços baixos, braços peludos, rostos oleosos e fechados, e dentes revestidos em ouro. Parecia que sempre estavam ocupados com alguma coisa, eram sérios, sempre falavam entre si ao pé de ouvido. Ajarani era o mais calado, e raramente encarava o interlocutor nos

olhos. À sua personalidade esquisita, ajuntavam-se uns olhos fulvos de cabra morta e cabeços esparramados, que indicavam desconhecer a utilidade de um pente. Tinha uma compleição física repulsiva, cujas pernas, braços longos e grossos semelhavam a um macaco. Possuíam dois caminhões com os quais contrabandeavam uísque para Boa Vista durante o inverno. No geral, eram tratados com desprezo por todos, e Ben Mill decidiu chamá-los por acreditar que poderia necessitar da ajuda de familiares deles em Boa Vista.

Os que estavam mais pertos de Ben Mill eram seus cunhados. *Mac* e seus dois irmãos mais novos, Bryan e Lion chegaram acompanhados por um tuxaua da aldeia Bariwoau, Orlando. Bryan era o irmão mais próximo de *Mac*, que invariavelmente o socorria nos negócios da companhia. De certa forma era ele quem mantinha reuniões de negócios em Georgetown com acionistas canadenses e americanos. Tinha um espírito mais pacífico, se comparado ao gênio agressivo de *Mac*. Usava chapéu panamá com a aba virada sobre a testa, que lhe dava ares de seriedade e circunspeção, sem, entretanto, afetar a jovialidade de seu rosto. Lion tinha um porte indígena Sioux, cabelos escuros puxados para trás, testa larga, nariz comprido e corpo esguio. Era considerado dono de uma personalidade dúbia, entre um otimismo exagerado e um pessimismo lacônico, vista quando se queixava de tudo: o sol o importunava, a falta de dinheiro, a ausência de estímulo e atenção do irmão, tudo tirava seu humor e paciência. Os índios eram preguiçosos, as mulheres interesseiras, o distrito era rústico, as pessoas eram sujas, qualquer coisa para ele era motivo de queixumes. Assim Lion MacMillan reclamava, lastimava, queixava-se geralmente a interlocutores alheios e indiferentes.

Orlando era um tuxaua imposto pelos MacMillan. Passava a maior parte do tempo ébrio e não tinha o respeito da aldeia. As crianças tratavam-no com desdém, suas mulheres não tinham grandes virtudes conjugais, seus filhos tornaram-se como o pai, sempre encontrados caídos, bêbados nas empoeiradas ruas de Lethem. Mas para os MacMillan, ele tinha uma qualidade: era um homem leal.

George Pritchard, um inglês baixo e extrovertido fora o último a chegar. Sua personalidade era agradável, do tipo risonha e sempre tinha nos lábios um chiste, uma facécia que arrancavam risos de quem o ouvia. Tinha pouco mais de quarenta anos, elegante no vestir e muito amável. Durante a 2ª. Grande Guerra defendeu o Império Britânico na Líbia e no Sudão; da

campanha na Itália foi condecorado com várias medalhas. Nunca sofreu um ferimento sequer na guerra, e por isso julgava-se um protegido pela Divina Providência. Embora fosse casado com uma MacMillan sempre se manteve afastado dos negócios da família por uma vaidade ou orgulho pessoal: um MacMillan o destragara publicamente em certa ocasião, e ele nunca o perdoou por isso. De maneira curiosa, havia conquistado o respeito dos cunhados, embora ainda preferisse manter distância de qualquer negócio relacionado à companhia.

Ben Mill e Ortega eram o centro da atenção, todos queriam saber qual negócio a Venezuela tinha a propor para o Distrito. Brad e Jackeline Mill cumprimentavam gentilmente cada um dos que chegavam. A maioria conversava trivialidades, fatos das fazendas, antes que Ben Mill pedisse que se sentassem à grande mesa de cedro, cuidadosamente encerada. Eu fiquei à sua direita, Arnold e Ortega à esquerda. Os Mill estavam presentes, com exceção de Joseph.

Ben Mill começou a falar em inglês, devagar e com ligeiros movimentos com as mãos: “estou muito feliz com a presença de todos aqui. Fico muito agradecido por não recusarem ao meu convite. Mas saibam que não é por mim que estão aqui, e sim pelo interesse de suas famílias, para defender nossas propriedades e pelo Distrito do Rupununi, essa terra que tanto amamos e onde nasceram nossos filhos”, fez uma ligeira pausa e continuou, “todos me conhecem e sabem o quanto tenho dado a minha vida por este lugar. Quando cheguei, isto tudo era selvagem, inóspito. Depois chegaram os outros, e hoje vocês veem o que nosso trabalho conseguiu construir. Sempre fui um homem sensato, e nunca fiz nada fora da legalidade. Nunca fui mesquinho, sempre compartilhei minha sorte. Sei que todos aqui têm a mesma forma de agir e ver as coisas, e graças a tudo o que temos feito aqui, os índios vivem melhor hoje do que antes, não passam fome e têm orgulho do que são. Nossas fazendas são prosperas, nossas famílias bem-educadas, todos somos amigos e cuidamos um do outro, e sempre tem sido assim”. Todos estavam silenciosos olhando para Ben Mill que fitou cada rosto tentando perceber nos olhares alguma contrariedade. Parecia que tudo estava tranquilo: todos ali pareciam ter mais interesses comuns do que rivalidades.

Ben Mill limpou a garganta pigarreando e continuou: “hoje paira sobre nossas cabeças um peso, e esse peso chama-se Burnham. Alguém aqui não se sente afetado por aquele pária? Bem... duvido quem não esteja preocupado com o que vai acontecer com o nosso Distrito. Acho que todos

já sentiram na carne e no bolso o peso nefasto da mão desse homem. Ninguém trabalha mais com tranquilidade, qualquer um de nós vive angustiado, pensativo e preocupado. Permitam-me explicar o que vai acontecer depois que ele passar a governar sozinho, sem a UF. Burnham é um socialista, um comunista ligado à Cuba, à União Soviética e àquelas invenções políticas libertárias africanas. Ele acha que pode escrever uma nova história na Guiana, quer ser um líder lembrado por trazer a justiça aos negros, indianos e à Guiana. Sonha construir uma sociedade sem ricos e sem pobres; quer uma Guiana socialista, e quer tudo isso sem nós, que trabalhamos para o progresso deste lugar. Burnham nos vê como empecilho para o desenvolvimento deste lugar que amamos; nos odeia somente por termos conseguimos trazer prosperidade para cá. Somos proprietários de terras, sim! Conseguimos construir riqueza com nosso trabalho, e isso o incomoda. Sempre fomos justos, honestos, mas agora Burnham quer nos tratar como bandidos opressores, aproveitadores do trabalho índio. Quer arrancar nossas terras, confiscar nossas propriedades e transformá-las em fazendas estatais. Burnham quer se ver livre de nós porque acha que já não somos bons para a Guiana e para este Distrito” Fez nova pausa, serviu-se de um copo de água e continuou com um tom de voz mais grave: “olhem para mim! Estou velho, hoje levo uma vida tranquila, e envolver-me numa luta contra Burnham é um esforço muito intenso para um homem como eu. Não é meu interesse empurrar meus amigos numa aventura, num conflito armado sem precedentes no nosso pacato Distrito. Mas vejam vocês, quem aqui está podendo pagar os impostos sobre a terra que Burnham está nos cobrando? Talvez um ou dois, mas até quando? Nizisnki, Nuñez e *Mac* já vieram reclamar comigo as dificuldades que estão enfrentando por causa da ambição daquele homem”. Em seguida, franziu as sobrancelhas, fitou cada um dos tuxaús presentes e disse: “nossos parentes índios, que futuro os aguarda? Burnham os julga simples camponeses. Ele quer confiscar suas terras e distribuir para os seguidores de seu partido, todos negros! Soube que já chegaram muitos deles da Rodésia, trazidos por ele para ocupar terras no nosso Distrito. Mas se fosse só isso, talvez pudéssemos suportar até os nossos últimos limites. Mas vejam até que ponto as coisas chegaram, Burnham está espalhando rancor entre nós; quer nos ver brigar! Até o padre Giovanini está contra nós! Sim, aquele que outrora era o protetor de nossas almas, hoje se virou contra nós e nos toma como inimigos, e está corrompendo índios que ajudamos a criar e a educar; constantemente ele conspira contra nós! Pessoas a qual cuidamos como filhos, enviamos para boas escolas em Georgetown, hoje se voltam contra nós estimuladas pelo

padre que esqueceu completamente suas obrigações eclesiásticas. Inspirado em Burnham, Padre Giovanini quer nossas fazendas para uma grande reserva para índios do Distrito. É claro que é uma causa muito nobre dar-lhes terra, mas nós sempre vivemos bem com eles, sempre fomos amigos, somos seus parentes, e nunca seríamos contrários a ideia de dar-lhes terra porque é pouco diante do que realmente devem ter. Mas uma reserva indígena em todo o Distrito, isso é loucura! É isso que se tornou nosso Distrito depois que os britânicos foram embora. Não estranharia se filhos se voltassem contra os pais, e os pais contra eles; vivemos tempos difíceis meus amigos. Perdoem-me as emoções, mas a idade nos deixa sensíveis demais. Idealismo, essa é a praga que empurra Burnham contra nós. Não sou um homem que se sentou muito tempo num banco de escola; sou como a maioria de vocês, mas a vida me ensinou que o idealismo não serve para nada. Quem luta pela liberdade e justiça acaba se revelando, com o tempo, um tirano. A história do mundo mostra que estou certo. Burnham é um idealista, um sonhador, um insatisfeito que nos culpa pela situação corrente da Guiana, e quer salvá-la pelo cooperativismo. Sonha transformar a história da Guiana transformando a ordem social. Mas isso não é certo, não se faz política com sonhos. Existem forças obscuras com as quais o político tem que saber lidar. Os negros confiaram a Burnham uma missão política de salvação, por isso vai fracassar. Mas antes disso, ele vai destruir este país e vai começar por nós. A verdade é que seu gênio é um demônio disfarçado de anjo. Esse demônio tem uma voz doce e suave para os negros e para pessoas como o padre Giovanini e aqueles índios que sempre tratamos como nossos filhos”.

Houve um grande silêncio na sala. Ben Mill respirou fundo e continuou com brilho no olhar: “mas nem tudo está perdido! Aqui todos devem ter ouvido falar de nosso amigo Ortega. Ele é um legítimo representante do governo venezuelano e está aqui para nos fazer uma proposta de ajuda, que na minha humilde opinião será a salvação de nossas vidas e do futuro de nosso Distrito. Isso é o que penso e o que queria dizer-lhes. Por favor, ouçam-no com paciência e atenção, depois consultem suas consciências e vossas almas. Não pensem somente em vocês, pensem em vossos filhos, em vossos parentes, pensem no nosso Distrito, pensem no amanhã”.

Tudo transcorria bem. Tudo fora muito bem planejado por Ben Mill. Não é à toa ter sido ele o homem de mais influência no Distrito: equilibrado, ponderado, fala tranquila e um profundo conhecedor das vontades, das



almas das pessoas do Distrito. Parecia que havia tocado fundo nos sentimentos dos que estavam lá.

Ortega levantou-se e respondeu à solicitação de Ben Mill: “*gracias a todos pela atenção dada ao pedido de mister Mill para que viessem ouvir o que a Venezuela tem a propor ao nosso Distrito. Vou ser rápido e objetivo. Logo, gostaria de ouvir a opinião de todos. Historicamente a Venezuela é dona dessas terras, que foram usurpadas pelos colonialistas ingleses. Isso é do conhecimento de todos aqui, com certeza. Mas em momento algum a Venezuela pensou em arrancá-las pela força. Todos los gobiernos venezolanos têm empenhado esforços diplomáticos para resolver o problema de uma forma pacífica e amigável. Sabem os senhores do fracasso de tais iniciativas. Nós estamos cansados, nossas crianças estão crescendo supondo que isso tudo não passa de uma causa perdida e fracassada. Pensam que é muito empenho, muita energia desperdiçada por um pedaço de terra desabitado e imprestável. Mas os venezolanos patriotas continuam a ensinar nas escolas que essas terras pertencem historicamente à Venezuela, que é uma área que reclamamos e nunca vamos desistir de reclamá-la, por direito ela nos pertence. Desenhamo-la em nossos mapas como una zona en reclamación porque não vamos renunciá-la jamais. Nós temos um problema que queremos resolver; e como já disse, nunca pensamos em usar a força porque as consequências políticas externas seriam irremediáveis. Mas podemos agir de outro modo. Os señores hoje também têm um problema. Poderíamos juntar nossos interesses, nossas forças, por isso estou aqui. O Distrito é pequeño, de fácil controle militar. Poderíamos oferecer a ustedes, armas e formación. Em dois dias é possível controlar todo o Distrito, com homens treinados em técnicas de guerra. Entonces, ustedes criariam um governo provisório e nos solicitariam ajuda. Em menos de vinte e quatro horas estaríamos aqui com nosso exército para garantir aos senhores o controle da região. Burnham não tem exército para nos fazer frente. A Venezuela passará a controlar o Distrito para resguardar e proteger pessoas amigas, perseguidas por ele. Ustedes teriam todas as garantias de que suas propriedades e seus negócios seriam, não só respeitados, como também estimulados. Vamos viver uma nova era. Un nuevo tiempo em que um erro histórico será corrigido e a injustiça que hoje tira a tranquilidade de todos aqui, extirpada; é isso que eu tinha a dizer”.*

Quando Ortega terminou de falar, houve um grande silêncio. Todos se olhavam esperando a interlocução de alguém. Contudo, foi Peter Nizinski quem lhe respondeu de forma sucinta e objetiva: “tenho ouvido falatórios

sobre este assunto; pensei até que nunca fosse verdade. Mas agora tudo ficou muito claro. A Venezuela quer nos ajudar. Mas pergunto, a que preço? Certamente, ela vai pedir submissão, aí então vamos trocar uma tirania pela outra. Se for assim, não é melhor deixar as coisas como estão”? Nesse momento todos falavam ao pé de ouvido um do outro. Então, Ben Mill tomou a palavra para responder: “caro sobrinho! Suas observações são inteligentes e sensatas. Sua preocupação foi a minha preocupação. Você expressou o que muita gente aqui pensa sobre o assunto. Conversei muito sobre isso com Ortega. A minha dúvida era o que ganharíamos com isso. Portanto, ponderei muito sobre isso. As eleições parlamentares estão próximas, e aposto o que quiserem que Burnham sairá vitorioso. Depois de ele se fortalecer no poder, imaginem por quanto tempo mais poderíamos resistir aqui. Seis meses? Um ano? Talvez muito menos! O que será de nós, das nossas famílias? Foi aí que cheguei à conclusão de que a Venezuela poderá nos ajudar, sim. Nós somos criadores, o nosso negócio é o gado. Nossas vidas, nossas famílias, nossos amigos índios, todos dependem do gado. A Venezuela é um mercado rico. Poderíamos vender para Caracas, e assim nossos negócios seriam mantidos e até melhorados. Já falei sobre o assunto com *Mac*. É possível criar uma companhia mais poderosa, mas eficiente. Todos aqui conhecem minhas ideias sobre o trabalho conjunto. Podemos nos tornar melhores, mais ricos! Nizinski falou com inteligência sobre submissão. Muito bem: faz pouco menos de três anos que éramos governados pelos britânicos, saíram eles e os negros assumiram o poder. Depois, talvez, venham os indianos! Qual a diferença para nós em saber quem está com o poder político, se nos permitem tocar nossos negócios, cuidar e proteger nossas famílias, nossos amigos? Britânicos, Georgetown, Caracas, qual a diferença entre eles, se nos deixam trabalhar? Nós não somos políticos, o que queremos é proteção aos nossos negócios. E, no momento, a Venezuela está nos oferecendo uma saída ao caos que impede nosso trabalho. É isso que tinha para dizer sobre o assunto!”, concluiu.

O homem de *Sierra Maestra* tomou a palavra e falou: “esta ansiedade, esta preocupação já era esperada por mim. *Pero juro por mi vida* que não há com que se preocupar. *Ustedes serán ciudadanos venezolanos* com todos os direitos de propriedade assegurados. Terão linhas de crédito especiais que permitirão recuperar seus negócios. Certamente, o Distrito não tem estrutura e nem recursos para se manter como país independente. *Pero nuestro gobierno* poderá sugerir à *assemblea* dar-lhe um status diferenciado, que passará a ser como um dos estados *venezolanos*. Vocês poderão continuar a *hablar*

*inglés*, como *hacen*. Exclusivamente, nosso interesse é resolver una diferencia histórica, e a única cosa que pedimos em troca da ajuda que vamos dar, és *colaboración en la materia*”.

Em seguida *Mac* tomou a palavra e falou: “não sei se há para nós outra alternativa. Penso que não! A proposta de Ortega é sincera e boa. Somos pessoas pacíficas e não temos força para reagir contra Georgetown sozinhos. Há muita pressão sobre nossos negócios e já perdemos muito dinheiro. Tenho o pressentimento de que vamos perder tudo em pouco tempo se não reagirmos agora. Não vejo outra saída, a não ser aceitarmos o que nos propõe a Venezuela. Se a experiência de Ben Mill a quem sempre ouvi os conselhos, diz que devemos aceitar essa proposta, então concordo. Não quero ver os pretos nos controlando, eles não têm alma, não têm respeito por ninguém, vivem sem nenhum plano. Daqui alguns dias podem entrar em nossos lares dizendo que assim agem porque agora são eles quem controlam a situação. Eles brigam com os indianos, não duvido que logo vão querer fazer o mesmo conosco. Não quero isso. Não quero viver sob terror algum. Mantermo-nos calados é estarmos conivente com a tirania que vai enfiar todo o Distrito num abismo sem fim. Eu e meus irmãos vamos nos empenhar para que a felicidade, a paz e a prosperidade voltem a reinar no Distrito”. A fala apressada de *Mac* foi recebida com murmúrios de aprovação por todos. Parece que tinha dito a coisa certa. Não havia muitas alternativas a serem negociadas sobre o futuro do Distrito.

A fala mais esperada era a de Ernest Gould, conhecido por seu ceticismo e descrença por quase tudo. “Não acredito em guerras”, disse, “já vivi o suficiente para ver que qualquer conflagração armada não leva a nada. Por outro lado, não conheço outro caminho para resolver diferenças quando todas as outras vias estão esgotadas, sobretudo o diálogo. Se nós estamos aqui hoje é porque já não conseguimos mais viver em paz. Nossas vidas encontram-se perturbadas e nosso futuro muito incerto. Isso tudo nos tira a tranquilidade e fica difícil planejar qualquer coisa produtiva. Ponderei muito sobre o assunto desde que fiquei sabendo dele pela boca de Arnold, muito antes que muito de vocês aqui. Minha opinião é a de que tudo que deve ser feito, tem de ser bem feito. Fico receoso quanto à maneira como isto está sendo planejado. Até agora só ouvimos a palavra de Ortega. Se realmente a Venezuela se interessa pelo Distrito, então por que não enviar um de nós para falar diretamente com o presidente, em Caracas? Isso nos dará mais confiança, mais segurança. É o que tenho a dizer no momento”!

Foi então que Margareth Mill levantou-se e mostrou ser mais amiga

de Ortega do que qualquer um dos outros: ”conheço don Ortega muito bem! Ele tem sido nosso amigo! Até hoje ele não nos faltou com a confiança. Vocês sabem o quanto é delicado o apoio da Venezuela à nossa causa. Essa situação, se descoberta por Georgetown, poderá levar os dois países à guerra, por isso é preciso cautela. Don Ortega não quer e não precisa expor seu governo a uma situação vexatória. Se nós estivermos dispostos a aceitar o apoio da Venezuela, devemos saber que isso tem de ser feito com discrição, bom senso, prudência”. Olhando para Gould falou em tom mais enfático: “este é o momento de sermos organizados e equilibrados. Eu, Arnold, todos os Mill, os MacMillan já demos nossa posição a respeito. Não é tempo de meias palavras, e sim tempo de coragem. Precisamos ter a mesma coragem que fez os pioneiros, avós de muitos que estão aqui, desbravarem este lugar para construir nossas vidas. O nosso futuro, o futuro do Distrito do Rupununi tem de ser decidido hoje, sob pena de não termos mais tempo para isso”. Margareth Mill tinha acabado de mostrar suas habilidades no trato para com questão sensíveis para as pessoas do Distrito: falou o que todos queriam ouvir. Gould sentou-se desnorreado, aplumando-se na cadeira de modo mecânico.

Tinham que decidir, e aquele era o momento. Margareth Mill sentou-se e Ortega bateu suavemente a mão sobre seu ombro em sinal de agradecimento pela defesa que fizera de seu nome. Todos os outros falaram. Ronald e Orlando falaram pouco e em atorado, que para todos parecia uma língua familiar. Todos disseram que era preciso que algo fosse feito. Concordaram com o apoio da Venezuela e com a maneira com que até o momento estava sendo negociado. Era preciso reagir, e era chegada a hora. Nem os animais aceitam viver acuado, e reagir a qualquer pressão é próprio da natureza humana, era o que pensavam.

Depois de muita conversa chegaram a um acordo: o apoio da Venezuela seria aceito, e Ortega seria o contato. Ficou entendido que Arnold, *Mac* e Christian cuidariam das questões militares. Ortega colocou-os a par sobre o quartel em Santa Teresa, onde receberiam treinamento. Arnold e Christian fariam a supervisão dos treinamentos. *Mac* seria o responsável pelo recrutamento de soldados nas aldeias e em Lethem. Peter Nizinski, juntamente com Brad ficariam responsáveis pelo recebimento e distribuição das armas e munições. Os brasileiros dariam suporte para montar uma base de reabastecimento no lado brasileiro. David Mill, embora ausente, teria um papel importante: deveria montar a defesa aérea com os aviões da companhia. Ramiro Nuñez ficaria responsável pela abertura e

fechamento do aeroporto. Ernest Gould cuidaria de enviar soldados para prender os vigias dos postos de controle nas entradas e saídas do Distrito. Arnold organizaria o plano de ataque à cidade para aniquilar a polícia em Lethem. Margareth deveria zelar dos recursos financeiros que a Venezuela iria dispor para custear todas as despesas militares, transporte e viagens. Ronald e Orlando deveriam arregimentar parentes jovens nas aldeias para serem soldados. Aos demais foram atribuídas missões militares nas aldeias e na Missão com o objetivo de prender padres, pastores, membros do *Council of the Rupununi Indians – CRU* (organização indígena criada por Bernard e padre Giovaninni, financiada com recursos de igrejas italianas ditas “progressistas”) - e todos os estrangeiros que estivessem com eles.

Ficara acertado que o frigorífico da companhia seria usado como prisão, e o dia do início da revolta fora marcado para primeiro de janeiro de 1969, exatamente, às oito horas. O sinal seria a destruição da delegacia em Lethem e a consequente prisão dos soldados, dos sargentos Tony Lewis, Charles D’ Urban e do comandante Jailan.

Havia pequenos problemas que deveriam ser resolvidos. Ninguém deveria usar as armas com objetivos particulares e tampouco aproveitar a ocasião para cometer delitos. Quem assim agisse seria preso e, posteriormente, julgado por um tribunal provisório e executado na força. Todas as armas seriam recolhidas pelo exército venezuelano depois que tivessem o controle do Distrito. Um governo provisório seria instalado, e Arnold o assumiria, dividindo funções com um general venezuelano a ser nomeado. Seria Arnold quem solicitaria apoio formal dos venezuelanos e faria contatos com as embaixadas estrangeiras em Caracas para reconhecimento do novo status do Distrito. Acordou-se que todos os prisioneiros seriam levados para Caracas e de lá enviados para um país do Caribe e, posteriormente, devolvidos a Georgetown.

Todas as conversas, discussões de alto nível tomaram tempo e foram interrompidas para bebidas, rum e jantar.

Por fim, *Mac* teve a iniciativa de dar fim à reunião” “muito bem, irmãos”, disse, “acabamos de decidir o futuro de nossas vidas. Quero que todos agora levantem e aplaudam aquele a quem devemos a iniciativa e a lucidez de nos despertar para o problema que nos aflige e incomoda nossas vidas. Por favor, aplaudam Ben Mill”. Todos se levantaram e aplaudiram-no, que recebia de quem estava próximo, apertos de mãos e abraços.

Todavia, Gould ainda manifestava impaciência. Então quando cessou

o entusiasmo na sala, pediu atenção e disse dardejando olhares para um lado e outro: “estão corretas as decisões tomadas aqui, mas é preciso lucidez, meus amigos. Todos os movimentos que conheço que tenham começado de cima para baixo fracassaram e levaram à morte quem deles fizeram parte. Nós não temos o clamor, a vontade de todas as pessoas do Distrito, dos índios, não temos apoio dos negros. Em menos de uma semana tudo pode se voltar contra nós. Ouçam irmãos, daqui a poucos dias nossas vidas não valerão um cento de dólar para Burnham. Ele próprio poderá se antecipar ao movimento e decretar a prisão de todos nós. Quem o conhece sabe que dificilmente ele preservará nossas vidas. Quem nos garantirá de que daqui não sairá um informante de Burnham? Quem nos dará garantias de que o que conversamos aqui ficará entre nós somente? Consigo vigiar minha consciência, mas não tenho como fazer o mesmo com a dos senhores, perdoem minha franqueza. O futuro de nossas vidas não pode ser decidido numa reunião apressada, é preciso dar consistência à ideia, é preciso maturidade, isso não temos, outra vez desculpem minha franqueza”, concluiu.

Ben Mill fez uma expressão de desolação e dirigiu o olhar para Gould com lampejos de insatisfação. Ele foi inexorável, falou de uma forma que nunca esqueci em toda minha vida. Sentou-se novamente e com uma voz pausada e grave correu o olhar sobre todos os presentes, e todos seus anos de vida pareciam dissimulados diante da jovialidade que seus olhos demonstraram: “meu amigo, Ernest Gould. De que você tem medo? Em quem você não acredita? Em nós? Vive conosco há anos e ainda nos teme? Todos aqui têm caráter, bom caráter, digo-lhe! Você pensa que estamos aqui por nossos egoísmos? Nossas vaidades? Sempre cuidei das minhas coisas com seriedade, sempre vi meus vizinhos, meus amigos, meus parentes vivendo com decência e retidão. Todos aqui têm honra, têm palavra de homem”, por alguns segundos fitou cada um dos presentes, e continuou: “nunca ousaria duvidar da palavra de nenhum de meus amigos, como faz nosso irmão Gould. Mas nós não somos animais, senhor Gould, somos pessoas decentes e com cabeça para saber o que é bom para nós. Não duvido minimamente do caráter de cada um dos que estão aqui; confio em vocês como confio em meus filhos. Mas é preciso sensatez, e nisso eu não lhe tiro a razão”. Fez uma ligeira pausa e prosseguiu, “todos me conhecem e sabem quantos anos trabalhei em garimpos. Em muitas ocasiões mergulhava no fundo do rio Contingo deixando em cima fortunas em ouro e diamantes aos cuidados de um ou dois amigos com quem trabalhava. No

fundo do rio, sempre pensava que a qualquer hora o oxigênio podia ser cortado ou outro acidente podia ocorrer para que eu nunca mais saísse lá debaixo. Mas não queria sofrer com aquelas ideias, porque pensava que é preciso confiar nas pessoas. Sim, todas as pessoas merecem confiança, até que mostrem o contrário. O que nos separa dos animais é nossa capacidade de trabalharmos juntos. Sozinhos não somos ninguém, somos animais. Sempre vivemos bem aqui, educamos nossos filhos da melhor maneira possível, cuidamos das nossas famílias, ganhamos dinheiro, sempre fomos felizes aqui. Por isso, o futuro não nos pertence, pertence aos nossos filhos, aos nossos netos. Quando estamos reunidos como hoje, é para decidirmos o que será melhor para eles. Queremos vê-los conquistando posições para que sejam melhores que nós” Em seguida, olhou na direção de Gould e falou: “o que será de nós se não confiarmos um no outro? Que sentido terá nossa vida se andarmos assustados um com o outro? Se, eventualmente, alguém aqui se furtar à nossa confiança, não é contra nós que ele investirá, mas contra sua família, contra seus próprios filhos. Se assim o fizer, acredito que essa pessoa jamais terá paz na vida. Tomaria como insulto se alguém dissesse ser preciso que o que falamos aqui tenha de ficar exclusivamente entre nós. Somos homens razoáveis e retos, a ninguém é permitido duvidar de nossa honra. É preciso confiar mais em seus amigos e irmãos, irmão Gould”.

Ben Mill havia conseguido silenciar os louvores de Gould. Mais uma vez, todos o aplaudiram de forma entusiasmada. *Mac* levantou-se e deu-lhe um abraço. Em seguida, ergueu os punhos no ar e gritou com uma voz vibrante: “viva o Distrito do Rupununi! Logo viveremos num país livre, um lugar nosso”! Todos responderam vários vivas, “certamente, amigos, ainda teremos muito a conversar”, concluiu Ben Mill num tom de voz cansado, que mal foi ouvido pelos presentes.

As linhas estavam muito bem traçadas e não mais tinha como voltar ao status anterior. Todos saíram, cada qual seguindo seu caminho. Pouco a pouco a casa foi-se esvaziando, e de dentro da sala ouvia-se perfeitamente o ruído dos carros e o tropel confuso de cavalos se afastando. Ben Mill ainda tinha pequenos detalhes a acertar com os filhos, *Mac* e Ortega. Ele estava transpirado e cansado. Jackeline trouxe uma xícara de chá e serviu-lhe. Ben Mill passou a mão pela frente, como para despistar o cansaço físico que aquela reunião lhe impusera e disse: “creio que tudo prosseguiu muito bem”, disse olhando para Ortega, “*¡, ¡, agora pode deixar con nosotros*”, que lhe respondeu. “Acertem tudo entre vocês, estou muito cansado e preciso de ar

puro”, disse Ben Mill no mesmo momento em que se levantou.

O ar noturno estava fresco, as luzes das estrelas caíam dormentes sobre mangueiras, cajueiros e laranjais. Ben Mill caminhou silencioso, protegido pela escuridão alumiada durante algum tempo. Sentia-se abatido, velho demais para experimentar tantas emoções numa noite apenas. Mas no seu interior estava aliviado, com a alma tranquila. Dali contemplou a esfera celeste pontilhada de estrelas e ouviu, de longe, o ruído calmo das águas do Pirara. Um pássaro noturno emitiu um guincho ruidoso, quando um cão latiu e os outros acompanharam. O velho estava demasiado combalido para manifestar qualquer reação em seu ânimo. Seguiu o caminho de volta para casa, e foi direto para o quarto.

Soube que naquele dia, ele encontrou Ângela Mill ajoelhada diante da imagem de Nosso Senhor, rezando o terço. E ela, quando o viu, levantou-se apressada para ajudá-lo a sentar-se sobre a cama. Foi quando ele a olhou e disse: “estou cansado, muito cansado”. Ela o deitou sem dizer uma palavra, puxou dos pés suas botas. Ele fechou os olhos e adormeceu, não lhe dando tempo para fazer conjeturas e observações. Novamente, ela voltou a se ajoelhar e continuou a rezar.

Àquela hora, o silêncio tomava conta de tudo. Arnold, Margareth e Ortega seguiram para a Miritizal, *Mac* tomou a direção de sua casa. Lá fora a escuridão dava um ar de mistério àquela solidão. Eu ainda não havia conseguido pregar o olho. O latido dos cães refrera meu sono. Decidi sair e admirar a noite estrelada. Mergulhei no pomar de mangueiras e o atravessei até uma parte mais alta de onde se podiam sentir as águas silenciosas do Pirara. Não sabia o porquê de estar tão perturbado; olhei para cima e avistei uma estrela cadente riscando o céu com uma linha dourada; aquele céu prendia a vista de uma forma enfeitiçadora, dando a impressão de que a terra, as plantas, as estrelas formavam camadas sucessivas que se perdiam até o infinito.

Deitei-me sobre a relva e contemplei a imobilidade do céu alumiado. Fechei os olhos e procurei sentir alguma forma de vida ao redor. Tudo estava quieto, nada se movia, a noite prosseguia silenciosa, devorando cada minuto em meu relógio. Aquela solidão tinha um fascínio misterioso. Ao longe, ouvi o barulho de uma porta se abrindo e passos desajeitados indo em direção donde eu estava. Levantei e vareei aquele silêncio profundo até poder vislumbrar uma sombra com as mãos segurando o rosto. Apressei os passos e então vi Jackeline em desespero. Quando ela me viu, correu ao meu



encontro e jogando-se em meus braços, disse soluçosa: “pelo amor de Deus, o papai...”. Não conseguiu completar o que ia dizer. Sai disparado em direção a casa, e quando entrei no quarto, vi Ben Mill com a respiração ofegante, e Ângela Mill com as mãos acariciando sua cabeça, chorando. Ele sentiu-se mal quando ia se levantar para tirar as roupas e colar o pijama. Uma dor forte no peito, como uma lâmina perfurando o coração fê-lo não suportar o peso sobre as pernas e cair. Tentou gritar, mas o máximo que conseguiu foi soltar um gemido gutural, disse Ângela Mill, muito condoída. O ar ficou-lhe denso, que o fez fechar os olhos e apoiar-se na parede. Foi quando Ângela Mill acordou-se e acendeu à luz.

Ben Mill estava encolhido sobre o chão, com um tremor percorrendo seu corpo. Quando me aproximei, ele virou-me um olhar moribundo, arfou e disse: "cuide delas...". Ele estava morrendo. De sua boca saía uma espuma branca, e seu rosto adquirira uma tonalidade pálida. As duas mulheres debruçaram sobre ele e choraram. Ben Mill morreu quase sozinho e sem nenhuma ajuda médica. Morrem assim aqueles que têm amor-próprio e desprezam a bajulação, um inexplicável mistério da existência.

O enterro foi no dia seguinte. Como havia pedido, uma cova fora aberta num teso atrás do pomar. Mill dissera nunca abandonar o Pirara. O corpo foi encomendado pelo padre Giovanini, que se mostrou obsequioso em prestar sua última homenagem àquele que durante muito tempo fora seu amigo e protetor.

Muitos índios compareceram ao velório, que foi feito na sala onde um dia antes os fazendeiros estavam reunidos. Todos os amigos estavam presentes e comentavam sobre o quão nobre tinha sido sua vida. Algumas índias choraram, pessoas humildes que Ben Mill sempre cuidara. Mesmo os negros, que não lhe tinham muita devoção e simpatia, foram dar préstimos à família, sido recebidos com cortesia e educação.

No fundo do coração, eu sentia que tinha ficado órfão. Naquele momento, conclui que a argúcia de seus atos exercia sobre mim uma fascinação. Eu o tinha como uma criatura benevolentemente simpática. O féretro foi levado à cova às duas horas da tarde, com todas as cerimônias maçônicas. Sobre a lápide foi posta uma cruz de madeira, o arranjo decorativo.

Estirei-me, esgotado, sobre a cama, pensativo sobre as últimas palavras ditas por Ben Mill. Não saberia como cumprir o pedido feito por ele, mas cuidaria de Ângela e Jackeline, sim. Faria o possível para que elas não sofressem. Eu devia-lhe isso.

Com a morte de Ben Mill todos os planos dos fazendeiros para o Distrito pareciam ter caído em desgraça. No comportamento de todos, era possível ver que o ímpeto demonstrado por eles na noite anterior, havia perdido a intensidade. Um a um, todos foram chegando à grande vivenda da fazenda Pirara, como se o destino os tivesse chamado ali. Todos temiam o desfecho do que haviam conferenciado, e esperavam que Arnold, naturalmente o substituto de seu pai, tivesse algo a dizer a respeito. Para muitos deles, Arnold não tinha a mesma autoridade e tampouco o mesmo carisma para assumir o lugar de Ben Mill no destino do Distrito. Talvez, o pai, por sua idade avançada, devesse ter deixado o controle para alguém com maior simpatia, ou com mais qualidades especiais para liderança.

Arnold esperou até que uma grande parte deles estivesse reunida. Não convidou ninguém para entrar; simplesmente permaneceu em pé e começou a falar com uma voz pausada e alta: “ouçam-me, todos”, disse, “a morte de meu pai de uma forma inesperada, causou-nos grande dor. Ainda choro com minha família sua ida. Meu coração está dilacerado e talvez não consiga falar muito por causa da dor que sinto. Mas, sinceramente, agradeço a solidariedade e o carinho que todos demonstraram conosco. Sem eles, certamente, nossa dor seria maior. Mas sei o porquê de estarem aqui, e compreendo a inquietação que toma conta de vossas almas. Mas, juro pelo meu pai, e esse era sua vontade, que continuarei me empenhando para que aconteça tudo conforme planejamos. Tudo deve suceder como meu pai planejou, e todos nós devemos-lhe isso”. Neste momento, Gould avançou entre os presentes e foi colocar-se à frente de Arnold, e movendo seu bigode de sopa, disse: “sem a autoridade de Ben Mill não vamos conseguir nada! É melhor desistirmos de tudo, enquanto temos tempo”. Arnold franziu o cenho, cruzou os braços, e pela primeira vez, talvez em toda a sua vida, assumiu uma posição de coragem, e massacrou Gould: “o que meu pai nunca aceitou na vida é covardia! O que o senhor mostra neste momento, senhor Gould, é pura covardia. Por que não assume que tem medo? Isso ficaria mais claro para nós, e você poderia ir embora tranquilo, com a consciência em paz. Mas eu, minha família e os outros vamos seguir em frente, custe o que custar, porque devemos isso ao nosso pai. Essa era a sua vontade”. Arnold olhou no fundo dos olhos de Gould e casquinou com a intenção clara de aniquilá-lo: “você pode ir, Gould, não precisamos de você”. Gould retrucou com uma voz breve e amargurada: “Eu, medo?”. Então, pareceu encolerizar-se: “você acha que tenho medo? Pelo amor de Deus, o que nos tornamos, animais? Falo de prudência, não de medo.

Simplesmente acho que estamos fazendo tudo de forma precipitada, e já não temos um líder para nos guiar, como nos guiaria Ben Mill”. Outra vez repetiu com um empuxão sagaz da cabeça: “pelo amor de Deus, falo de prudência, não de medo”. Então Arnold pontificou num brado: “sim! Pergunto aos amigos, alguém aqui mudou de opinião?”, ninguém respondeu. Houve silêncio, e de uma maneira a mais natural possível, e com uma leve gargalhada de zombaria, concluiu: “veja só, Gould, só você tem medo. Como vê, tudo continua como antes”. Tudo estava muito claro: o projeto prosseguia inevitável e Arnold assumiria o controle e direção da revolta. Esta declaração calou Gould, e Arnold parecia ser um novo homem, aquele que levaria até às últimas consequências o que os fazendeiros combinaram na casa de Ben Mill.

Este foi o primeiro teste da autoridade de Arnold. Ele pareceu plausível diante dos outros pela maneira como enfrentou Gould. Não era, certamente, um homem como seu pai, mas as circunstâncias pareciam ter mudado seu espírito. Seus sentimentos eram elevados, embora não tivesse alimentado ainda, nenhuma ideia heroica sobre seu destino. Simplesmente, a maneira como falara produziu um efeito encorajador e reconfortante sobre todos que estavam ali. Gould foi o primeiro a sair; logo todos partiram convencidos de que Arnold assumiria a direção do movimento, e que a morte de Ben Mill em nada afetaria o andamento dos planos traçados na noite anterior.

## Ernest Gould

Mesmo diante da insatisfação frente ao governo de Burnham, as fazendas da RDE continuavam operando com todas as forças. Dezenas de reses eram diariamente abatidas em seu frigorífico, e o DC-3 nunca cessou de aumentar a riqueza dos fazendeiros das savanas. Mais e mais gado se espalhava pela imensidão do lavrado, e dia após dias vaqueiros conduziam grandes manadas por trilhas cada vez mais pisoteadas pelos cascos de pesados vacuns à procura de aguaças e campos verdes. O gado no campo crescia alheio às diferenças políticas, ódios raciais e interesses políticos. Mesmo em Lethem, a vida seguia seu curso natural. Nos armazéns, pessoas em burburinho olhavam, especulavam e compravam novidades e utilidades vindas de Georgetown. À tarde, no hotel e bares, pontos de encontro de fazendeiros, grupos de pessoas se reuniam para conversas distraídas entre um e outro copo de rum. Nas ruas, quando se abrandava o calor, famílias inteiras de índios caminhavam admirando as casas e o movimento. Por volta das quinze horas, dezenas de pessoas eram atraídas ao aeroporto, quando o DC-3 irrompia o céu com o estrondo de seus motores. De tempo em tempo era possível ver Jailan e Charles observando tudo em volta.

Fui ao encontro de Mac para saber mais sobre o embarque dos primeiros soldados para Santa Teresa. Em seu escritório encontrei Ernest Gould, sentado numa poltrona, cofiando as pontas do bigode com um olhar vago. Quando me viu, foi logo conjeturando sobre o projeto da revolta, que disse, começava a inebriar a vida das pessoas do Distrito como ópio. Com o hábito de alisar seu bigode flamejante, Gould gostava de vestir camisas e calças sempre da mesma cor, geralmente claras. Quase não percebera a chegada de Kati, com um copo de água.

- Oh! bom dia, querida, obrigado - disse.

- O titio chega daqui a pouco - ela falou com amabilidade, no que respondeu Gould: - tudo bem, não tenho pressa.

Vagos planos para sobreviver a uma revolta armada, estavam-lhe passando pela cabeça, pude imaginar. Ele tinha elevada experiência para saber que homens armados podem desenterrar frustrações e revoltas difíceis de controlar ou dominar. Disse-me que o mais sensato seria deixar tudo como sempre fora, mesmo porque nunca tivera qualquer doutrina política que o impelisse a tomar decisões como as que os fazendeiros estavam

prestes a colocar em prática. Nunca se sentira tão em perigo, mesmo quando estivera sob a memória de um bisavô acusado de praticar as maiores atrocidades contra negros na Jamaica, tivera tamanha insegurança. E não era só as jactâncias de sua história pretérita, Ernest Gould não faria parte de qualquer movimento armado e iria expor os motivos a Mac, com quem havia se acostumado a falar o que pensava.

Existem momentos na vida em que as crenças em ideais são oneradas por tantos fracassos e sofrimento, que a tudo passa-se a ter cautela. Ernest Gould parecia viver um desses momentos. Não poderia arriscar-se por uma causa a qual não tinha confiança alguma. Assim, era esperado que algum entendimento viesse a ser firmado com seu velho amigo. Afinal, mesmo sendo duas pessoas tão dessemelhantes, esperava alguma prudência da parte de Mac. Estava riscando um fósforo para acender um toco grosso de charuto, quando Mac entrou.

- Ô, Mac! Pensei que você não viesse mais - Mac olhou-o fixamente por alguns momentos - então, você por aqui? Nessa altura, Gould já estava em pé revelando toda a sua magreza, soltando as primeiras baforadas de seu charuto.

- Acho que tudo é uma grande loucura, Mac! Ainda mais depois da morte de mister Mill! É um ato precipitado que poderá nos trazer consequências traumáticas - disse com uma voz de desespero.

- Você tem outra ideia? - interpelou-o Mac.

- Qualquer outra solução é mais segura para todos nós. Burnham não deve ficar muito tempo no poder, aí então as coisas podem mudar!

A frase pareceu arrancar Mac de sua calma, e ele respondeu com vivacidade:

- Você, Gould, parece estar cse acovardando. Foi isso que percebi ontem. Há quanto tempo você vive aqui? Dez Anos? Nasci e cresci neste lugar, conheço cada pessoa, cada lugar e por isso vou explicar o porquê dessa decisão: todos sabem que o Distrito não é mais o mesmo, Burnham parece ter espalhado o veneno da discórdia em todos os cantos desta nossa terra, ninguém respeita ninguém, os negros estão contra nós. Você já sabe que os índios estão reagindo para transformar nosso Distrito numa grande reserva, não sabe?

Gould manteve-se silente.

- Então, meu amigo, quanto já não é mais hora de ponderar, duvidar, você fala em esperar? - perguntou Mac em tom de irritação.

As palavras fortes ditas por Mac deixaram Gould paralisado. Aspirou com força o charuto e deu um sorriso vago, como se estivesse a pensar sobre o que acabara de ouvir. Em seguida sentou-se, ajeitou-se na poltrona, perguntou e ponderou:

- Mas um movimento armado pode durar muito tempo. A resposta de Burnham vai ser dura. Você bem sabe que aqui poucos têm experiência militar. E as mulheres? As crianças? - Olhou curioso para Mac.

Mac admitiu que fosse possível. Mas o movimento não iria durar mais que dois dias. Em seguida a Venezuela interviria e despejaria centenas de soldados do Tacutú ao Essequibo. O movimento, assim ele explicou, seria somente para prender os policiais, aniquilar as bases de apoio de Burnham em Lethem e controlar o aeroporto e pequenas pistas no interior.

- Vamos controlar o aeroporto e a polícia, logo no início, esse é o nosso objetivo - concluiu.

Ernest Gould, visivelmente desconfortável, nada disse; não fez nenhum gesto. Uma angústia no coração o impediu de falar, talvez. O Distrito com todas suas luzes ofuscantes tinha o destino nas mãos daquele homem taciturno; certamente era o que pensava. Ele ouviu Mac com os olhos meio cerrados, baixos e com braços cruzados. Tudo o que havia sido planejado não lhe estava certo. Gould mostrou-se visivelmente perturbado:

- Vamos deixar de servir a Georgetown para servir a Caracas. Vamos ser fantoche dos venezuelanos para que recuperem uma terra que julgam ser deles! - exclamou consternado.

Mac assentiu com a cabeça e disse que o governo venezuelano havia prometido que o Distrito seria um Estado com características diferentes, com uma constituição própria:

- Os estados americanos não são assim? - indagou - podemos controlar militarmente o Distrito por muitos dias. Estive conversando com tuxauas nas aldeias e daqui a dois dias embarcaremos nossos primeiros soldados para treinamento. Deixa-me lhe dizer mais: sem o apoio irrestrito de todos os fazendeiros, aí é que a tragédia irá se estabelecer aqui. Vai haver muitas mortes, e Burnham vai controlar o Distrito como quiser - disse, triunfante.

Gould apoiou-se em sua bengala e levantou-se.

- Se Burnham dominar o Distrito tudo isso volta para a Idade da Pedra! O Distrito vai viver dias de horror – arrematou Mac em tom profético - nenhum de nós conseguirá viver aqui como vivemos hoje. Nossos filhos, nossas mulheres, nossos pais e irmãos, nossos parentes das aldeias, todos se espalharão pelo mundo como praga. Nós não queremos isso, não é Gould? As últimas palavras foram ditas bem perto do ouvido de Gould, que nada falou. Apenas respirou fundo e alisou as pontas do bigode.

Se não estava totalmente convencido, as últimas palavras ditas por Mac tocaram-no profundamente. A tranquilidade habitual que sempre zelava em mostrar, desapareceu por completo de seu rosto. O que ouvira, certamente não se adequava às suas ideias sobre o assunto, mas parecia que não havia outro caminho. Com movimentos demorados, ensaiou caminhar até a parta, recompôs-se do tom da conversa e disse devagar:

- Se tem que ser, assim será! Vou-me empenhar nessa tentativa desesperadora - então, assumiu ar de orgulho - mas saiba, Mac, que se faço isso é tão somente pelo sentimento de honra que trago comigo. Você me conhece e sabe o quanto sou descrente. Jamais acreditaria num movimento que - fez uma ligeira pausa - é tão, tão amador, improvisado e destituído de mínimo vigor ideológico.

Ernest Gould abriu a porta e saiu sem olhar para trás. O destino do Distrito doía-lhe o coração e pesava-lhe na alma. Era como se todos os anos vividos no Distrito fossem uma conspiração de maus espíritos para castigá-lo ou mesmo culpá-lo pelas crueldades que o bisavô cometera na Jamaica em tempos passados. Sozinho, entrou no carro sem tirar o chapéu e seguiu pelas ruas empoeiradas de Lethem. Cavalos em passo de estrada, índios com sandálias de couro caminharam sob a poeira deixada pelo automóvel.

Fiz uma imagem viva de Gould em seu desespero, angustia - poderia ser pavor -, numa visão que me comoveu. Mac me olhou com um sorriso desalentador, enquanto Kati trouxe outra xícara de chá. Enquanto bebia, Mac disse que tudo estava acertado. O avião partiria bem cedo do Boqueirão da Lua, no Brasil, considerando que a Venezuela não queira seus aviões pousando na Guiana. Refletidamente, perguntei:

- O que devo fazer para tirar a senhora Ângela e Jackeline Mill daqui? Queria deixá-las em um lugar seguro – quis saber. Ele, então, disse que assim que chegássemos de Santa Teresa, cuidaríamos disso. Argumentei que preferia ficar considerando que não teria utilidade nenhuma nessa empreitada. Replicou

que minha ida era necessária, uma vez que ele não poderia ir.

Eu o deixei; iria sim àquela aventura.

Passou por minha consciência a sensação de que meus sentimentos estavam ficando amortecidos. Por que a tudo eu estava agindo com grande indiferença?



## Treinamento em Santa Teresa. Recordações sobre Ben Mill.

Naquele verão as savanas densas do sul de Venezuela, *La Gran Savana*, estavam tão ressequidas pelo verão inclemente que uma simples fagulha de fogo a tudo incendiava. Nela ficava a fazenda Santa Teresa, base de apoio dos treinamentos na Venezuela. Dali o grupo seguiria para Tumeremo, onde o exército venezuelano os embarcaria para a Guiana. A fazenda estava envolta em pesadas colunas de fumaça, azuladas, densas, opacas e imóveis que se erguiam espiraladas, desenhando no céu a cauda sombria de um animal de aspecto gigantesco. Das casas, podiam-se avistar silhuetas, somente; as pessoas caminhavam separadas uma das outras, quietas e com os olhares voltados para os densos vapores que se erguiam da combustão das matas. As cinzas cobriam tudo em volta, os únicos sinais de atividade visíveis eram os disparos de arma de fogo, estrondos de canhões e granadas num estande improvisado pela *Guardia Nacional Venezolana*.

Arnold inspecionava cada arma e de tempo em tempo disparava em direção aos alvos fixos à frente.

- Não são as melhores, mas é um bom começo.

Ortega retorquiu-lhe sorrindo:

- *Bueno!* Foi o que pude conseguir no México. Armas que cubanos usariam na Baía dos Porcos, se a investida não fracassasse. Vamos utilizar um avião para transportar tudo até o Boqueirão da Lua; de lá, com apoio dos brasileiros, as atravessaremos para o Distrito. Devemos ter cuidado para que não haja a menor sombra da ajuda da Venezuela à causa de *ustedes*.

Continuou Ortega:

- *Esto podría causar, por ejemplo, una* crise diplomática de conseqüências indesejáveis ao *nuestro gobierno*, disse como se falar espanhol desse veracidade às suas elucubrações.

Christian estava sentado com a carabina apoiada entre as pernas, a mão segurando o cano perto do gatilho. Parecia impressionado com a variedade de armas que via ali: caixas e caixas de carabinas M1, fuzis, metralhadoras *Browning* refrigeradas a água, dois canhões sem recuo, um lança-rojão, duas caixas de composto C-3 e uma infinidade de petardos.

- Uau! podemos começar uma pequena guerra com o que temos aqui!  
- disse com olhos nadando em júbilo – vamos adaptar essa metralhadora no avião do David para nos dar apoio aéreo – interveio Arnold, caminhando entre as armas - este canhão pode ser colocado sobre um de meus carros - observou apontando para outra arma a sua frente.

- Burnham vai saber com quem está mexendo - atalhou Christian, num vivo contentamento.

- *Diablo!* Ele pode arruinar os negócios de *ustedes*, mas nunca poderá fazê-los curvar diante dele; vocês têm dignidade, orgulho! E é isso que vamos mostrar àquele *desgraciado* - disse Ortega entre os dentes e brandindo uma das mãos com o punho cerrado.

Foi uma declaração calculada para tocar fundo a sensibilidade daqueles dois. Ortega mencionou também que a ruína dos fazendeiros do Distrito seria a ruína do Distrito e de toda sua população. Aquele homem sabia como se relacionar com aqueles fazendeiros; parecia conhecer o que havia no mais recôndito daquelas almas. Leituras de sociólogos americanos frívolos comprados em lojas de livros usados nas ruas de Miami, feitas em quarto de hotel barato sobre camas desarrumadas, deram-lhe a convicção de poder dominar assuntos sobre sociedade, cultura e liberdade. Mas Ortega, com todas as suas esnobes obsequiosidades, nunca vira ao redor o esplendor das fazendas Dadanaoa, as companhias com seus frigoríficos e aviões, os passeios recreativos dos filhos daquela gente por capitais europeias, o conforto das casas com suas geladeiras a gás, fogões americanos e estufas modernas; tivesse ele visto, talvez não elevasse tanto aqueles sentimentos e vaidades exageradas. Mas aquelas pessoas, com seus espíritos devastados pela insegurança imposta pelas políticas de Burnham, com suas vidas subjugadas pela desesperança no porvir eram gênios fáceis ao pensamento sempre extravagante de Ortega.

- *Bueno*, espero poder concluir o treinamento de todos em trinta dias, mesmo contra a vontade de *Dios* – disse.

- Os que virão estão bem-informados sobre o nosso objetivo no Distrito. Temos adesão da parte dos índios, pessoas que morreriam por lealdade a nós; são nossos guerreiros da liberdade e da justiça – concluiu Arnold com entusiasmo na voz.

- Liberdade, justiça, governo, tudo isso soa muito estranho, como uma loucura, uma histeria – a voz de Christian sou como um murmúrio.

O sol tinha uma tonalidade avermelhada entre as nuvens de fumaça que começavam a se dissipar, empurradas por uma repentina brisa. Nós quatro chegamos bem cedo num avião da *Fuerza Aérea de Venezuela*. Havíamos saído de manhã do Boqueirão da Lua para conhecer as armas que Ortega adquirira para armar os “soldados da liberdade”. Decidiu-se que a *Guardia Nacional Venezolana* se incumbiria do treinamento militar dos soldados e a *Fuerza Aerea* do transporte de todo o armamento a ser usado na conflagração.

Passei aquela manhã observando dezenas de índios se perfilando desajeitados sob a ordem de oficiais venezuelanos. Havia um descontentamento imperioso, uma fatalidade, ou a sensação de estar ali desempenhando um papel leviano e torpe. A futilidade como as coisas estavam sendo arrançadas e pensadas por aqueles que se julgavam líderes de uma grande causa, cuja natureza era duvidosa e os objetivos precipitados, investiam contra aqueles índios maltrapidos e sem convicção do que faziam. Tudo me pareciam tentativas de se chegar a uma solução do problema por vias tortuosas.

Eu não conseguiria desempenhar papel nenhum naquela farsa dramática e funesta. Depois que Ben Mill faleceu, alertei *Mac* da inviabilidade daquele empreendimento, também o preveni sobre as consequências que se abateriam sobre todos. Àquela altura todos sabiam que a decisão que haviam tomado era um caminho sem volta. Ceder, naquela circunstância, apenas para ser deixado em paz, era uma iniquidade a obliterar as qualidades de todos envolvidos. "Burnham vai mostrar morte ao povo, vai perseguir os ricos, vai investir contra nossas propriedades e o povo em Georgetown vai amá-lo por isso", era assim que Ben Mill costumava murmurar todas as vezes que falava sobre o assunto. Mas eu não tinha qualquer convicção sobre aquela causa. Um sentimento indecifrável, mas perfeitamente compreensível, ligava-me ao mister e à senhora Mill. As circunstâncias fizeram-me vincular àqueles dois de uma maneira aberta e franca. Sabia que os desdobramentos da reunião dos fazendeiros do Distrito seriam desastrosos e totalmente irreversíveis, mas em momento algum quis interferir ou fazer valer minha opinião sobre as decisões tomadas ali.

Antes de falecer, um dia anterior à reunião, mister Mill chamou-me para uma conversa na sala da vivenda. Tudo estava quieto no interior da casa. Uma luz fraca dava uma cor pálida às grossas paredes amarelas. Havia dois sofás compridos, revestidos em couro de boi num dos cantos da sala; pesadas cadeiras com estofamento vermelho combinavam com a mesa em

madeira maciça, ao meio. Tapetes felpudos e quadriculados cobriam o piso vermelho bem lustrado, que combinavam com os altos espaldares dos sofás. Uma rede índia, com detalhes azuis, fora pendurada próxima a uma mesinha onde se viam vários números da revista *Life*. Uma brisa fresca entrava pelas janelas e sacudia as pesadas cortinas que as resguardavam. Sentei-me no sofá ao lado de *mister* Mill, que com um copo de uísque na mão permaneceu silencioso, no outro lado. As rugas cavadas pelo tempo em seu rosto ficaram encobertas pela luz tênue, dando uma cor amarelada à sua fisionomia. Então, ele respirou fundo, lançou um olhar em minha direção e perguntou impulsivamente: “há quanto tempo está aqui conosco, rapaz?”, “pouco mais de um ano, senhor”, respondi. Mill continuou imóvel, afundado no sofá, imaginando, talvez, que eu tivesse o mesmo ímpeto que tivera quando decidira abandonar sua cidade e sair pelo mundo em busca de fortuna. “Tenho uma história parecida à sua; saí cedo de casa, o mundo parecia ser mais seguro do que o lugar onde morava. Andei em muitos locais até chegar aqui”, ele disse com um olhar de obstinação imbatível. “Do mesmo modo, senhor, resolvi sair pelo mundo porque me sentia insatisfeito. Trabalhava numa dessas lojas de departamento. Na verdade, eu era vendedor de carros”, falei. Ben Mill levantou a cabeça e abriu um sorriso irônico: “você? Um vendedor de carros?”. “Isso mesmo – afirmei, “não era dos piores, mas sentia um grande vazio dentro de mim. Era como se a minha vida fosse inteiramente estúpida. Um dia li numa revista, histórias de pessoas que fizeram fortuna fora da América. Então, pensei comigo: sou jovem, esperto, o que tenho a perder? Na semana seguinte comprei uma passagem de navio para o Caribe. Queria viver num desses lugares mornos o ano inteiro. Foi quando soube que a Guiana era um lugar de oportunidades, onde tudo estava começando. Foi assim que fui parar naquele armazém”. Ben Mill balançou a cabeça e disse: “se você tivesse chegado aqui alguns anos antes, sua sorte teria sido melhor, rapaz! Em seguida riu amavelmente e indagou: “quando pudermos outra vez viver em paz aqui no Distrito, o que pretende fazer, voltar para casa?”. “Voltar? Não! Gostei daqui”, respondi, “estive pensando em estabelecer um lugar perto do Amuku, aquele é o lugar mais formidável que já vi”. “Como é esse lugar? Vamos hoje abrir nossos corações um para o outro. Diga-me, o que quer fazer lá?”, ele quis saber. A pergunta liberou em mim um entusiasmo: “é um vale com campo muito verde, que no inverno, numa baixada cheia de buritizais, forma um grande lago que se enche de peixes atraindo garças, passarões, marrecos e aves que nunca avistei em toda minha vida. À medida que o verão vai se tornado mais quente, vai desvelando uma coroa de areia alva que forma praias deleitosas.

À noite uma brisa suave sopra, persistentemente, até os primeiros raios de sol, que despontam plácidos por trás do Cuano-Cuano. Existe um teso de terras escuras, donde se pode avistar uma grande extensão do lago, e é lá que eu queria construir uma casa, se o senhor consentir em me vender o lugar, é claro”. Mill levantou-se, aproximou-se de mim e de um jeito pesado pousou a mão sobre meu ombro, murmurando equânime, não entendi o porquê: “todo homem tem que ter um objetivo na vida, rapaz!”, fez uma pausa, refletiu e disse: “a felicidade, só tem quem a ela aspira”. Em seguida, sacudiu a cabeça em sinal de afirmação, olhando-me fixamente: “você é um grande homem, sabe ser prudente, sabe se impor”, o tom de sua palavra tornou-se mais lento e manso. “Tenho o pressentimento de que não viverei muito tempo; sinto a vida se esvaindo em mim a cada dia, e ainda ontem sonhei com meu pai passando por mim várias vezes, correndo em um cavalo branco me dizendo: não há mais nada para você fazer aí... venha comigo... estou te esperando... você já fez o que tinha de fazer... venha”. Mill repentinamente emudeceu, pensou e ponderou: “quando cheguei aqui isso tudo era selvagem, alguns brasileiros usavam esse lugar para caçar e pescar, nem índio vivia aqui. Por muitos anos corri os rios a procura de ouro; vi gente nascer, vi gente morrer. Depois foi chegando um, depois outro, depois chegou o gado e a partir daí tudo foi mudando até se tornar o que é hoje”, uma ligeira comoção na voz o fazia interromper de quando em quando, “o gado nos deu bem-estar, dinheiro, riqueza e poder, mas em contrapartida roubou nossas almas, embruteceu-nos, tornou-nos áridos e insensíveis, tornou-nos materialistas e demasiadamente apegados às instituições abjetas que criamos. Fizemos dos índios mulas de nossas cargas, e ainda fomos capazes de chamá-los de irmãos, tomamos suas mulheres e construímos essa sociedade de criadores. Vieram os negros, veio Burnham, o PNC, vieram os indianos, Jagan, os chineses, os portugueses, veio a insatisfação de um contra o outro, veio a falta de representação e, finalmente, tivemos que olhar no espelho para descobrir quem éramos: descobrimos que éramos mortais, éramos pó e nada mais”. Ouvi imóvel as palavras de Ben Mil como se quisesse fixá-las em minha memória. Então, ele olhou-me significativamente e continuou: “queria lhe pedir um favor, do qual sei que nunca poderei retribuir e sei que o fará porque você é um bom rapaz”, continuou, “meus filhos têm bom caráter, durante toda a vida esforcei para orientá-los de acordo com os valores da equidade e da justiça, mas não sei se consegui porque esse lugar tornou-os volúveis, com vontades fracas e ambições frívolas. O gado e o dinheiro corromperam suas almas plangentes; temo pelas vidas deles e por aquilo que a sorte pode reservar-lhes”. E numa

inesperada surpresa, rogou: “quero que zele pela segurança deles e de minha Ângela. Morrerei tranquilo, se você jurar. Você jura?”. Diante da expressão de ansiedade em seu rosto, sua voz emotiva, olhei para sua figura alta, curvada pela idade, cabelos ralos e grisalhos, a face comprida, marcada pelo tempo, pensei comigo durante alguns segundos: um homem como ele, atormentado pelo destino dos filhos, tinha o direito de pedir-me o que quisesse. Então assenti com a cabeça e disse em tom forte: “claro que juro, o senhor tem a minha palavra, embora me sentirei esmagado por tamanha responsabilidade”. Comecei a pensar que todos os homens têm um destino somente, e não se pode furtrar ao que está antecipadamente decidido, mesmo que se queira fugir dele. Pensei que de propósito o destino havia me enfiado naquele lugar.

Deixei meus pensamentos para olhar no flanco direito do lugar onde estava na fazenda; uma enorme bandeira nacional da Venezuela tremeluzia com as cores vermelha, azul e amarela, um brasão do lado direito e sete estrelas em semicírculo, ao centro. Sob uma brisa fraca, sem ímpeto para dissipar o ar enevoado pela fumaça, caminhei devagar e segui pela rua deserta até o hotel. Estava deploravelmente combalido em meu ânimo.

## David e Brad

Passados vinte dias, tudo estava acertado. Duzentos soldados haviam sido levados à Santa Teresa para treinamento militar, a partir do Boqueirão da Lua. Um avião venezuelano pousou várias vezes na pista de piçarra - usada amiúde por aviões envolvidos no contrabando de ouro e diamantes - para descarregar armas e munições. Uma distância de três quilômetros separava a pista do rio Maú, e com mais seis quilômetros chegava-se à fazenda Miritizal, de Arnold, onde todo o aparato militar deveria ser armazenado. Christian saía diariamente em um caminhão, distribuindo fuzis aos “*soldados da liberdade*” nas aldeias.

O início da revolta fora antecipado para exatamente às oito horas da manhã, numa segunda-feira, dia trinta e um de dezembro, de 1968, que coincidiu com a semana em que o partido de Burnham conseguira vitória esmagadora nas eleições parlamentares. A senha para o começo da conflagração seria a destruição do posto policial em Lethem, como havia sido combinado. Ficou planejado que um caminhão de Arnold transportaria um canhão sem recuo sobre a carroceria para abrir passagem no posto militar. Do mesmo modo, um avião de David fora equipado com uma metralhadora, com o objetivo de garantir apoio aéreo e aprisionar ou abater eventuais aeronaves que aparecessem nos céus do Distrito. Todos os postos militares deveriam ser controlados pelos *soldados da liberdade*, e os soldados leais a Georgetown presos em um dos frigoríficos da RDE, que seria desligado e esvaziado para este objetivo. O comandante Jailan, os sargentos Lewis e Charles D’Urban, o padre Giovanini e o francês, Bernard e todos os missionários em Lethem e no interior, deveriam ser trazidos presos. Para isso, Arnold encarregou Christian e mais vinte soldados.

Depois de quase doze meses no Distrito, comecei finalmente a compreender o caráter das pessoas daquele lugar. Passei a entender cada palavra dita por Ben Mill e imaginava como o destino de todos estava vinculado diretamente àquela terra: era difícil pensar o Distrito sem os fazendeiros, sem as companhias e sem o gado. Comecei a compreender o desprezo deles por Burnham, ou a qualquer outra forma de autoridade ou governo que pudesse interromper aquele intercâmbio. Por isso, todos viviam uma espécie de embriaguez, ou melhor seria dizer intrepidez que os impelia na defesa de suas fortunas. Era bem isso que Gould não conseguia compreender; para ele era difícil chegar às profundezas das almas das

pessoas do Distrito. Seus escrúpulos não permitiam partilhar a natureza espiritual dos fazendeiros, que apesar de suas adversidades, mantinham uma forte consciência associativa visando salvar suas fazendas, salvando seus destinos.

Exatamente isso! Estava perfeitamente claro no meu pensamento o conceito de destino que Ben Mill me dissera várias vezes. O Distrito tornou-se uma terra de pessoas que se impuseram contra a sorte. A fortuna que fizeram estava ligada diretamente ao destino que cada qual havia recusado nas terras em que nasceram e cresceram. Os avós e pais dos que agora seguravam armas tiveram um gênio edificante, certamente, que impôs força e autoridade ao Distrito e o transformou. Somente por isso todos ali desvaneciam-lhe um sentimento de devoção, bem acima das fraquezas comuns em pessoas como Gould. Penso que o destino não é uma sorte que cai do céu, por isso tem de ser desafiado e enfrentado até que uma nova sorte se revele diante dos olhos.

Arnold havia me assegurado que um dia antes do início da revolta, a senhora e Jackeline Mill seriam levadas para o Boqueirão da Lua e transportadas para Ciudad Bolívar num avião venezuelano. Meu primeiro impulso foi conjecturar a possibilidade de os planos não funcionarem como previstos, por isso ponderei levá-las naquele dia mesmo para Bonfim. Mas Arnold sequer ouviu minhas palavras. Fiquei algum tempo a refletir sobre a diversidade da minha natureza em relação à dos fazendeiros. Nossos pensamentos, nossas visões de mundo sempre caminhavam em direção opostas. Havia assumido compromisso com um homem agonizante, portanto tinha que ser leal ao prometido. Mas Arnold parecia aos meus olhos uma mulherzinha delicada e perfumada, enfiada num vestido longo, maliciosamente balançando um leque diante de homens galanteadores. Era uma visão repugnante.

Saí da Miritizal a cavalo até Lethem, na esperança de encontrar David. Mas antes não tivesse ido, porque o que vi caiu como uma pedra sobre minha cabeça a ponto de me deixar desorientado e me levar a tomar uma das decisões mais sérias que até hoje tomei em toda minha vida. Iria ser posto frente a frente com o terror, com a morte; iria olhar no fundo dos olhos dela e por muito tempo sentiria seu cheiro ocre rasgando minhas narinas.

Tudo aconteceu no aeroporto de Lethem, onde estava o avião de David. Quando aproximei, a primeira coisa que vi, foi ele e Brad falando em



voz alta. Estavam discutindo, exaltados. “Brad, o que passa na sua cabeça, homem?”, escutei a voz de David. “Você pensa que pode fazer tudo o que quer? Acha que é melhor do que eu?”, indagava Brad em voz alta. “Eu nunca apreciei esse seu jeito maricas”, continuou. “Acho que você nem é homem suficiente para aquela vadia”. “Hein? O que você que dizer com isso?”. “Isso que você ouviu, seu...”. “Então...”. Vi David avançar sobre Brad numa fúria incontrolável. Brad, corpulento, empurrou-o de cima de si ao mesmo tempo em que sacou um punhal da cintura e cravou-o no abdômen de David, duas vezes. A primeira punhalada foi desferida um pouco acima do umbigo, a perfuração fez David arquejar-se no chão. Brad pôs-se sobre os joelhos e desferiu a segunda punhalada nos rins de David. Embora fosse um ferimento menos profundo, sangrou abundantemente, escorrendo em bicas e formando pequenas poças de sangue debaixo de seu corpo. Havia dois índios acompanhando David, um deles portava um fuzil, provavelmente um dos *soldados da liberdade*. Brad se levantou, passou a mão pelo rosto e caminhou cambaleante na direção de seu cavalo, levando a faca ainda suja de sangue. Os dois índios ficaram em pânico e pareceram atordoados. Um deles olhava fixamente para o corpo de David no chão, que jazia suplicando socorro em meio a uma escura poça de sangue. Na tentativa de abaixar-se para segurar-lhe a mão, a arma que segurava disparou acidentalmente na direção do avião, logo à frente. O impulso do tiro arrancou-lhe o fuzil da mão e o impacto da bala perfurou o tanque do avião fazendo vazar gasolina em abundância. Brad desapareceu no meio do lavrado, os dois índios começaram uma corrida frenética, oscilante, em direção ao *Savanna's Hotel*. Tudo se transcorreu em menos de cinco minutos. O ar parecia cheio de uma opaca névoa embebecida de combustível. Quando percebi Brad esfaqueando o irmão, fui tomado por uma paralisação dos sentidos. Não consegui manifestar reação alguma. Por longos segundos, fiquei perplexo, com o horror percorrendo meu corpo. O barulho do tiro e o cheiro da gasolina, que se dissipavam ao redor, pareciam ter me despertado da latência. Aproximei-me de David e tentei conter o sangue com minha camisa que havia arrancado do corpo. Ele estava pálido e não conseguia se mover; urrava de dor. Seus lábios se abriram para dizer sussurrando: “ajuda-me, não quero morrer assim...” A súplica fez-me sair da paralisia. Nesse mesmo momento chegaram *Mac* e os dois índios num automóvel. Desceram apressados e ofegantes. Vendo David começar a desfalecer, conduzimo-lo para dentro do automóvel. *Mac* arrancou velozmente para o hospital e eu o segui sentado, segurando a cabeça de David e evitando que os solavancos do carro aumentassem a sua dor. No hospital, duas enfermeiras levaram-no

para dentro de uma sala de cirurgia. Eu e *Mac* voltamos para o lugar onde deixamos o automóvel. Foi então que indaguei aos índios sobre o ocorrido. Um dos índios nos disse sem preâmbulo: “foi por causa de mulher, senhor”. Tudo acontecera por causa de uma garota chamada Annie Gracie, de *Sand Cricket*, a qual Brad gabava-se de ser a índia mais linda de todo o Distrito. Mas ela vivia dizendo que detestava seus modos grosseiros, mesmo assim ele a mantinha numa casa, comprada justamente para seus encontros amorosos. Todas as tardes ela saía sozinha até o aeroporto e sempre passava em frente ao bar de David. Foi numa dessas ocasiões que eles se conheceram. Ele sempre foi delicado e seguro com ela. Ela era meiga, inteligente e sensual, era uma coisa que David não compreendia, mas estava se apaixonando pela amante do irmão. Numa tarde, estavam sentados na parte de fora do bar. David, sem olhar para ela, deixou cair sua mão sobre suas coxas, e delicadamente escorreu-a até o ponto em que pode introduzir a ponta de seu dedo médio em sua vulva. Gracie pareceu sugar-lhe o dedo com movimentos ritmados com as pernas, quase mecânicos, ao mesmo tempo em que se beijaram ardentemente na boca. Fora uma cena de amor vista por muitos.

David sentia-se magoado por ter se apaixonado pela amante do irmão. Talvez eu tenha sido o único a quem mencionara seus sentimentos. Porém, o encanto juvenil daquela garota o enfeitiçara tanto, a ponto de levá-la para onde fosse. Realmente ele havia se apaixonado por ela. Também sabia que em algum momento teria de encarar seu irmão e relatar-lhe o que estava acontecendo. Ele havia decidido contar tudo, quando os encontrei discutindo no aeroporto. David planejava descarregar armas no sul do Distrito, e Brad aproveitou para inquirir o irmão sobre a cena de amor na varanda do *Horn's Bar*. Os dois índios eram tuxauas que iriam receber tais armas para o dia da revolta. Mesmo diante da insistência de David para que não abrissem a caixa contendo fuzis, um deles queria vê-los a qualquer custo. Enquanto um abria a caixa, o outro montou vigia para que ninguém pudesse suspeitar do conteúdo que iria ser transportado. Foi quando Brad se aproximou e deu início à tragédia.

## O início da revolta

Quando me despedi de *Mac*, já era tarde. Fomos avisados de que David sobreviveria. Decidi ir à fazenda avisar Ângela e Jackeline Mill do ocorrido. Num automóvel de *Mac*, tomei a direção da fazenda embrenhando-me na escuridão daquela noite. No céu, uma nuvem negra cobria as estrelas, e a penumbra não permitia distinguir qualquer forma na enigmática tranquilidade do lavrado. Estava ansioso e cansado. Quando avistei as primeiras luzes da fazenda, fui tomado por um repentino aperto no peito. Um grupo de índios estava me aguardando na primeira entrada. Havia uma finalidade em seus atos; quando alguém gritou para que eu parasse, a voz que veio na direção de meus ouvidos pareceu atravessar meu coração. Estava realmente cansado, mal conseguia levantar os olhos. Então, um vulto aproximou-se e, instintivamente, perguntei:

- O que está acontecendo aqui?

O índio respondeu em sua língua:

- *Aka' a! Na' itim pygary makun?*

Algo como: aonde você vai?

E disse:

- Aqui não pode entrar!

- Por que não? - quis saber.

- A *CRU* está ocupando esta fazenda porque ela nos pertence! - disse-me sem atenuantes.

Quando se aproximou, pude ver suas feições claramente: era Douglas, um índio vaqueiro da fazenda. Fiquei algum tempo a fitá-lo, sem conseguir dizer uma única palavra. Ele, sem nenhum modo de furtar a cabeça, evitava olhar-me nos olhos.

- O que vocês estão fazendo? Enlouqueceram?

- Não, definitivamente ninguém aqui está louco - murmurou, aproximando-se mais.

Seu semblante era calmo, com aquela tranquilidade de expressão que revela com exatidão o domínio e controle do que se está dizendo:

- Começamos hoje a retirada de estranhos das nossas terras -

continuou. Sua voz foi encoberta pelo grito de uma das indígenas da fazenda que veio até mim ofegante:

- Senhor, senhor, elas estão na Masuri, senhor!

Ela disse que os índios do *CRU*, mais de cem, chegaram no início da tarde e pediram que todos saíssem. A senhora Ângela e Jackeline Mill foram levadas para a Masuri.

- Nós achamos que lá elas estariam seguras até que alguém chegasse para resolver essa confusão, senhor.

O *CRU* havia iniciado o movimento que há muito tempo vinha planejando, exatamente um dia antes da revolta dos fazendeiros. Vi-me solitário naquelas sonolentas horas noturnas. A noite prosseguia silenciosa, e, mesmo os índios, estavam quietos, agrupados, sentados. Tudo em volta parecia ansioso, esperando o alvorecer. Mas o tempo não se movia e a sensação daquela imobilidade me angustiava. Não sabia o que fazer, pois fiquei chocado com a notícia. Ponderei em meus pensamentos que se tivesse estado ali o tempo todo, talvez nada disso acontecesse. Doravante seria impossível adivinhar o desfecho dos fatos: talvez Arnold abortasse o movimento dos fazendeiros, talvez o intensificasse e o redirecionasse contra os índios do *CRU*. Fiquei longos minutos sentado perto do automóvel sem sequer conseguir levantar os olhos. Como uma resposta aos meus pensamentos, imóvel, oblíquo e murcho, uma coruja adejou suavemente sobre minha cabeça e soltou um grito apavorante, agourento. Nunca esqueci aquela noite, escura, dolorosa. Eu estava cansado, precisava de sono, mas não tinha a mínima possibilidade de pregar os olhos porque a ansiedade, os pensamentos em série evitavam-no.

O sol veio com uma cor viva e avermelhada, como nunca vira antes, e espalhou uma aparência sinistra sobre o lavrado. Logo sua cor transformou-se numa sombra projetada por densas nuvens escuras, algo incomum no verão.

Voltei a Lethem varando as planuras imóveis e vastas sob uma sombra pálida. Fui direto ao encontro de *Mac*, mas ninguém se encontrava. Hesitei no espaço de alguns segundos e tomei a direção da Miritizal. Encontrei Arnold cabisbaixo, suas feições pesadas indicavam que não havia pregado o olho desde a última vez que nos vimos. Mais de trinta pessoas estavam ali com os humores exaltados.

Digo-lhe, leitor, que não existe nada mais evocativo do que o

imprevisível. Por isso que para os homens, as paixões, as fraquezas humanas, só se revelam diante de algum desafio ou perigo iminente. Para os fazendeiros, a surpresa das ações do CRU tinha de ser respondida, mas por uma resposta tão prodigiosa como fora a invasão das fazendas.

- Vamos expulsar esses caboclos à bala! - Gritou Peter Nizinski, brandindo os punhos.

- E tem outro jeito? - Inquiriu Arnold com uma voz amargurada, - mas é prudente esperar até amanhã.

Arnold estava visivelmente abatido. Brad não havia aparecido, David estava convalescente, a fazenda Pirara ocupada por índios do CRU; tanto encargo arrefecera seu ânimo. Acredito que já não amasse mais a causa que o moveu a liderar a libertação do Distrito. Pelos menos não tinha mais o espírito fanático de dias atrás; a verdade é que ele não era homem para ser submetido a qualquer tipo de pressão: sentia-se humilhado e impotente.

Meus pensamentos foram interrompidos quando sua voz me disse:

- Quero que vá até a Masuri e traga minha mãe e minha irmã e leve-as até o Boqueirão da Lua; um avião irá transportá-las até Ciudad Bolívar. Os irmãos brasileiros da fazenda *Three Brothers* te darão proteção.

Simplesmente assenti balançando a cabeça. Arnold deu meia volta com olhar perdido; numa conjunção geral do acometimento de uma insanidade, passou-me pela cabeça que seus atos já não eram de uma mente sã: seu rosto tinha uma tez amarelada e o andar era vagaroso e curvado, um perfil pouco dignificante para um pretense líder político.

Voltei outra vez a Lethem. A vila estava calma, alheia aos acontecimentos que atormentaram a vida dos Mill naquele dia. As casas estavam profundamente silenciosas, tanto que se podia ouvir facilmente o movimento das pessoas. Vi Charles se aproximando do escritório de *Mac*. Certamente havia sido informado do incidente entre David e Brad e estava procurando explicação.

Sabia ele do movimento do CRU? Segui alheio até o Igarapé Manari, dali ganhei o rumo da Masuri. Pelas fazendas por onde passei, os índios do CRU estavam levantando casas. A rapidez com que trabalhavam demonstrava o ímpeto do movimento que haviam iniciado. Cheguei a Musuri um pouco antes do entardecer. Quando me viram, algumas crianças saíram apressadas para avisar sobre minha presença. Avistei a senhora Mill e Jackeline de longe, que vieram apressadas na minha direção. Fiquei

imaginando de que forma dar-lhes-ia a notícia da calamidade em Lethem.

A invasão da fazenda certamente havia causado uma devastação no ânimo delas. Meditei sobre como poderia explicar à senhora Mill o incidente entre seus filhos. Seu amor por eles fez com que a vida ao lado de Ben Mill valesse a pena; certamente sua mente estava confusa com o ocorrido que a arrebatou do Pirara.

- Capataz, meu filho, veja o que fizeram conosco - elas se jogaram sobre mim, abraçando-me aos prantos. Não consegui dizer nada, apenas murmurei alguma palavra de conforto.

Sentamo-nos sob um malocão, Jackeline explicou-me o que acontecera no Pirara. Sua voz era rouca e as palavras pareciam sair dilaceradas de sua garganta. A senhora Mill não conseguia conter as lágrimas, por isso não tive coragem de relatar-lhes o ocorrido em Lethem. Permaneci durante algum tempo olhando aquelas duas mulheres, que seguramente estavam sentindo a ausência de Ben Mill. Estavam humilhadas e sozinhas, e eu pouco podia fazer para dirimir-lhes a dor. Fiquei ali aguardando o sol se pôr. O crepúsculo se formou com a mesma cor de sangue dos primeiros raios de sol da manhã. Ponderei que fosse o momento de levá-las para o Boqueirão da Lua.

Não sei o porquê, mas Jackeline estava mais linda do que até então a havia visto. Ela vestia uma blusa branca e uma bermuda jeans, a luz de seu rosto parecia contrastar com o crepúsculo pletórico. Por algum tempo não consegui desviar os olhos dela. Mesmo com toda dor, ela me olhou e esboçou um sorriso tímido. Estava tão consciente de sua beleza, que durante algum tempo esqueci completamente as tragédias daquele dia. Seus cabelos longos e ondulados caíam delicadamente sobre seus ombros, seus olhos azuis pareciam duas luzes perdidas meio ao vermelho opaco do pôr-do-sol. Por alguns instantes me vi apaixonado por sua personalidade, por sua inteligência, por seu altruísmo... Caminhei alguns passos para distanciar meus olhos dela.

Saí da Masuri no início da noite. Preferi viajar protegido pela escuridão noturna temendo mais surpresas do que já havia tido. As imagens do desentendimento entre David e Brad e a ocupação da fazenda Pirara pelo CRU estavam tão vivas em minha mente que fizeram esquecer minha exaustão.

Levava duas mulheres que tiveram suas vidas interceptadas por

acontecimentos inesperados; estavam impotentes, e a angústia que sentiam comovia-me. Seguimos rasgando a escuridão do lavrado, e tudo que ouvíamos era o ruído do motor do carro desafiando a obscuridade da noite vazia. Mas, subitamente em minha frente a estrada foi interrompida, fazendo o carro despencar como se caísse num abismo. O impacto sobre pedras arrancou de minha garganta um grito de dor, e por algum tempo o mundo pareceu girar em torno de mim. Quando consegui erguer a cabeça, um peso sobre meu pescoço me imobilizava: a senhora Mill havia sido arremessada sobre mim, e sua cabeça havia se projetado na direção do para-brisa, senti uma forte dor no peito antes de começar a me levantar, e Jackeline gemia imóvel ao meu lado. Quando coloquei a cabeça para fora do carro, comeci a perceber a dimensão do que havia acontecido: a ponte havia sido queimada e estava totalmente destruída. Durante toda a tarde, o fogo ardera devorando-a, tenazmente. Por muito tempo fiquei perdido num mundo vazio, numa imensidão silenciosa através da qual fluía um odor de madeira carbonizada. Então ouvi a voz de Jackeline, cheia de dor, soando fraca, bem próxima de mim: “ajuda-me, ajuda-me...”.

Quando abaixei para olhar dentro do Jipe, tive uma visão mórbida: a senhora Mill tinha a cabeça coberta de sangue como uma touca sinistra a envolver seus cabelos e rosto. Olhei para Jackeline e mesmo na escuridão nefasta consegui distinguir seus olhos esbugalhados, mas com um rosto absolutamente composto. Ao tentar puxar a senhora Mill para fora do automóvel, senti um choque mental, uma insurreição assustadora: seus olhos, a boca, a pulsação, todos estavam inertes, paralisados. Fiquei completamente horrorizado, com um apressamento no peito e com a sensação de que a abóbada celeste houvesse despencado sobre minha cabeça. Senti como se uma conspiração estivesse a me perturbar a vida; uma série de acontecimentos sinistros, como uma vingança desproporcionada, uma brincadeira de mal gosto a me punir pelas inquietações, pelo inconformismo juvenil e exigente. Vi a fé que tinha em mim se esvaindo, e mesmo a quietude noturna era tensa e dolente.

Depois de muito esforço consegui arrastar a senhora Mill para fora do automóvel. Jackeline havia recobrado a consciência, mas ainda permanecia distante da fatalidade que se havia abatido sobre nós. Corri para a estrada para ver se via qualquer pessoa, qualquer movimento podia ser um sinal de esperança para a tepidez daqueles momentos. Mas tudo estava mudo e aterrorizante, silencioso o suficiente para impulsionar um homem desesperado. Então, comeci a correr alheio ao cansaço e à dor em meu

corpo, corri não sei por quanto tempo, até avistar um retiro da companhia. Comecei a gritar, logo quando vislumbrei uma réstia de luz de lampião. Dois peões vieram ao meu encontro, curiosos e rapidamente relatei-lhes o ocorrido. Saí a cavalo com um, enquanto o outro se apressou até Lethem. Encontramos Jackeline chorando compulsivamente, debruçada sobre sua mãe. A primeira reação do vaqueiro foi praguejar: “malditos caboclos, desgraçados, queimaram a ponte...”.

A ambulância do hospital chegou para nos prestar socorro, duas horas depois. Jackeline foi atendida no Hospital em estado de choque. A senhora Mill falecera, pois praticamente tivera a cabeça esmagada no impacto com o para-brisa do automóvel.

Eu as deixei e saí sem rumo por uma rua pouco iluminada. O acidente na ponte havia consumido minhas últimas energias. Avistei o bar de David e, praticamente, deixei-me cair sobre o assoalho da varanda. Estava semimorto, e como morto passei a noite. Fui despertado quando os primeiros raios de sol bateram implacáveis em meu rosto. Levantei-me dolorido, com uma dor cansada, e quanto voltei os olhos na direção do hospital ouvi um estampido, um barulho seco vindo do posto policial.

Era difícil acreditar, mas os fazendeiros haviam iniciado a revolta. Corri na direção do estrondo, quando ouvi um novo bramido, que era tiro de canhão, podia ter certeza. O pesadelo havia começado; tornou-se inevitável.

O tiro destruiu completamente a parte dianteira do posto policial e fora disparado a partir de um caminhão, cujo canhão estava escondido meio a ramagens e galhos de árvores na carroceria. Ainda pude ver uma fumaça acinzentada, erguendo-se das ramagens. O sargento Lewis apareceu diante do grupo armado, muito nervoso. Quando viu Peter Nizinski e Christian, acompanhados de uma dezena de índios, levantou as mãos e disse exaltado: “o que estão fazendo, enlouqueceram?”

Sua voz saiu rouca e suas mãos tremiam. Ninguém respondeu, todos temiam avançar sobre aquele que fora a autoridade mais decente do Distrito. Lewis desceu uma pequena rampa e avançou na direção do grupo, falando: “Peter? Christian, o que estão fazendo, o que está acontecendo aqui? Somos uma família, parem essa loucura!”. Suas palavras tinham um tom de sofrimento, e era impossível adivinhar a reação dos revoltosos. Todos tinham armas em punho e engatilhadas, mas estavam paralisados.



Porém, mal Lewis se aproximou do grupo, seu corpo foi arremessado para trás por um tiro de escopeta. Mas ele não caiu, esbugalhou os olhos, talvez tentando entender o que estava acontecendo e tentou falar, quando uma tira de sangue desceu de sua boca. Porém, tinha uma robustez física incólume, cambaleou alguns passos para trás, quando uma rajada de tiros o fez tombar perto da calçada. Uma poça de sangue começou a se formar em torno de seu corpo. Todos ficaram perplexos diante daquela cena, até que murmúrios tristes começaram a ser ditos mais abertamente. Caminhei na direção dos revoltosos com a intenção de demovê-los daquela loucura, mas como tivesse saído do nada, como que recém-criado, apareceu Brad com uma metralhadora automática em punho, ainda aquecida e fumegando pelos disparos. Por um momento, privado da razão, pensei em saltar sobre ele tanto foi o vigor do ódio que repentinamente escureceu minha visão. Mas antes que tivesse qualquer iniciativa, ele seguiu até o interior do posto policial, pisoteando tijolos quebrados, chutando pedaços de madeira e conclamando a todos para fazer o que tinham de fazer: “destruir o posto, prender policiais”

Peter Nizinski e alguns índios o seguiram um pouco hesitantes. Christian estava quedado, absorto, preso numa desordem mental. Tomei a arma que estava em sua mão e segui em direção ao grupo; estava disposto a atirar em Brad. Porém, antes que eu entrasse, ouvi vários estampidos simultâneos vindos do interior do posto policial: eram tiros disparados em um policial que tentava se esconder em um banheiro, que caiu tentando agarrar-se num lavatório, procurando manter-se em pé. Quando voltou o rosto em nossa direção, parecia que uma chama saía de seus olhos. Enquanto ele olhava perplexo, Brad disparou o tiro de misericórdia.

Ainda tive tempo de ver Charles D’Urban, praguejando, tentando fugir pela janela, mas Ajarani, que estivera dirigindo o caminhão que trouxera o canhão, disparou contra ele vários tiros, projetando seu corpo sobre uma cerca de arame farpado, ficando enredado ali mesmo com a cabeça apontada para as margens do rio Tacatu. Amâncio, que apareceu do nada, aproximou-se do corpo ensanguentado de D’Urban para lhe dar cusparadas. Vi um carro saindo em disparada; um grupo, seguindo Nizinski e Brad, saiu em perseguição ao automóvel disparando vários tiros. Era Jailan fugindo daquela turba enfurecida. Movimentei-me no interior do posto e senti um cheiro de morte que se ergueu em minha frente; tudo era enlouquecedor. Comecei a ouvir alguns soluços abafados; um índio, um ajudante de escritório, imaginei, estava sob o soldado morto, completamente ensanguentado. Pensei que

estivesse gravemente ferido, e levantei-o pelos braços. Estava trêmulo, em estado de choque, não conseguindo dizer nada. Temi por sua vida, porém, segundos após, falou desesperado, olhando-me com os olhos fundos, agarrando com energia meus braços como se pedisse misericórdia: “tira-me daqui, minha família...”.

Não havia se ferido; fingir fora só uma forma para não ser morto também. Quando o grupo saíra em perseguição a Jailan, se jogara sob o soldado morto no banheiro temendo o mesmo destino. Pedi-lhe que saísse pelos fundos o mais rápido possível, e com os olhos cheios de horror, ele disparou uma correria até as margens do Tacutú, lançando-se desesperado para dentro do rio. Ainda tive tempo de vê-lo vencendo as águas a nado até o lado brasileiro.

Quando saí, não vi mais ninguém. O ar estava estéril, opaco e silencioso. Os revoltosos liderados por Christian haviam tomado não sabia que rumo.; Brad desaparecera acompanhado de Amâncio, Ajarani e alguns índios. Estava com os nervos abalados diante daquela desproporcionada investida. Frente àquele massacre, a manhã havia começado tragicamente. Segui até o hospital para saber sobre Jackeline e David. O lugar estava deserto, sem uma viva alma. Corri até o quarto em que ela fora deixada e descobri-a dormente, sedada. Em seguida, fui até o quarto de David e encontrei-o ansioso. Fiquei imaginando como poderia salvá-los daquela tragédia. Coloquei David a par de tudo, insistindo que deveria ir comigo; ele sentia muita dor, seus ferimentos ainda estavam vivos em sua barriga. No entanto, mesmo triste, cabeça baixa, num esforço supra-humano, conseguia manter os olhos enxutos. Perguntei-lhe se podia pilotar, disse que talvez sim se conseguisse sentar-se. Retornei até o quarto de Jackeline, tomei-a nos braços e saí em direção ao aeroporto. Encontrei Nuñez apontando uma arma para dois homens que, depois soube, eram missionários. Sua voz soou lastimosa, relutante: “o que fizemos, quanta loucura”.

Eu nada disse. Simplesmente mencionei que iria usar um dos aviões, e o único em condições de uso pertencia àqueles missionários. Cheguei até a aeronave e coloquei Jackeline sobre o assento traseiro. Voltei ao hospital e retirei David numa maca até o pátio utilizando uma ambulância para transportá-lo até o aeroporto. Ele seguiu resignado, pois sabia que não podia ficar naquele lugar mortífero. Aquele homem, quase sem forças, sentou-se na cabine de comando, ligou os motores. Temi que não suportasse a viagem. Poderia ter seguido com eles, mas tinha ainda uma tarefa a fazer. Aconselhei-o, firmemente, a seguir para a Venezuela, no que ele apertou calorosamente

minha mão e disse entre lágrimas: “obrigado, convença Arnold a dar um sepultamento decente a minha mãe, cuide-se, irmão”. Retirei o amontoado de pedra que Nuñez havia posto sobre a pista e vi David rasgando o céu. Voltei ao escritório do aeroporto e intimei Nuñez a libertar os missionários, que estavam catatônicos, pateticamente encolhidos e agarrados um ao outro. Nuñez persistiu num sussurro: “não, não vou fazer isso”. Retirei o revolveu de cintura, que a bem da verdade era a primeira vez que eu assim fazia, e apontei em sua direção. Ele não relutou; permaneceu sentado com olhar distante.

## O desfecho

Em Lethem não havia ninguém nas ruas, nenhum movimento, a não ser cães abandonados pelos donos, ladrando desproporcionados. Todos, uma população inteira de índios e peões, desesperaram-se quando ouviram os primeiros tiros. Os médicos, as enfermeiras, funcionários da RDE, todos atravessaram o Tacutú e foram socorrer-se em Bonfim.

Parti imediatamente para a Miritizal com a intenção de certificar com Arnold sobre o sepultamento da senhora Ângela Mill. Consternado pelo sofrimento, pela morte da mãe, pela refrega entre Brad e David, pela maneira como a revolta estava sendo conduzida, praticamente liderada por Brad, encontrei Arnold prostrado, com os cabelos desgrenhados e, provavelmente, batalhando em seus pensamentos o vazio de seu espírito e as paixões que a revolta havia suscitado. Sentado, com o olhar perdido, sua alma estava em tumulto, talvez mais ruidoso do que os tiros que assassinaram o sargento Lewis: nada do que havia planejado transcorrer como o previsto, nenhum embrião do novo Estado, nem liberdade, tudo o que tinha nas mãos era tão somente ódios desatinados, há muito tempo reprimidos. Certamente iria enlouquecer.

Caminhei pelos aposentos da casa sem encontrar uma viva alma. Quem não estava na batalha, havia fugido para o Brasil. Para onde teria ido Margareth Mill? E Ortega? Imaginei levar Arnold comigo, mas quando passei, ele lançou-me um olhar soturno, de repugnância; ele queria ficar ali, concluí. Não senti compaixão e tampouco nenhuma sensibilidade por sua situação.

Antes de sair, armei-me adequadamente temendo qualquer perigo contra minha vida. Havia uma sala abarrotada de armas que, certamente, pelo desenrolar dos acontecimentos, não seriam utilizadas.

A senhora Ângela Mill estava num caixão de madeira, sem nenhuma decoração. Com muito esforço, coloquei-a dentro da ambulância e segui para a fazenda Pirara. O ar parado e quente da tarde, sem nenhuma aragem, fazia-me transpirar aos jorros. Quando passei em frente ao Manari Hotel, um grupo de índios trazia Gould com os braços amarrados atrás das costas, totalmente ferido no peito, de onde a camisa havia sido arrancada. Como que movido pelo instinto parei, e alguns índios me rodearam assim que desci. Todos estavam armados com os fuzis dados aos *soldados da liberdade*,

traziam um brilho selvagem nos olhos. Gould foi atirado ao chão e por alguns segundos ficou jogado, exânime. Três índios se aproximaram com as armas apontadas em minha direção e me perguntaram: “aonde vai, capataz?”.

Reconheci no rosto um dos índios da fazenda Pirara. Apontei na direção do caixão e disse que iria sepultar uma defunta na fazenda. Ele olhou para o caixão de uma forma assustada - os índios tinham grande pavor dos mortos. Ele se afastou aterrorizado, sacudiu o fuzil insinuando que eu poderia prosseguir. Gould olhou-me com um ar de desespero e terror. O índio que me interpelou, aproximou-se dele e desferiu-lhe dois chutes no abdômen. Ele se contorceu e enfiou o queixo no peito sentindo a dor, foi forçado a se levantar com uma faca apontada em sua garganta. Vi gotas de suor descerem pelo seu rosto, escorrendo entre feridas vermelhas. Havia ódio nos gestos dos índios, uma ferocidade que o corpo de Gould estava sentindo. O mesmo índio arrastou-o violentamente, apontou com os dedos o caixão onde estava o corpo da senhora Mill, e disse: “está vendo? Este vai ser seu futuro, dê-me um motivo e acabo com a sua raça agora”. Os olhos de Gould estavam imóveis, com uma expressão humilhada. Ele nada disse, pois já não opunha resistência alguma. Outra vez foi lançado ao chão com violência, rolando uma ou duas vezes. Ouvi suas pernas estalarem e o impacto ferir-lhe o nariz, encharcando seu rosto com um sangue denso. Ele emitiu um grunhido de dor: "hummm!" A bola de sangue que se formou na parte dianteira do lábio superior, deu-lhe uma expressão tocante. Novamente foi empurrado, cambaleando aos berros de desespero e agonia, chamando a atenção, arrancando risos da turba enfurecida. Aquela cena doeu-me na alma: ele estava entregue aos caprichos daqueles que outrora foram funcionários em sua fazenda, sendo espancado e empurrado por todos os lados: “você é um excremento, homem!”, gritou alguém, aplicando-lhe um soco na cabeça, tirando sua última gota de resistência física. Gould, mesmo assim, tentou correr na direção do hotel, mas um outro avançou sobre ele e o lançou ao chão sem piedade. Outra vez, todos riram. Gould estava envilecido, humilhado, rastejando no chão diante de olhos conscientes de sua desgraça e eu nada podia fazer. A última vez que o olhei, vi seus olhos quietos, fixos, sofridos, os dentes rangendo e o maxilar tremendo. Uma corda foi jogada sobre um galho de cajueiro para amarrá-la em seu pescoço. Gould gritou miseravelmente como fera presa. Um deles o levantou no ar, enquanto ele se debateu desesperado, já sem força. Mesmo assim berrou melancolicamente pela última vez, e o clamor de seu grito pungente

derramou-se, confundindo-se aos murmúrios do lavrado. Seu grito ecoou com um timbre aterrador e misterioso, como se a alma lhe implorasse sair do corpo para fugir da dor e da tortura física. Quem o segurava, soltou-o, e ele balançou feito pêndulo, sacudindo as pernas até ficarem inertes. Os olhos de Gould se estatelaram num último vestígio de vida em seu rosto. Morreu enforcado como peixe se contorcendo numa linha de pesca. A tentativa abusada de conquistar a anuência dos índios de Bernard, dando-lhes dinheiro, custou-lhe caro: custou-lhe a vida. As insídias daqueles dias, a ferocidade revelada nos atos de pessoas doidivas do Distrito, levaram-lhe a vida; e eu testemunhei essa tragédia.

A investida dos índios contra Gould fez-me temer pela minha vida. Silenciosamente entrei no carro e puxei a arma para perto. Por um instante fiquei parado, vendo dois índios socarem o corpo inerte de Gould, ainda sendo submetido a um duro tratamento. Com rapidez liguei o carro e disparei em frente, a tempo de ouvir um estampido e em seguida outro: estavam atirando em minha direção. Um estado de ira tomou conta de mim; era um sentimento incontrolável, e não sei por quanto tempo e nem em que velocidade rasguei a escuridão que, subitamente desceu sinistra e agitada diante de meus olhos.

Muitas ideias passaram por meus pensamentos, rapidamente, como relâmpagos. Havia um intenso ódio na maneira como dirigia o carro. Gould fora entregue à fúria dos índios do CRU, e morrera acuado como rês em matadouro. Sofrera empurrões, pancadas, fora jogado de um lado para o outro, sucumbira-se diante da paixão desenfreada daquela turba comandada por Bernard. Era tarde demais para ponderar sobre minhas vontades imperiosas, meus sentimentos juvenis que sempre me empolgaram, meus caprichos românticos, enfim, tudo estava sendo reduzido a simples veleidades, quimeras vazias que se esvaem como bolha de sabão. Ideias sobre liberdade, lealdade, moralidade, amor ao próximo, nada nada continha meu desejo de vingança. Reconheci, com amargor que os anos felizes de minha juventude haviam terminado, dando-me uma sensação de desconforto a dissolver minha fé num grande desânimo. O ar que soprava em meu rosto não tinha vibração alguma, e a noite entrou por meus olhos, silenciosa, abatida e desanimada.

Cheguei à fazenda totalmente alheio ao tempo. Olhei na direção da porteira e arremessei o carro com toda a velocidade que pude arrancar dos motores. As tábuas se romperam, despedaçando-se em partes miúdas, e o carro rodopiou cerca de trinta metros, lançando para o ar uma nuvem de

capim. Uma multidão veio em minha direção. Todos estavam armados. Aquele que eu havia visto um dia atrás, foi o primeiro a aproximar-se de mim. Desci do carro e impaciente fui em sua direção. Ele parecia me esperar, até esboçou um sorriso ligeiro nos lábios. Quando aproximei, com movimentos rápidos aponte-i-lhe o revólver. Ele, surpreso, deixou a arma em sua mão cair. Os outros índios se aproximaram, mas não manifestaram reação. Muitos eu conhecia: eram funcionários na fazenda ou vaqueiros da companhia. Um mais velho caminhou devagar em minha direção; sabia do falecimento da senhora Mill: “pode baixar a arma, rapaz, queremos também sepultar à senhora Mill”, disse-me. Afastei-me alguns passos, comovido, quando várias mulheres se debruçaram chorosas sobre o caixão. Conduziram-na em silêncio até o interior da casa. Uma senhora índia começou a rezar alto em latim. Sob o manto da noite velaram o corpo da senhora Mill e a sepultaram logo de manhã, onde estava sepultado Ben Mill.

Deixei aquele lugar e voltei à vila. Os fazendeiros haviam sobrepujado os índios: conquistar a fazenda Pirara era já um sinônimo de vitória para a demarcação da grande reserva do padre Giovanini. A presença de Ben Mill e sua habilidade no trato com os índios, serviram para garantir a ordem no Distrito. Mas agora... por que continuar a servir os fazendeiros e a RDE? Bernard havia conseguido seduzir os índios com este pensamento.

Era de manhã quando retornei a Lethem. Um caminhão seguia em direção ao frigorífico levando oito soldados negros capturados, amarrados como animais. Christian e seu grupo de soldados haviam aprisionado a todos perto do igarapé Sauriwau, quando tentavam fugir para o Suriname. Encontrei *Mac* que voltava da tentativa de recuperar algumas fazendas ocupadas da RDE. Pareceu que tinha fracassado na tentativa e um soldado índio havia sido morto. Houve um silêncio entre nós. Estávamos a refletir sobre o fracasso e os perigos que se adensavam a nossa volta. *Mac*, sem dúvida era um leal servidor da RDE: tinha por ela um desprendimento espiritual e um sentimento de devoção que implicava, sobretudo, na renúncia de sua vida para a proteção da companhia.

- Os índios tomaram muitas fazendas nossas. Não sei o que fazer. Nossos soldados estão receosos em enfrentar seus parentes, seus irmãos. Os venezuelanos não vão chegar, não querem se envolver na briga entre nós e os índios - resmungou numa voz abafada, enquanto limpava os óculos na ponta da camisa.

- Talvez fosse melhor desistirmos de tudo - argumentei - pois agora

os inimigos são os índios do *CRU*, não mais Burnham.

- Muitos já desistiram, Bonfim está cheia desses covardes - disse ele com uma voz de desapontamento - eu não, eu não desistirei jamais, mesmo que tenha de morrer – praticamente gritou fechando as mãos.

Seu rosto mostrava sinais de cansaço e em seu corpo podiam-se ver ferimentos vivos, os olhos não aparentavam nenhum brilho:

- E Brad? - indaguei.

- Ele e Peter Nizinski destruíram a Missão. Estão ao encalço do padre e Bernard; juraram matá-los! Fracassamos - disse numa surda exclamação.

Saí para não ouvir mais.

Passi o restante do dia me preparando para deixar aquele lugar, estava disposto a seguir para o Boqueirão da Lua, e de lá encontrar Jackeline na Venezuela. Vi a tarde despejar a noite sobre a vila, que não mais apresentava vida alguma. Vi o silêncio lentamente engolir aquele dia tenebroso. Por um momento quis esquecer aqueles últimos dias; iria sim, deixar tudo para trás. Pensar em Jackeline, lembrar seu rosto, dava-me um alento firme.

Quando me preparava para partir, perto do Tacutú, logo depois do posto policial, vi um grupo de pessoas aproximando-se pela sombra da noite que se iniciava. Um tiro foi disparado em minha direção, mas consegui esconder-me entre um amontoado de caixas de madeira vazias. Depois de certo tempo pude vislumbrar alguns índios se esgueirando de um lado para o outro da ruazinha; todos caminhavam cautelosos como gato. Vi que era Bernard quem estava à frente. Desviei-me sorrateiramente por um matagal até poder encontrar um lugar seguro. *Mac*, Christian e alguns índios dispararam vários tiros na direção do grupo sem nenhum sucesso. De repente, fez-se um silêncio de morte, logo interrompido por novos tiros que iluminaram a escuridão. Certamente, Bernard queria libertar seu amigo preso no frigorífico, o escritor que eu vira em sua presença certa vez. Christian o havia feito prisioneiro, e um ferimento na perna direita o impedia de andar. Bernard queria abrir caminho até o frigorífico à bala. Ante a selvageria dos dois lados, decidi seguir até o *Savanna's Hotel*, caminhado pela margem do Tacutú.

Atravesssei, incontinenti, um laranjal e entrei no hotel pela porta de trás. Não havia uma viva alma, só penumbra. Subi a escada até a parte de cima, olhei por uma janela e vi a rua onde, de tempo em tempo, saíam tiros dos dois lados. O barulho de um tijolo caindo chamou a atenção de um deles



logo abaixo, que entrou cauteloso no hotel. Recuei até um quarto e segurei meu revólver. Em segundos o índio subiu o último degrau da escada, correndo os olhos por todos os cantos com a arma na mão, atravessando em passos lentos a vasta sala. Pude ouvi-lo pisar sem ruídos; era possível sentir perfeitamente sua respiração soando como se estivesse próxima do meu ouvido. Um pouco mais perto de onde eu estava, ele parou como se tivesse reparado minha presença. Uma escuridão compacta encobria toda a sala. Um silêncio profundo se seguiu, a ponto de se poder ouvir o som de agulha caindo na sala. Eu havia engatilhado o revólver, mas minha mão tremia e transpirava, e uma frouxidão muscular afetou minhas pernas e meus braços, revelando-se numa onda de calor, levando-me a suar por todos os poros. Sem produzir qualquer som, ele era um vulto avançando para dentro do quarto, à sorrelfa. Evidentemente eu receberia um tiro assim que fosse visto. Minha natureza me projetou de tal forma para suportar o medo sem perder a razão, e ela dizia que eu só tinha uma única chance. Quando avistei o vulto bem próximo de mim com a arma engatilhada, a ponto de poder ver sua silhueta inclinada para frente, abaixei um pouco e apertei o gatilho. O tiro encheu de luz aquele ambiente tépido, e como um relâmpago atingiu-lhe o rosto entrando por baixo do queixo. Ele permaneceu hirto, até ir-se arquejando devagar para desmoronar-se por completo. Tentei ver se era apenas um ferimento, mas era tarde demais: senti um sangue quente escorrendo pelo seu queixo. Tinha tirado a vida daquele homem, e aquela fora a primeira vez que havia usado minha arma, e ela pesou em minha mão. Bateu em minha consciência que aquele ato significava uma mudança ostensiva nas minhas convicções: jamais em minha vida havia pensado, minimamente, na possibilidade de matar alguém. O barulho na parte de fora do hotel havia-se tornado tão intenso, que ninguém percebera o estampido do tiro que disparei. Tinha que me refugiar em algum lugar, longe, ou atravessar o Tacutú o mais rápido em direção a Bonfim, e, definitivamente, fugir daquela terrificante vila.

Como se fosse uma intervenção divina começou a chover, primeiro como uma garoa tímida, mas com raios intensos; depois mais forte, até formar um aguaceiro denso e carregado. Quando descí os degraus da escada e ganhei a direção da porta dos fundos, vislumbrei o vulto de *Mac*, chegando com o chapéu molhado:

- Vi o rapaz vindo nessa direção - afirmou tirando a água do chapéu e segurando os óculos em uma das mãos.

- Eu o matei, *Mac*, assassinei um homem!

Ele bateu em meus ombros e disse num sussurro frouxo:

- Era você ou ele, amigo, as coisas são assim... esqueça. Preciso de sua ajuda - continuou falando como se a morte do índio fosse acontecimento trivial - tomei uma decisão que poderá mudar o rumo dos acontecimentos. Toda a companhia e as fazendas estão comprometidas, entregues o *CRU*. Preciso encontrar o padre Giovanini para expor-lhe a necessidade de uma trégua - fez uma pausa e depois de um longo suspiro falou: - os venezuelanos não chegaram, desistiram depois que souberam do movimento do *CRU*. Ortega encontra-se no Boqueirão da Lua coordenando a saída de todos. Dois aviões DC-3 estão transportando nossas famílias para Ciudad Bolívar, nossas esposas e filhos estão em segurança.

- E Jackeline? David?

Ele pareceu ver um sinal de preocupação na minha voz:

- Tranquilize-se, conseguiram chegar.

- Quantos permaneceram - indaguei.

- Poucos. Temos Christian, Peter Nizinski, um de meus irmãos, os brasileiros e não mais de vinte homens em condições de usar armas. Muitos índios aliaram-se o *CRU* e se voltaram contra nós. Permaneceram somente aqueles ligados à nossa família, ligados aos tuxauas nossos amigos – “bem, bem” - olhou-me e resmungou – “nosso problema é Brad. Ele lidera um grupo de oito índios, e por onde passa, devasta. Hoje tentou avançar sobre a fazenda Pirara e foi rechaçado pelos índios: dois homens seus morreram. Precisamos encontrá-lo para removê-lo dessa loucura. Mesmo Peter desistiu de acompanhá-lo”.

Ele explicou, e seus planos eram sensatos: iria propor uma trégua a Bernard, pois tinha forte temor da chegada da *GDF* ao Distrito, enviada por Burnham. As maneiras de *Mac* haviam mudado, a irritabilidade que parecia fazer parte de seu gênio todas as vezes que falava, havia dado lugar a um temperamento equilibrado e ponderado. Seguimos até a Missão.

A noite seguia vasta, despejando sombras sobre todo o lavrado. Quando entramos na Missão, vimos apenas algumas luzes de vela saindo da igreja. Encontramos quatro índios silenciosos, velando três corpos estendidos sobre um lençol branco cheio de manchas de sangue, um deles era do francês que nunca soube o nome:

- Todos fugiram para o Bonfim por causa da guerra, senhor. Estamos

esperando o dia amanhecer para sepultar nossos parentes.

Bonfim era a direção do pequeno êxodo que havia começado um dia antes. Quando entrou na Missão para capturar padre Giovanini e Bernard, a refrega de Brad com os índios deixara aqueles mortos.

*Mac* perguntou pelo padre, a que o índio sinalizou com a cabeça apontando a direção do confessionário. Entreolhamo-nos surpresos do motivo de o padre não ter manifestado sua presença até àquela hora. Pensamos ser uma emboscada. Puxamos nossas armas e fomos cautelosos até onde ele estava.

Quando nos aproximamos à distância de um passo, uma voz guinchante e misteriosa soou como vinda de uma tumba: “quais são seus pecados, filhos de satanás”. “Padre, viemos aqui para conversar...”, eu disse. - “ajoelha-te e confessa; o fim está próximo”, rosnou o padre com voz pálida, “se não te arrependeres agora, viverás a perdição eterna, e que Deus tenha piedade de todos vocês”. “Padre?”, dessa vez *Mac* insistiu, mas ele continuou: “Deus virá para julgar todos vocês descrentes que desafiaram Sua vontade, e por isso sentirão o peso de sua ira – disse e olhou-nos de esguelha – “*Omini peccatori, burghese miserabile*”, rosnou com desprezo em italiano, língua que raramente falava, “vocês não querem a justiça, não querem a igualdade, não querem que o bem triunfe, só pensam em suas instituições abjetas e moralmente corrompidas, *figli di puttana*”, disse e em seguida ficou sombrio, silencioso, com olhar distante e inerte.

O interior da capela estava mergulhado na noite. Um dos índios, o mais jovem, aproximou-se de nós segurando um toco de vela. Uma réstia de luz iluminou palidamente seu rosto, sua expressão era assustadora: tufo de cabelos grisalhos escorriam bastos, cobrindo-lhe a visão; os olhos estavam fixos como que pregados numa moldura arroxeadada; seu rosto comprido estava extremamente sujo, sedoso, deixando a sensação de que aquele homem havia saído de um túmulo. Aspirava com dificuldade, como se o ar naquele recinto não chegasse a saciá-lo. “Ele está louco, *grandpa*”, murmurou o rapaz: “desde de manhã ele está assim, sem sair deste confessionário”.

O padre havia perdido a razão. A confusão no Distrito deve ter-lhe sido insuportável. Conjeturei em meus pensamentos que os dois líderes da revolta haviam perdido a razão: Arnold, e, agora, o padre Giovanini. Como a maldição que transforma os que tentam arrancar as riquezas das entranhas do Cuano-Cuano em visagens, aqueles que quiseram quebrar a paz do Distrito foram transformados em farrapos sombrios.

Um silêncio profundo, sinistro, envolvia a capela. Quando olhei por cima de meu ombro, *Mac* havia sumido de meu lado. O silêncio, o ar sinistro e a loucura do padre Giovanini deixaram-me num estado mórbido, que envenenou meu cérebro. Caminhei para fora, e *Mac* estava quieto, pensativo, em pé sob o umbral da capela:

- É o fim, amigo, tudo está perdido - disse com amargura e com obscura sugestividade completou: - vamos sair daqui para não nos enlouquecermos também.

Em seguida caminhou até um dos aposentos perto da capela - passaremos o resto da noite aqui e assim que amanhecer levaremos este infeliz padre para Bonfim, lá cuidarão dele - disse, deitou e perdeu-se a sono solto.

Eu não consegui pregar os olhos. Fiquei pensando sobre aquele padre, os últimos acontecimentos pareceram decisivos para tirá-lo definitivamente da sua quietude, a ponto de impor-lhe um pesado combate mental para remover suas intenções conscientes. Todos os meus dias no Distrito passei ouvindo histórias, fatos heroicos daquele padre. Sei que era uma forma especial de aumentar a fé imaginativa em torno dele, o que - acredito - chegava a lisonjear-lhe a vaidade. Mas tudo mudar-se-ia quando os rancores, ódios raciais emergissem com os movimentos dos fazendeiros e índios. Provavelmente, o padre não previra um desfecho assim, trágico. Caminhei na penumbra até a casa do padre. As estrelas pareciam vigiar meus passos, aparecendo e desaparecendo confusamente por detrás de vapores densos e negros no céu. A porta estava aberta; entrei desviando do mobiliário no meio da escuridão. Tateie no escuro à procura de algo que pudesse iluminar o ambiente. Quando encontrei um lampião, acendi-o com um fósforo que estava sobre um livro; uma chama amarelada e fina inflamou-se. Comecei a percorrer os aposentos; tudo era silêncio. Detive-me no escritório, uma sala que se descortinou diante de mim iluminada pela luz pequena do lampião. Um relógio-de-parede badalou, e as pancadas vararam o silêncio espalhando vibrações que se desvaneceram em melodias ritmadas: *ding-dong, ding-dong...* Sentei-me numa cadeira de uma escrivaninha, e, movido por uma inexplicável curiosidade comecei a folhear um caderno de capa dura, já aberto em minha frente. A curiosidade não me deixou parar: “nunca vi lugar mais miserável, comida ruim, moscas por todo o lado. Durante o dia piuns e maruins perseguem como pragas apocalípticas; à noite os mosquitos parecem assumir proporções gigantescas, tanto que incomodam o sono com suas picadas doloridas e barulho irritante. Começo a trabalhar depois das

oito horas, quando ando pelas aldeias observando e conversando com os índios; recolho-me um pouco antes das cinco horas, pois, a partir deste horário os piuns e maruins tornam a vida impossível. Como bolachas e biscoitos porque são preferíveis a qualquer comida servida por aqui; estou magro e abatido, e ainda não me recuperei totalmente da última diarreia. Todo o Distrito é tosco e rude como a sua gente; infelizmente, para o bom andamento do trabalho a que me propus realizar aqui, estou tendo que manter contato com os fazendeiros, que são as pessoas mais vis que já vi na face da terra. São um bando de mestiços semi-instruídos que se espalha feito erva daninha por toda essa região, e vivem da exploração do trabalho dos pobres índios. O padre Aldo Giovanini havia-me alertado sobre eles, mas nunca imaginei que pudessem ser tão absurdamente chocantes, como se apresentam. Graças à gentileza do padre, vivo num pequeno quarto dentro da Missão, sem nenhum conforto, a não ser uma rede protegida por um mosquiteiro. A Missão é um lugar singelo, com oito casas e uma igreja aonde os índios vêm para estudar. Um alojamento abriga cerca de vinte rapazes, índios de aldeias distantes em estágio avançado de estudo e profissionalização. Aqui são bem alimentados e o padre já tem prodígios com eles, escolarizando-os. A presença constante deles na Missão tem ajudado o andamento de minha pesquisa. Além de informantes potenciais, são bons companheiros para conversas agradáveis nas noites tediosas. Ontem à noite fui alertado sobre uma rebelião armada que os fazendeiros estão preparando contra o governo de Georgetown. Estou preparado para enfrentar qualquer adversidade, mas confesso que não tenho o mínimo humor, tampouco ânimo de caráter para fazer parte de uma briguinha paroquial desse povo. Quicá isso seja só boato! Mas tenho percebido pessoas com olhares estranhos, conversas em grupinhos. E quando me veem, tratam-me com desconfiança. Mesmo os índios estão em constantes reuniões. Pelos olhares e pela maneira como conversam parece que estão preparando uma conspiração, um movimento de grande proporção para não sei que dia. Não tinha esperança de encontrar um paraíso por aqui, mas, se há algum lugar ruim no mundo, este certamente ainda é pior. A não ser o avião, não existe em absoluto nenhuma outra forma de contato com o mundo exterior. Boa Vista é a cidade mais próxima daqui, mas os caminhos até lá são precários e podem transformar uma simples viagem numa tortura que durará dias. Lethem é uma vila pequena, cheia de bares e armazéns onde os índios nunca entram, a não ser como empregados. As ruas não têm pavimentação alguma e a simples passagem de um cavalo levanta logo uma nuvem de poeira. A pessoas daqui parecem viver alheia a esses problemas.

No Distrito existem fazendas que mais parecem oásis nessa terra de índios. Os fazendeiros vivem como se fossem os imperadores do lugar, possuem carros americanos ou europeus que, quando vistos nas estradas, mais parecem discos voadores, tão grande é o contraste entre o luxo dos automóveis com as trilhas esburacadas e traiçoeiras por onde trafegam. Mas os ricos insistem em fazer uma simples viagem a Lethem nesses carrões. Sem dúvida, é uma forma de comprovar poder sobre a massa empobrecida de índios-escravos. Suas casas são confortáveis e espaçosas. Nas savanas é impossível ver um lugar que não tenha sido pisado pelos cascos do gado de suas fazendas, são milhares espalhados por uma área tão grande quanto ao sul da Flórida. Nunca havia visto tanto gado junto. Os fazendeiros formam um grupo fechado e rico, que na desgraça costuma solidarizar-se. O governo de Georgetown tem lhes dado um tratamento severo. O dinheiro que fizeram com a venda de gado compra tudo, inclusive apoio político, se precisar. Aqui o sol é persistentemente quente durante todo o dia. Os rios estão ficando sem água, e por causa da inclemência do verão o céu está sempre azulado, às vezes manchado com uma névoa esbranquiçada das queimadas feitas por índios nas savanas. Os negros daqui têm uma existência miserável: vivem em pequenos sítios, plantando somente o suficiente para comer. Suas relações com os brancos não são tão amistosas, e depois que Burnham subiu ao poder, os fazendeiros os veem com desconfiança. Os índios? Ah! Esses sim tornam compensadora minha estada neste lugar longe da civilização. Formam a sociedade mais complexa que já vi. Tudo o que pensei, teorizei, estudei durante uma parte da minha vida, vou poder provar agora. Eles estão espalhados por dezoito grandes aldeias. A maioria trabalha como vaqueiro de uma companhia de criação de gado; os outros, quando não empregados domésticos nas fazendas, criam eles mesmos um pequeno rebanho em suas aldeias. Casam-se cedo, por volta dos quinze anos e os filhos quando nascem, pertencem à linhagem materna. No passado eram numerosos, mas guerras tribais com os Caribe reduziram a população a uma quantia pequena, tanto que hoje não somam mais que três mil indivíduos, incluindo os aparentados que vivem no lado brasileiro da fronteira. Já estou conseguindo me expressar na sua língua. Meu quarto é pequeno, com apenas uma janela. É um aposento anexo à casa do padre Giovanini. O quintal da casa do padre é coberto de gramas verdes e flores. Uma construção de alvenaria, com várias bicas jorrando água, e uma imagem de cristo pregado na cruz sobre um pedestal parece vigiar o jardim. Estou cansado, com fome, sem banho e com o ânimo muito abatido. Mas tenho plena convicção de que todo esse esforço valerá a pena. Cheguei hoje ao meio-dia de uma

viagem de três dias a uma aldeia de nome Isherton, onde nasceu Jean Bernard, que lidera uma campanha para a demarcação de uma reserva muito grande, necessária para a proteção dos índios contra os fazendeiros. Pelo pouco que conheço sobre o lugar, sei que tal ideia vai gerar conflitos e desentendimentos com fazendeiros. Mas Bernard não está só, conta com o apoio da missão e de uma rede de idealistas espalhados pelo mundo. Ele fala muito bem, certamente por ser movido por um sentimento pessoal muito forte, um desejo de mudança inflexível. A maneira como revela entusiasmo, dá a impressão de que sua causa é mais preciosa do que sua própria vida”.

Fechei o caderno e pude ver quem escreveu aquelas anotações: Alex Norman, do Departamento de Antropologia da Universidade da Flórida. Comecei a entender o motivo que levou Bernard a tentar resgatá-lo no início desta noite. Na gaveta vi duas fichas de depósitos bancário com o timbre de um banco americano, com altos valores em dólares. Padre Giovanini devia estar mobilizando recursos para financiar a campanha para a criação de sua reserva indígena. Fiquei conjeturando sobre a origem daquele dinheiro, sobre os ideais do padre, sobre sua fé cega e devoção à “causa indígena”. Aquele padre era realmente obscuro, tão obscuro quanto é a orbe celeste, talvez. Naveguei em meus pensamentos, que um médico, um engenheiro, um militar, um jornalista, todos conseguem ser eficientes; mas um padre como Aldo Giovanini, o que poderia fazer um padre daquele tipo? De repente, sobreveio-me o cansaço e a fadiga que me fez tombar sobre a mesa como que atingido por um tiro.

## O diligente Bernard

Não sei por quanto tempo fiquei adormecido. Despertei quando a porta se abriu trazendo um clarão sobre meu rosto; *Mac* veio avisar-me do sumiço do padre Giovanini, que desaparecera durante a noite. Os índios viram-no se despir da sotaina preta e correr cambaleante até perder-se na escuridão, totalmente nu. Correu como se tivesse sido atraído por uma maldição. O primeiro sol da manhã brilhava ao redor velando as fachadas, janelas e portas feitas de palhas de buriti com uma fulgurância amarelo pálido. Um rosto que apareceu a espiar em nossa frente, logo desapareceu. Somente eu e *Mac* completávamos aquela solidão imóvel. Os índios haviam sepultado seus parentes e o francês, atravessado depois o rio até Bonfim.

- Que estúpido, vamos esquecer o padre, ele terá o fim que merecer – disse *Mac* - precisamos conversar com Bernard, talvez quando souber o que aconteceu com o padre, alguma luz ilumine sua razão.

A voz baixa de *Mac* saiu como um murmúrio. Ele estava visivelmente abalado, e eu, como ele, havia-me sucumbido dos nervos.

Lethem estava silenciosa. Eram quase dez horas da manhã, mas o ar não estava quente e a chuva que caíra durante a noite deixara um cheiro de relva no ar, como um frescor inocente diante das mortes e tantas loucuras. Encontramos Christian segurando uma xícara, tomando café, totalmente esquecido de suas sensações e cuidados diante de dois cadáveres: dois índios mortos na peleja da noite anterior. Bernard havia se retirado ganhando rumo ignorado, provavelmente a fazenda Pirara. O pequeno grupo de Christian tinha conseguido manter seus prisioneiros. Peter Nizinski, com seu bando decidira retirar-se para o Boqueirão da Lua.

O rosto barbado de Christian, mostrava-se ansioso:

- *Mac*, o que faz você pensar que podemos conversar com os índios? Depois do que aconteceu aqui, você acha que isso é possível?

- Vou propor um acordo que Bernard não poderá recusar. Ele sabe que não poderá contar mais com a ajuda e a proteção do padre Giovanini - respondeu *Mac* - precisamos encontrá-lo depressa, cada minuto parado mais próximos estaremos da chegada da *GDF*. Jailan está escondido entre os negros e já deve ter se comunicado com Georgetown - disse.

Percorremos o caminho em direção à fazenda Pirara, onde o *CRU*



havia montado sua base logística. Havia uma dúvida em mim do motivo que havia levado os venezuelanos a cancelar a ajuda aos fazendeiros. Ortega teria interesse em abortar a operação? Em seu jeito simplório, Arnold, talvez, tivesse deixado se convencer por ele, um homem muito mais esperto. Os venezuelanos certamente não temeriam um bando de índios armados. Algum outro motivo interferiu para que não levassem avante a operação. Margareth Mill estaria envolvida?

-Ninguém acreditava que fosse possível os índios se voltarem contra nós - disse *Mac*.

-Uma reação perfeitamente compreensível, senhor – expliquei - todos sabiam que as terras lhes pertenciam, vocês são os invasores, não eles.

- Por esse argumento, toda a América pertence aos índios - ele retrucou enérgico.

Nisso o gerente da *RDE* estava certo. O Distrito era exemplo de um arranjo social peculiar, e seria perfeitamente possível fazendeiros e índios modelarem suas vidas através do respeito mútuo. Mas os radicalismos lançaram o Distrito num sonho opressivo, cindindo todos os sentimentos numa louca hostilidade.

Deixamos alguns homens a cerca de mil metros de nossa retaguarda. Nosso caminhão chamou a atenção de um grupo de índios que mantinha sentinela na entrada da fazenda. O grupo veio em nossa direção estugando os passos, meneando as pernas com pés nus sobre o chão. No mesmo momento, mais de quinze homens surgiram, como vindos do nada, com as armas apontadas em nossa direção e gritando em língua indígena.

Todos reconheceram *Mac*, imediatamente. Um deles aproximou-se brandindo os pulsos como se fosse esmurrá-lo, gritando que ele era um inimigo:

- *Pigary tarybai! Pigary tarybai!*

A hostilidade não o atemorizou, ele gesticulou e respondeu em atorado dizendo que era um deles:

- *Akaraichii paunary!*

Nós estávamos desarmados por precaução. Éramos doze ao todo, mas os índios ficaram tão interessados em *Mac* que nos esqueceram por alguns instantes. Ele era admirado por eles, admiravam-lhe as maneiras polidas com que os tratava, tanto que eram raras as vezes os que não se

fartavam de o elogiar. Pareceu que ele havia conseguido acalmá-los, pois em pouco tempo voltou-se para nós e nos pediu, num gesto imperativo, que o aguardássemos.

Bernard chegou num cavalo em passo de estrada. Desmontou silencioso, passou os olhos sobre nós examinando-nos cuidadosamente, enquanto um grupo de índios esticava o pescoço esperando o início do diálogo com *Mac*. Bernard tinha um despreendimento material no vestir, não obstante ser um líder resoluto e carismático. Ao cabo de um momento, fez um gesto com a cabeça e todos se afastaram. Aproximou-se de *Mac* e disse:

- *Mister MacMillan, pygary daunaiura!* - começou a falar aproximando-se mais ainda.

- Atreve-se a vir até aqui com aqueles que há poucos instantes estavam matando meus parentes? Espero que esta audácia tenha um sentido!

- *Minhayda'y* Bernard, estou aqui em nome de meus amigos, a pedido deles.

*Mac* começou a falar com voz quase forçada:

- Você sabe, Bernard, porque nos conhece bem; você cresceu aqui conosco, mas nós sempre olhamos nossos interesses, os interesses das nossas famílias, de nossos filhos. Todos somos pessoas que se recusaram a se curvar diante daqueles que queriam nos dizer como deveríamos viver. Foi para defender nossos interesses que pegamos em armas. Nenhum de nós quer viver sob as botas de qualquer autoridade que queira dizer o que devemos fazer de nossas vidas; poderíamos ter trabalhado juntos porque até hoje fizemos tudo junto. A falta de diálogo, de entendimento, levou-nos a essa situação. Nossos problemas passaram a existir depois de termos delegado a terceiros nossos destinos. Vocês tiveram o padre Giovanini, nós o cubano a nos fazer de marionetes, dançando, puxados por um barbante controlado por eles e por interesses que não conhecemos. Fomos vítimas, fomos empurrados um contra o outro por pessoas que desconhecem a profundidade de nossas vidas.

*Mac* continuou:

- Nós poderemos ter uma vida melhor aqui, poderemos trabalhar juntos, Bernard. A companhia não é minha, não é de ninguém, é um patrimônio do Distrito. Vocês querem terras? Pois bem, nós podemos decidir como isso será feito. Nunca usamos armas um contra o outro; o que está acontecendo conosco agora? Temos de avançar no tempo, não

precisamos de arma, mortes, traições. Vamos esquecer o que houve, ninguém poderá nos dizer o que fazer, Bernard.

A voz de *Mac* assumiu um tom de súplica:

- Quem disse que precisamos obedecer àqueles que não são do nosso meio, não são como nós? Georgetown, o padre, todos querem nos prejudicar. Vamos dirigir nosso mundo nós mesmos. Por isso temos que permanecer juntos porque ainda hoje o *GDF*, o exército de Burnham deve chegar aqui. Divididos seremos fracos, seremos massacrados como moscas, seremos subjugados, pode acreditar. Por isso estou aqui.

Prosseguiu erguendo mais os olhos:

- *Ungary nbikynny kaxa' uran*, meu coração está triste; por isso, venho propor-lhe trégua. Venho pedir-lhe um momento de sanidade. Vocês já perderam muitos parentes por causa da estupidez que agora grassa entre nós; nós perdemos Gould e nos perdemos em ódios entre nós mesmos. Mas nós podemos mudar tudo isso. Dou-lhe minha palavra de honra que os fazendeiros estão dispostos a sacrificar seus interesses pela paz e a harmonia no Distrito. Você me conhece o suficiente para saber que cumpro minha palavra. A que lugar chegará nosso Distrito se desaguardarmos nossos ódios contra toda forma de razão?

Terminadas estas palavras, *Mac* ficou olhando para Bernard aguardando uma resposta.

Bernard acenou com a cabeça e encolheu os ombros:

- Então é isso, trégua...

Bernard fitou *Mac* com uma expressão séria, com olhos vivos, medindo cada palavra e disse com voz forte:

- Como os fazendeiros podem ser tão cegos, tão surdos? Vocês sempre nos trataram com desprezo e agora querem trégua? - ele olhou para *Mac* como se esperasse uma resposta:

- Sem nós, vocês não são nada, mesmo assim nos tratam com desprezo. Conspiram, fazem reuniões secretas, tudo para ter mais poder sobre nós. Então, depois de fracassarem procuram-nos porque nós podemos salvá-los.

Fez uma pausa e continuou:

- Não somos dignos de uma responsabilidade tão nobre: dar paz aos

fazendeiros. Até quando os fazendeiros vão continuar nos afligir e mesmo assim nos chamar de irmãos, de parentes? Até quando teremos de passar diante de vocês de cabeça baixa, sendo chamados de caboclos?

Respirou fundo e gritou em atorado:

- *Pygary banikinhan waynau tyn!*

- Parece brincadeira. Você vem aqui nos falar em trégua? Quantos de vocês morreram? Nossos parentes estão sendo mortos como formigas, Brad segue pelas fazendas assassinando-nos brutalmente! Então, como podemos falar em trégua? Isso é hipocrisia!

*Mac* baixou a cabeça diante da força acusatória na voz de Bernard, que continuou:

- Uu! Estamos cansados, estamos cansados de sermos tratados como dementes, incapazes de decidirmos nossas vidas. Você vem até mim, chama-me de demente, de incapaz de controlar minha vida, trata-me como uma marionete do padre Giovanini e quer trégua? Meu Deus, *Mac* você está aqui por que pensa que sou um caboclo que a tudo se convence, não é verdade?

Bernard fez uma pausa, caminhou até o caminhão onde estávamos e falou em voz alta, olhando para cada um de nós:

- Ouçam vocês, nunca esqueçam o que vou dizer agora: somos atorados, *ungary aturad, ungary wapichan!* Nossos pais, nossos avós e todos antes deles viveram nessas terras, tirando delas o sustento sem nunca ter tido que comer migalhas de outros. Todas as vezes que quiseram nos tirar daqui, tiveram que enfrentar nossos guerreiros que preferiam a morte à escravidão. Enfrentávamos nossos inimigos olhando para o rosto deles, sabíamos quem eles eram e o que queriam. Mas vocês são diferentes, são piores! Chegaram em silêncio dizendo-se nossos amigos, riram para nós, disseram que iam nos ajudar com suas máquinas, suas medicinas, suas roupas... carregaram nossos filhos nos braços, casaram-se com nossas mulheres, tiveram filhos que passaram a dizer serem nossos parentes. Vocês foram agindo silenciosos, sorrateiros encheram nossas terras de gado, nossos ares com a vibração de suas máquinas voadoras, tornaram-nos empregados nas fazendas por migalhas, e no final se disseram donos de nossas terras. Roubaram tudo de nós, até o nosso orgulho! Quando abrimos os olhos, nada mais podia ser feito. Já não éramos ninguém, porque vocês haviam nos reduzidos a trapos humanos, transformaram-nos em gado, em caboclo. Então, quando alguém ousava gritar para acordar o outro parente, vocês diziam: *Aka' a!* Tem

alguém os manipulando com algum interesse, um padre, um americano, um aristocrata britânico. Sempre foi assim que vocês nos assustaram, porque sempre foi bom sermos assim. Mas se estamos aqui hoje, é porque essa história está mudando, nós queremos que nos respeitem, queremos viver como gostamos de viver, queremos poder novamente andar de cabeça erguida, mesmo que muitos de nós morramos.

As palavras de Bernard ecoavam distante, como se estivessem sendo levadas pelo vento e espalhadas em todo o Distrito. Depois de um breve silêncio, ele caminhou até onde estava *Mac*, que durante todo o tempo mantivera-se numa obstinada imobilidade, e falou:

- Não temos medo de Georgetown, de Burnham! Nenhuma desgraça pode ser maior do que não ter autoestima, não se pode matar quem já está morto, *grandpa* - Bernard olhou para *Mac* em tom de ironia e continuou - olhe à sua volta, quantos de nós não estávamos com vocês há poucos dias? Se estão conosco hoje é porque devolvemos a eles o orgulho, a autoestima, porque preferem a morte à vida que levavam em suas fazendas. Então por que devemos dar-lhes trégua? Vocês sempre correram atrás de seus interesses materiais, foi por isso que se aliaram aos venezuelanos. Tivesse alguém perguntado o que queríamos, teríamos dito. Não pode haver paz entre nós, se vocês se voltam para o desenvolvimento de interesses materiais, interesses egoístas”.

Depois de montar seu cavalo, disse em alto brado:

- Vocês estão derrotados, não por nós, mas pelo presente que ora conspira contra vocês, estão derrotados porque se agarraram aos seus interesses materiais. Se vocês temem Burnham, deviam temer um inimigo maior, bem mais poderoso que ele, ou qualquer outro, deviam temer o acaso e a história, que agora estão do nosso lado. Vocês acreditaram na permanência do mundo como o fizeram; um mundo feito só para vocês. Podemos ter trégua, podemos ter paz, mas vai ser à nossa maneira.

Olhando fixamente para *Mac*, ele disse:

- Detenham Brad: ele é um assassino, um homem demente, totalmente sem escrúpulos. Tragam-no aqui, libertem meu amigo, então, depois poderemos conversar, poderemos falar de trégua e de paz, uma paz duradoura e justa para todos nós. *Atii panadun panaury*. Até mais, irmão - foi tudo o que disse.

Com ligeiro toque no cavalo, todos os índios o seguiram de volta à

fazenda. Pude ver seu ar firme, vivaz, afastando-se. *Mac* entrou no carro e resmungou, tirando os óculos num gesto nervoso e passando a mão por sua frente estriada: “

- Ele conseguiu meter essas ideias na cabeça desses infelizes, *askii!* (merda!)” - praguejou.

Em seguida caiu no mais profundo silêncio. Eu não quis penetrar naquele estado meditativo porque sabia o seu significado. Apenas dei-lhe uma rápida palmada em seus ombros e mencionei que fôssemos procurar Brad. Ele assentiu com um balançar de cabeça. Ele estava tão abatido que preferia sua solidão a qualquer outra companhia.

Naquele momento, todos nós estávamos convictos que deveríamos procurar Brad. Mas não para entregá-lo para Bernard, certamente. Perto do pôr-do-sol, deixamos os vaqueiros em Lethem, e seguimos para a fazenda *Three Brothers*, lugar onde Brad se refugiara depois da luta na fazenda. Chegamos à fazenda e a encontramos na mais completa escuridão, algumas estrelas visíveis no céu pareciam olhar para nós nos alertando no interior daquela outra noite soturna.

*Mac* foi o primeiro a descer. Meus olhos logo avistaram uma figura se esgueirando debaixo de uma mangueira. Todos estavam segurando suas armas. Mantive meu revólver apontado na direção do vulto escuro que veio em nossa direção. A alguns passos ele se revelou: “sou eu”, o sujeito se aproximou de nós, sem camisa. Christian iluminou seu rosto com uma lanterna até podermos reconhecer Ajarani, um dos irmãos da família de Boa Vista. Falou-nos que Brad o enviara para saber quem havia chegado. *Mac* pediu para avisar-lhe sobre nossa presença, e em menos de dez segundos a figura mal-encarada desapareceu entre árvores umbrosas.

Fiquei especulando sobre a reação de Brad, provavelmente não se entregaria, não ele, que viu na insanidade dos fazendeiros um caminho aberto para as suas mais absurdas fantasias. Ao fim de um curto espaço de tempo, o mensageiro de rosto horrendo retornou com uma arma na mão e com a informação de que Brad não se entregaria, tampouco queria conversa alguma, e que todos nós deveríamos abandonar a fazenda. Ele ficou um longo tempo nos olhando, esperando de nós qualquer reação; embora tudo fosse penumbroso, via-se perfeitamente a silhueta de seu rosto duro. Minha boca estava seca, talvez pelo cansaço, pelo desdobramento dos três últimos dias, ou pela forma como aquele sujeito nos olhava. Nunca soube. Juro leitor, que naquele momento o peso de toda a realidade que constituía minha força

fora abatido por uma superstição, um temor de que aquele homem fosse um anjo da morte, e que jamais nos deixaria sair dali vivos. Meu corpo estremeceu ligeiramente, então guiado por uma espécie de instinto, lancei-me sobre as pernas da figura estranha. O impacto arrancou-lhe um gemido, e ele caiu desequilibrado. Senti uma de suas pernas sendo puxada de meus braços, e, mesmo na escuridão, percebi-a voltar pesada na direção de meu rosto. Não pude desviar; o pé pegou em cheio em meu osso malar, projetando minha cabeça para trás. Foi como se um torpedo tivesse explodido na minha cabeça. Senti-a inchar, e logo meu pescoço encheu-se de sangue. Fiquei caído vendo tudo girar ao meu redor. Naquele mesmo momento, *Mac* jogou-se sobre ele tentando controlá-lo, quando um tiro ecoou próximo de mim: Christian pôs o revólver perto da cabeça do horrendo e puxou o gatilho. O tiro varou sua têmpora, fazendo-o desfalecer imediatamente, enchendo de sangue seu rosto. Quando, atordado, esforçava-me para se levantar, uma bala passou assobiando próxima de minha cabeça fazendo todos se jogarem no chão. Mais tiros foram disparados em nossa direção. Christian começou a atirar em frente de forma descontrolada. A escuridão tinha uma tonalidade acinzentada, pesada, o ar estava parado, escaldante diante do cheiro da nuvem de vapor que saía das armas. *Mac* gritou: “fale conosco, Brad, pare com essa loucura!”, nenhuma voz veio do outro lado. Mais dois tiros foram disparados, as cargas lampejaram, e Christian esticou o pescoço na esperança de avistar o irmão: “Brad, sou eu, Christian!”, mais uma vez tiros vieram em nossa direção. Imaginei que era uma tolice ficarmos ali e que Brad fosse para o diabo. *Mac* começou a se mover na direção donde supostamente estaria Brad; ia se arrastando com a arma sobre os braços. Eu e Christian começamos a segui-lo.

Com nossos olhos já acostumados à penumbra, avistamos três vultos escuros e imóveis. Um silêncio de morte tomou conta de nós, enquanto nossos olhos analisavam qualquer sinal de movimento naqueles vultos. *Mac* falou baixinho que tinha todos sob a mira da arma. Fiquei imóvel, grudado no chão, com os pensamentos totalmente ativos. Christian disse que ia se aproximar mais para falar com o irmão; no espaço de alguns segundos estava apenas a poucos passos de Brad, que já havia percebido os sons de nossa aproximação: “Brad, sou eu, Christian, por favor, não atire!”. Os dois vultos que acompanhavam Brad arquejaram mais, até suas silhuetas desaparecerem completamente.

Brad havia se esfaldado diante do som da voz do irmão. Num

murmúrio abafado, respondeu: “vá embora daqui homem!”, e Christian praticamente gritou: “Brad, o que está pensando fazer? Venha conosco!”. Ele nada respondeu. “Brad!”, disse Christian com uma voz mais enérgica: “vamos esquecer tudo, venha conosco!” “Esquecer?”, Indagou de longe Brad num tom exasperado: “você acha que é possível esquecer?”. “Podemos conversar e resolver tudo!”, disse Christian. “David está na Venezuela, nada de grave aconteceu-lhe”. Brad perguntou: “mamãe está morta, não é?”, “verdade, mas ela morreu sem nada saber”, redarguiu Christian. “Não estou arrependido de nada, faria tudo novamente!”, disse Brad. A escuridão, compacta feito parede sólida, dava um aspecto sombrio aos dois vultos que conversam absconsos, sem revelar o rosto um para o outro: “não!”, atalhou Brad: “nunca mais haverá paz em nossa família, nunca mais haverá sossego no Distrito!”. Christian saiu detrás de uma parede e inclinou-se sobre uma mureta até poder avistar Brad, que exaltado gritou: “não, não se aproxime mais!”. A voz de Brad fez Christian deter-se: “tomei decisões que agora estão devorando minha alma. Sinto o veneno delas proliferando pela minha mente e me consumindo numa febre maligna. Não, nunca mais terei paz, Christian, minha vida está destruída...” Christian quis convencê-lo: “irmão, confie em mim, tudo vai se ajustar, quero que venha comigo!”. Christian aproximou mais dois passos de Brad: “você não me ouve?, respondeu Brad levantando-se a ponto de Christian poder ver todo seu rosto: “esta é a última atitude que um homem pode fazer para manter a sua dignidade”. Terminado de falar, Brad apareceu com a arma apontada para a própria cabeça. “Brad, pelo amor de Deus, não!”, gritou Christian em desespero. Naquele momento percebi um estampido estupendo acompanhado de um rápido clarão, e vi o corpo enorme de Brad desmoronar-se, pesado. A bala atingiu-lhe a têmpora direita arrancando fragmentos de massa encefálica quando varou para o outro lado. *Mac* ergueu-se tentando ver o que havia acontecido, em seguida atravessou alguns metros correndo e colocou-se diante do corpo inerte de Brad. Christian ficou parado por um momento, perplexo, iluminando o rosto do irmão com uma lanterna. Aproximei lentamente presumindo que eu não serviria nunca para continuar vivendo entre aquelas pessoas. Sentia-me traído, enganado pelos fatos e pela maneira cruel com que a vida vinha me emboscando naqueles últimos dias. Um torpor espiritual desceu sobre mim. Tudo o que eu havia encontrado era sangue e horror, nada mais. Uma espécie de fraqueza muscular atravessou meu corpo, eriçando cada nervo da cabeça aos pés, que se esvaiu numa onda de frio. Eu tinha andado de um lugar outro, massacrado em todas as minhas forças físicas e mentais, exaurido até o limite de minha resistência, sem um minuto de tranquilidade



na alma. A verdade é que o destino brincava comigo de uma forma obstinada e traiçoeira. Tantas horas de tensão trágica estava deixando meu coração duro: ia de um lado, era depois empurrado para outro, de modo que meus rastros fossem desenhados com sangue. Mas os ares de resto que as circunstâncias me impingiram, não tirou, todavia, minha capacidade de ponderar, e foi assim que ponderei que o fato de Brad ter-se tornado um homem violento e praticado atos de crueldade intensa, naquele momento não tinha o menor interesse. Ele era um Mill que jazia no chão com o rosto transfigurado e frio, vítima da angústia e do tormento da imaginação que se lhes extravasaram desgraçadamente.

Uma vez que, aos olhos de *Mac*, nem tudo estava perdido, ele nos sugeriu irmos outra vez ao encontro de Bernard, numa última tentativa para salvar o Distrito das forças de Burnham. Mantivemo-nos em vigília temendo o aparecimento dos demais que fugiram embrenhando-se na escuridão. Nenhum som ouvimos, a não ser cantos estridulantes de maçaricos que pareciam anunciar presságio de coisas ruins.

Recordei meus primeiros dias no Distrito; vieram em minha memória as conversas com Ben Mill com uma efusão filial. Uma emanção dos céus determinou que suas inquietações se manifestassem sob a forma real, nas tragédias que acompanharam o desfecho da revolta: o movimento do *CRU*, a disputa afetiva entre Brad e David, a morte de Ângela Mill e agora o suicídio de Brad. Mas, de repente, vi-me deliciando com uma satisfação íntima decorrente da necessidade inelutável de tomar consciência de mim mesmo através dos acontecimentos que queriam me abater. O choque mental gerado por um amontoado de desgraças queria me desesperar, mas como já não me sentia mais um jovem, a desordem no meu cérebro foi prontamente brecada. E eu nada mais temia, sentia confiante, seguro, e com suficiente discernimento para ver a vida sob outros ângulos; diferentes, certamente, das excitações juvenis dos meus primeiros dias no Distrito. Minha excitação deveria ser breve diante do sofrimento arraigado que os Mill e os fazendeiros estavam vivendo. Permanecemos na fazenda até encontrar um lugar para sepultar Brad.

Quando os primeiros raios de sol apareceram, esplêndidos, um esplendor de luz soturna foi lançado sobre o rosto sem vida de Brad, deixando à vista uma expressão de horror, medonhamente espalhada por todo o seu corpo. Christian, abraçado ao corpo do irmão, chorou convulsivamente a última despedida. Ele tirou o chapéu com um ligeiro toque e colocou a cabeça próxima do rosto do irmão morto. Com um ardor

soluçoso, levantou o rosto do irmão e o apertou em seu peito como se quisesse tocar-lhe a alma; passou a mão pela face e se aproximou de seus lábios já sem cor. *Mac*, não fosse pela circunstância pesarosa de Christian para com o irmão morto, a aversão que sentia por Brad, o responsável no seu ponto de vista pela desgraça da revolta, teria assumido um comportamento mais ostensivo, talvez numa palavra tivesse dito: "que o diabo te leve!" Contudo, refletiu que deveríamos dar um sepultamento cristão a Brad, quiçá ponderando consigo que já não importava mais o que aquele homem havia feito.

Christian o enrolou cuidadosamente numa rede que encontrara, depois deixou o corpo cair numa cova, e ele próprio lançou cada pá de terra sobre o irmão morto, como se cada movimento fosse uma prece.

As primeiras horas da manhã estavam róseas em toda a volta da casa; o ar gemia, e no resplendor da solidão matutina, começamos a varar a vastidão silenciosa à procura do brilhante Bernard.

Todos nós seguimos silentes e com a cabeça baixa; éramos somente sombras angustiadas, traídas pelos fastidiosos acontecimentos que nos sobrecarregaram desde o início da revolta no Distrito do Rupununi.

## Um último olhar sobre o Distrito

A presença do gado nas savanas, por anos seguidos, evidentemente fez a história do Distrito, e os fazendeiros eram parte dela, pelo menos era isso que passava pela cabeça do gerente geral da *RDE*. Durante anos, o gado fora levado para Georgetown, e quando os DC-3 retornavam, vinham trazendo o dinheiro que erigiria a fortuna dos provinciais fazendeiros. *Mac* coordenava toda a administração da *RDE*: a cada ordem sua, reses eram abatidas, peões contratados e mais fortunas eram feitas. Desde as primeiras horas da manhã, adquirira o hábito de, sobre um cavalo, bambolear o chapéu na direção de peões circunspetos e sisudos, ordenando-os nas fainas impetuosas nos frigoríficos e nas fazendas. Mas não era apenas a *RDE* que *Mac* conhecia com profundidade: sabia distinguir cada fazendeiro e conhecia os índios e peões, a ponto de poder classificá-los em suas preferências, qualidades, vaidades e defeitos. Por isso acreditava poder convencer Bernard.

O gerente da *RDE*, certamente, pensava que todas as surpresas alarmantes se haviam exaurido com os últimos acontecimentos. Porém, as coisas extraordinárias que nos acometeram e as intensas emoções que experimentamos, tinham um caráter pequeno ou inexpressivo diante do que encontraríamos em Lethem. Quando nos acercamos das primeiras ruelas da vila e paramos diante de um grupo de reses, preguiçosamente acomodadas no meio da estrada, alheias à desgraça do Distrito, ouvimos gritos intensos vindos em nossa direção. De repente, tudo se calou, até o silêncio ser quebrado por uma rajada de metralhadora que nos fez lançarmos ao chão. *Mac* foi quem se esticou para tentar ver quem estava disparando contra nós. Seria Bernard? O que viu fez com que o céu despencasse sobre nossas cabeças, e durante um tempo ficássemos congelados e com as sensações amortecidas. Era como se fosse o antegozo da aniquilação dos sonhos daqueles fazendeiros: vários negros movimentavam-se, cuidadosamente, à nossa frente. Haviam-nos visto. *Mac* olhou para nós e disse com tristeza e com uma desolação na voz pelo seu tom: “é o fim, eles chegaram!”, disse isso e pôs-se sentado com a cabeça entre as pernas. Christian ainda disparou um ou dois tiros, mas uma saraivada de balas o fez colar-se no chão e tentar proteger a cabeça com as mãos. Estiquei-me até onde estava *Mac* e o puxei com força, a ponto de arrastá-lo alguns metros até tirá-lo do estado de choque que o acometeu. Aqueles instantes não duraram mais do que cinco minutos; saímos disparados na direção do rio Tacutú e nos lançamos na água

para atravessá-lo. Os soldados da *GDF* nos perseguiram até a margem, e imaginei que fossem disparar em nossas costas, porém, tudo o que fizeram foi gritar e nos amaldiçoar. Quando chegamos à outra margem, *Mac* passou a mão pela cabeça como para dissipar a névoa de um pesadelo opressivo, então voltou os olhos para trás, baixou a cabeça e ajoelhou-se prostrado respirando profundamente, rendendo-se ao que víamos a nossa frente. Penso que ali, naquele momento, mesmo diante daquele absoluto cansaço mental, ele finalmente compreendeu a questão: havia sido vencido numa luta que fora iniciada muito antes da revolta, provavelmente quando Ben Mill dominou os garimpos e os MacMillan trouxeram o gado. Mas eis que ao romper os fios que costuravam as relações étnicas e sociais no Distrito, a vida normal, mantida ativa a duras penas, cheia de culpas veniais e pecados capitais, desmoronara-se como castelo de cartas, revelando uma história incoerente e profundamente dramática, cujo desfecho estávamos vivendo. *Mac*, com a cabeça baixa e mal respirando, sentia-se vencido na luta que travara contra forças morais e sociais poderosas, em cujas profundezas encontravam-se os nomes dos fazendeiros e o mundo de ilusões que construíram. Todos nós estávamos resistindo em falar algo, mas Christian olhou-nos de soslaio e disse com uma voz fraca e com senso de fim: “deem a última olhada para o lugar onde nascemos, nunca o veremos de novo”.

O primeiro ato que refreou e arrebatou nosso derradeiro olhar para Lethem, foi o abrupto aparecimento de uma patrulha do exército brasileiro. Um sargento magro e alto, de olhos acinzentados, seguido por oito soldados, apontava-nos uma arma e pedia que nos aproximássemos. Todos nós avançamos com as mãos sobre a cabeça, até quando ele nos ordenou que parássemos.

Era isso. Os brasileiros haviam sido avisados da revolta e enviaram uma patrulha para Bonfim. Era impossível acreditar, mas senti uma espécie de conforto, como se minha alma juvenil se despedisse definitivamente de mim. Pareceu que a serra azulada queria para si meus arroubos juvenis; não reclamei, e mesmo senti um alívio em minha buliçosa alma, em presentear-lhe esse fadário; em um sorriso disfarçado, eu disse: leve-os.

Fomos totalmente desarmados e transportados para um lugar onde já se encontravam centenas de pessoas: muitos índios, os dois missionários, algumas mães da Missão, o escritor, moradores de Lethem, os tuxauas Orlando e Ronand e alguns fazendeiros. Todos haviam saído temendo o desfecho da revolta. Dalí fomos levados para Boa Vista em um caminhão. Pouco a pouco vi a serra do Cuano-Cuano desaparecer de minhas vistas,

num derradeiro adeus. Aquele fora meu último olhar sobre aquele Distrito, e de longe, podiam-se ouvir os estrondos de bombas sendo jogadas sobre as fazendas pela *GDF*.

Terminam assim as histórias nas quais os homens se guiam por suas paixões. Nunca na vida havia imaginado fazer parte de uma revolta armada, tampouco ter experiências profundas com as paixões de homens como as que tive naquele Distrito. Naquele momento compreendi que deveria ficar calmo e tranquilo diante daquele mar de desgraças, embora de fato estivesse atemorizado, mas não a ponto de envergonhar um homem. Se eu sentia uma fadiga na alma, exposta que foi a uma interminável série de catástrofes, era uma fadiga que se insinuava insidiosa, querendo deprimir e entristecer meu coração, mas que também sussurrava nos meus ouvidos, que aquele era o momento de aspirar à paz.

A vitória de Burnham sobre o Distrito tornou-se completa com a expulsão dos índios do *CRU* das fazendas; muitos deles fugiram para o Brasil. Jailan, que havia se refugiado entre os negros, firmou-se como administrador e chefe político do Distrito; tempo depois fora homenageado em Georgetown como herói.

Quando estávamos em Boa Vista, um avião da *GDF* pousara na cidade com o objetivo de nos resgatar; foram impedidos de desembarcar por ordem de um general, comandante do grupamento de fronteira, que havia vindo de Manaus justamente em consequência de nossa revolta na fronteira com o Brasil. Duramente mais de três dias, uma demorada negociação estivera em andamento. Por conta disso, em Georgetown, um grupo de escoteiros de Boa Vista fora aprisionado por agentes ligados a Burnham, e sua libertação condicionada à liberação do avião. As crianças foram deixadas em Bonfim, e o avião, autorizado a retornar sem nós.

Durante meses ficamos à disposição do serviço de inteligência do Exército Brasileiro. Eu, *Mac*, Christian e uma dezena de fazendeiros zanzamos entre Boa Vista e Manaus, prestando informações sobre a revolta a autoridades brasileiras, que numa época de grande preocupação com a segurança nacional, tinham-nos como suspeitos. Somente alguns dias após, depois de seguidos interrogatórios, fomos liberados para sairmos do país. Todos os outros fazendeiros e suas famílias foram levados para a Venezuela por Ortega. Em Bolívar, e igualmente em Santo Ignácio de Yuruani, um pequeno vilarejo perto de Santa Helena, dezenas de casas foram construídas para abrigá-los, principalmente aos índios que haviam sido arrematados

nas aldeias pelos tuxauas Ronald e Orlando.

Da companhia nada restou. Os soldados da *GDF*, numa manifestação de ódio fuzilaram grande parte dos rebanhos no campo. Centenas de reses foram mortas assim, banqueteadas por urubus e famintos cães órfãos de Lethem. Do mesmo modo, todas as fazendas foram bombardeadas, carros, aviões, tudo tudo fora destruído pela fúria e ódio da *GDF*. A fazenda Pirara tornou-se depois uma fazenda estatal, porém totalmente fracassada em seu projeto de se tornar modelo na produção de gado para a Guiana, um evidente retrato do que se transformaria a Guiana na Era Burnham, oportunamente encerrada no ano de 1980.

Bernard, dizem, desapareceu sem opor resistência à *GDF*; os índios que apoiaram os fazendeiros e as ações do *CRU* foram, do mesmo modo duramente perseguidos, o que os levou a se transferirem maciçamente para o outro lado da fronteira. Especula-se que Bernard esteja vivendo no Brasil, empenhado na organização de um movimento para demarcação de uma grande reserva indígena, chamada Raposa / Serra do Sol. O padre Giovanini, várias vezes tem sido visto sem as sotainas escuras, entre índios supostamente liderados por Bernard. Muitos dizem tê-lo visto, ainda, disfarçado, vestido como freira; outros contam que depois de uma radical transformação no rosto, graças a várias cirurgias plásticas feitas na Itália, o padre anda livremente em Boa Vista com outra fisionomia a instigar índios para invasão de fazendas e demarcação de reservas indígenas. Porém, tudo pode ser mais uma especulação a se somar ao mito em torno de seu nome.

O que sobrou das famílias dos fazendeiros, dispersou-se mundo afora. Arnold foi resgatado por Leck Nizinski e levado para a Venezuela. Ele e Margareth vivem numa confortável casa no Hawaí; quanto a Margareth, acusam-na de ter se apropriado do dinheiro destinado à organização da revolta. Ortega vive em Miami, onde trabalha traficando armas para as utópicas guerrilhas latino-americanas. Christian associou-se a mercenários americanos com o objetivo de retomar o Distrito; planejou bombardear às posições da *GDF* com velhos aviões de caça e reconquistar o Distrito a poder de armas. No entanto, um acidente automobilístico numa via expressa dos Estados Unidos, ceifou-lhe vida. David montou uma empresa aérea para transporte de garimpeiros no sul da Venezuela. Em Santa Elena lançou críticas obstinadas à acolhida pouca generosa dada pelos venezuelanos aos refugiados do Distrito. Perdeu a vida num acidente aéreo, que especulam ter sido sabotagem: uns dizem ser por causa de sua fé política, outros por se envolver com a mulher de um conhecido negociador de diamantes. Jackeline,

bem! Isso é preciso dizer. Eu e ela vivemos juntos. Alguns anos depois que saímos do Distrito, após ela ter-se tornado enfermeira, casamo-nos; hoje temos duas lindas meninas, já adolescentes. Joseph abandonou o Distrito no início da revolta, atualmente vive em Caracas a deleitar-se nos braços de chicas de bustos opulentos, numa casa de tolerância que dirige.

Os MacMillan tiveram igual sorte. *Mac* faleceu recentemente no Canadá; morreu de velhice, assistido por Kati que ele tomou como filha. Lion, que se recusara a participar da revolta, foi encontrado pela *GDF* numa das fazendas da companhia. Foi torturado e maltratado pelos novos policiais de Jailan, até conseguir fugir para o Brasil. Atualmente vive em Boa Vista a flunar de bar em bar, sem nunca deixar de se ufanar da abundância e esplendor de seu tempo. Bryan tornou-se um grande conhecedor da mecânica de aeronaves e trabalha numa pequena companhia aérea canadense.

George Pritchard estabeleceu-se, um ano depois, em Boa Vista e deu início à criação de estabelecimentos de ensino de língua inglesa na cidade. Passados os anos da turbulenta Era Burnham, um de seus filhos retornou para Guiana e formou um partido pluriétnico, que conseguiu algumas cadeiras para o Parlamento nas últimas eleições. No Distrito recebeu votação expressiva dos indígenas. Ramiro Nuñez foi o único fazendeiro a permanecer, gerando suspeitas de sua colaboração com a *GDF*.

Os tuxauas ligados à companhia foram levados para a Venezuela; porém, insatisfeitos, retornaram pouco depois e passaram a viver próximos de uma das maiores aldeias de Normandia. Peter Nizinski passou a viver na América Central, tornando empresário associado a negócios ligados à pesca. Seu pai lamentou até a morte ter abandonado a biblioteca em sua fazenda. Chegou inclusive a empreender uma viagem clandestina até Bonfim na tentativa de reaver seus preciosos livros; descobriu, com desgosto, que todos haviam sido incinerados pela *GDF*. Seu filho, Walter Nizinski, tornou-se renomado cientista na Inglaterra.

Há pouco tempo descobri que Alex Norman, o escritor, jamais conseguira publicar uma única linha do que estudara no Distrito. As experiências vividas nos dias de revolta foram-lhe traumáticas, e a vida transcorrerá-lhe difícil depois de ter conseguido retornar para casa. Vi-o lacrimar quando lhe contei que havia corrido os olhos em seu diário de campo.

Sem ninguém para governar e vigiar, a não ser pessoas esmaecidas sem nenhuma ambição, Jailan, não tendo mais com quem defrontar suas

vaidades: transferiu-se para Georgetown, onde vive uma vida perdida das ilusões de outrora.

Quanto a Lethem, a vila transformou-se numa sombra do que fora na época das companhias e das fazendas, que quando pararam de operar, levaram todas as excitações que faziam a vida dos fazendeiros: os roncos do DC-3, o gado nos lavrados, a faina dos vaqueiros índios, a agitação nos hotéis, o movimento nos frigoríficos; tudo cessou e se calou para sempre. A vila tornou-se pálida, sem vigor, dando a impressão de ser uma mãe que perdeu suas crias. Terminado o espetáculo, suas luzes se apagaram e as cortinas se fecharam.

Nunca consegui saber realmente por que os venezuelanos não apoiaram o movimento como havia sido planejado. Ortega nunca mais fez contato com qualquer um dos revoltosos para explicar qualquer coisa; desapareceu tão rápido como chegara. Porém, entre aqueles que foram vítimas daquela trama, comenta-se que o apoio não se realizou por causa de pressões de americanos que não queriam ver um conflito regional na América do Sul interferindo em seus planos para assegurar a hegemonia política na região.

Estas são, pois, amigo leitor, a maneira como vi aqueles dias de revolta. Mas é uma opinião que se pode suspeitar por vir de quem hoje é apenas um vaqueiro que um dia viveu uma loucura inesquecível, tragicômica, cheia de paixões, e que ficará para sempre presa dentro deste meu potentado coração.

Como havia acostumado na fazenda Pirara, acordo todos os dias muito cedo. Hoje de manhã encontrei Jackeline lindamente arrumada, preparando-se para despertar nossas filhas. Antecipadamente, sabia de seus propósitos; olhei para ela e mencionei:

- Você vai todo o final de semana à igreja, não vejo por que tem de ir justamente hoje, um dia qualquer? - ela fitou-me com olhos doces e respondeu:

- Hoje é um dia em que não posso deixar de fazer minhas preces.

Sáimos em seguida para uma igreja pequena, a vinte minutos de nossa casa. Era final do mês de dezembro; o inverno estava começando e o ar frio entrava cortante pelas narinas. A igreja tinha um ambiente tranquilo, uma penumbra calma e serena que a luz sol da manhã não alcançava. Sentamos na frente, próximos do altar. Pouca gente estava para assistir à missa que



fora exclusivamente encomendada por Jackeline em memória das almas de Ben, Ângela e Brad Mill.

A penumbra deixou-me pensando nos dias de revolta no Distrito do Rupununi. Há trinta anos, naqueles terríveis dias, não sei se fora a Providência ou o acaso, fizeram-me vivenciar acontecimentos trágicos que até hoje estão ativos em meus pensamentos. Eu era jovem e tinha agitados arroubos juvenis. Se cometi o erro de deixar a vida dos fazendeiros me envolver, não me considero vítima da história em que me vi envolvido. As experiências daqueles dias ampliaram meus horizontes e minha compreensão sobre as pessoas em muitos aspectos.

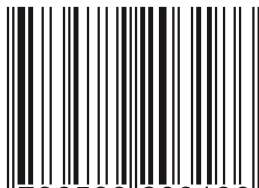
Mas Ben Mill poderia ter evitado o que aconteceu no Distrito? Hoje penso que sim, ou pelo menos poderia ter remediado, impedido o desfecho trágico daqueles acontecimentos. Vejo sempre aquela história passar pela minha cabeça como mais um dos triunfos seus; talvez o mais obstinado de todos, em sua heroica vida.

No silêncio da igreja ele pareceu revelar-se em meus pensamentos como uma nuvem branca, magnífica, dizendo-me que ao trilhar os longos caminhos, rios e florestas das savanas do Rupununi, mais se consegue dar valor às pessoas e a vida. E Ben Mill jamais aceitou a vida como uma fatalidade; construiu um mundo seguro em torno de si, mantendo-o assim até seus últimos dias. As pessoas que estavam em torno dele, com suas credulidades simples, jamais conseguiram compreender como ele evitava que os conflitos raciais e sociais explodissem sem controle no Distrito. O poder da artimanha com que controlava tudo em sua volta revelava seu gênio naquela sociedade de criadores de gado.

Com o rosto iluminado pela luz da vela que levava nas mãos, Jackeline dizia preces silenciosas às almas de seus entes. Fechei os olhos e quis esquecer aqueles tumultuados dias de revolta, mas Ben Mill recusou-se a ir embora; insistiu ficar em meus pensamentos sorrindo de um jeito desafiador.

**FIM.**

ISBN 978-65-89203-18-6



9 786589 203186 >